



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM**

DISSERTAÇÃO

**SURDEZ E NEGRITUDE: UMA PESQUISA SOBRE A
IDENTIDADE NEGRA NO USO DA LIBRAS**

Luana Isabel Gonçalves de Lima

**Mariana, MG
2021**

Luana Isabel Gonçalves de Lima

**SURDEZ E NEGRITUDE: UMA PESQUISA SOBRE A
IDENTIDADE NEGRA NO USO DA LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada:
Interfaces entre prática e teorias
Orientadora: Profa. Dra. Kassandra da
Silva Muniz

**Mariana, MG
2021**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

L732s Lima, Luana Isabel Gonçalves de.
Surdez e negritude [manuscrito]: uma pesquisa sobre a identidade
negra no uso da Libras. / Luana Isabel Gonçalves de Lima. - 2021.
155 f.

Orientadora: Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras:
Estudos da Linguagem.
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Identidade. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Performances. 4.
Negros - Identidade racial. I. Muniz, Kassandra da Silva. II. Universidade
Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 800.95

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



FOLHA DE APROVAÇÃO

Luana Isabel Gonçalves de Lima

“Surdez e Negritude: Uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 15 de outubro de 2021

Membros da banca

Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Diléia Aparecida Martins - Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 15/10/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Kassandra da Silva Muniz, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/01/2022, às 20:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0231552** e o código CRC **983F0D58**.

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a Maria do Carmo, José Felix, Daiana, Elson, Samuel e minha pequena Laura, por serem a minha fortaleza e nunca me deixarem desistir.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por me conceder o dom da vida e ter me proporcionado vencer todos os desafios e finalizar essa jornada. A Nossa Senhora Aparecida por atender ao meu pedido em realizar o Mestrado.

Agradeço em especial aos meus pais, José Félix e Maria do Carmo, por serem meus grandes incentivadores, por sempre acreditarem em mim, por ser minha rede de apoio no momento da maternidade, sem vocês eu não conseguiria finalizar essa etapa. Aos meus irmãos Elson e Daiana por toda parceria, paciência, carinho e por me proporcionarem o equilíbrio nesse processo. E a minha cunhada Emília, por estar presente em minha vida e também nessa fase, obrigada por todo apoio.

Agradeço ao meu noivo Samuel, por todo apoio, por estar sempre ao meu lado, por ser um pai exemplar para a nossa Laura. Obrigada por me incentivar sempre desde o início e por estar comigo no dia a dia compartilhando a vida, agradeço por toda paciência que teve comigo.

Agradeço a minha pequena Laura, que veio ao mundo no decorrer do mestrado e em tempos de pandemia. Sua chegada foi a alegria em nossas vidas. Sou muito grata pois dedico essa vitória a você, que foi minha maior motivação.

Agradeço aos familiares que estiveram comigo nesta etapa, por todo incentivo e apoio. Em especial, agradeço aos meus amigos que estão comigo ao longo da minha vida e aos que o mestrado me deu, à Sueli Calixto, Amanda Ribeiro e Viviane Moreira. Foram muitos os apertos, mas, conseguimos vencer. A amizade de vocês fez grande diferença nessa trajetória.

À minha amiga Fúlvia que foi minha rede de apoio mesmo que a distância, que me confortou e acalentou nos momentos de desespero na maternidade e nos estudos com mensagens motivacionais, de conselhos e carinho.

À Universidade Federal de Ouro Preto, por proporcionar uma educação pública e de qualidade e um corpo docente de excelência. Aos docentes do POSLETRAS, pelas aulas inesquecíveis e por todo aprendizado. Aos funcionários e técnicos administrativos por toda atenção, ajuda e dedicação.

Agradeço imensamente a querida orientadora Kassandra Muniz, por ser minha fortaleza, pelas compreensões e orientações nos contextos acadêmicos e de vida, obrigada por me fazer redescobrir quem sou de verdade e por me ensinar tanto.

Aos amigos do GELCI – Grupo de Estudos sobre Linguagens, Culturas e Identidades e ao NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, pelos compartilhamentos e trocas tão significativas.

À Universidade Federal de Viçosa, por me conceder a liberação para cursar o mestrado e aos colegas de profissão por todo apoio. Aos meus queridos amigos Daniele, Lucas e Marcelo por toda orientação, conselhos e carinho, por estarem comigo sempre, obrigada por tudo.

Agradeço aos professores Clézio Gonçalves e Diléia Martins por aceitarem fazer parte da banca e por todas as reflexões e contribuições tão valiosas.

Agradeço aos participantes da pesquisa, pela concessão da entrevista, sem vocês eu não conseguiria realizar esse trabalho tão importante. Sou eternamente grata.

Enfim, a todos que estiveram presentes nessa trajetória de minha vida, deixo meu **MUITO OBRIGADA!**

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal verificar se os negres Surdes performatizam a Libras de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto da língua. A discussão volta-se a partir de dois momentos específicos: 1) - Apresentar os estudos que abordam a Linguística Aplicada Transgressiva desenvolvida por Pennycook (2006) em diálogo com os Estudos Culturais de Hall (1997); 2) - Verificar a possibilidade de uma sinalização ou sinais próprios dos negres Surdes. Ao refletirmos sobre essa temática, podemos fazer a seguinte indagação: Os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras de acordo com a sua identidade étnico racial? Para responder ao problema da pesquisa, este estudo se baseia nos pressupostos teóricos do campo da Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva em consonância com os Estudos Culturais que abordam as concepções de surdez, identidades, performatividade e racialidade. Como procedimentos metodológicos, dentro da abordagem qualitativa utilizamos a pesquisa etnográfica e o estudo de caso, e para alcançar os objetivos propostos a técnica escolhida para a geração de dados foi a entrevista semiestruturada. Para complementar a pesquisa foram realizadas entrevistas com Tradutores e Intérpretes de Libras, que foram concebidas como narrativas dentro desse trabalho como teor memorialístico, onde foi realizado uma pergunta geradora para que fosse desenvolvido de forma livre, sobre a temática voltada para o racismo dentro do ambiente de trabalho. Dos resultados alcançados, os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras diferente por serem negres. Pelo fato da questão social, no qual as pessoas brancas têm mais acesso às escolas em comparação às negres e Surdes, por sempre de famílias de baixa renda e não tem condições de acesso escolar, e isso impacta dentro da comunidade surda e impacta também em relação a acessibilidade da Libras, pelo fato da maioria dos ambientes escolares não ter a presença do Tradutor e Intérprete de Libras em sala de aula. Além disso, a maioria dos Surdes nascem em famílias ouvintes e o contato que os Surdes têm com a Libras é somente na escola, assim, acontece a aquisição da Libras tardia.

Palavras-chaves: Identidades; Libras; Performance; Negritude

ABSTRACT

The main objective of this research is to verify whether Deaf blacks perform Brazilian Sign Language according to their ethnic racial identity construction and the impact of this language. The discussion turns from three specific moments: 1) – Present the studies that approach the Transgressive Applied Linguistics developed by Pennycook (2006) in dialogue with the Cultural Studies of Hall (1997); 2) - Check the possibility of signaling or signs typical of Deaf blacks. When reflecting about this topic, we can ask the following question: Do black Deaf subjects perform Brazilian Sign Language according to their ethnic racial identity? In order to answer this research problem, the current study is based on theoretical assumptions in the field of Critical and Transgressive Applied Linguistics in line with Cultural Studies that address the conceptions of deafness, identities, performativity and raciality. As methodological procedures, within the qualitative approach, we used ethnographic research and case study, and to achieve the proposed objectives, the technique chosen for data generation was the semi-structured interview. To complement the research, interviews were conducted with Brazilian Sign Language Translators and Interpreters, who were comprehended as narratives within this work as a memorial content, where a generative question was asked to be developed in a free way, on the theme focused on racism within the environment of work. Regarding the results achieved, it was observed that through the research question "Do Black Deaf subjects perform Brazilian Sign Language according to their racial ethnic identity?" Deaf black subjects perform this language differently, because they are black. Because of the social issue, in which white people have more access to schools compared to blacks and Deaf people, always from low-income families who cannot afford school access, and this impacts within the Deaf community and also impacts in relation to the accessibility of Brazilian Sign Language, due to the fact that in most Brazilian schools' environments there aren't Brazilian Sign Language Translators and Interpreters in the classroom. In addition, most Deaf people are born into hearing families and the contact they have with Brazilian Sign Language is only at school, so the acquisition of this language takes place lately.

Keywords: Identities; Brazilian Sign Language; Performance; Blackness

LISTA DE ABREVIATURAS

ASL – American Sign Language

CELIB – Curso de Extensão em Libras

CM – Configuração de Mão

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LA – Linguística Aplicada

LAC – Linguística Aplicada Crítica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSF – Língua de Sinais Francesa

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

M - Movimento

TILSP – Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa

UFV – Universidade Federal de Viçosa

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa.....	72
QUADRO 2 – Identidades Negres Surdes.....	75
QUADRO 3 – Identidades Culturais.....	76
QUADRO 4 – Dupla diferença “negre” e “Surde”	77
QUADRO 5 – Diferença Identitária.....	78
QUADRO 6 – Performance na Libras.....	79
QUADRO 7 – Identidades Interseccionadas.....	80
QUADRO 8 – Reconhecendo identidades e privilégios.....	81
QUADRO 9 – Compreensão do racismo pelos Surdes.....	82
QUADRO 10 – Lugar de fala.....	83
QUADRO 11 – Código de ética dos TILS e Neutralidade.....	85
QUADRO 12 – Regra ou Preconceito?.....	85
QUADRO 13 – Estética e profissionalismo.....	87
QUADRO 14 – Racismo Estrutural.....	90
QUADRO 15 – O Impacto do racismo no ambiente profissional.....	93
QUADRO 16 – O racimo “em cena”	95
QUADRO 17 – Como entender o racismo?.....	97
QUADRO 18 – Corporeidade e Gênero.....	100
QUADRO 19 – O assédio invisível.....	103

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1. LINGUÍSTICA APLICADA, LÍNGUA E PERFORMANCE	22
1.1 Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva	22
1.2 Performatividade e Língua	25
1.3 Trajetória histórica sobre a Língua Brasileira de Sinais.....	33
1.4 Variação Social e Libras.....	41
2. CULTURA E IDENTIDADES SOCIAIS.....	45
2.1 Contextualizando as Identidades	45
2.2 Identidades negres	52
2.3 Identidades negres Surdes	55
2.4 Corpo, Performatividade e TILS	61
3. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	65
3.1 Desenho da pesquisa.....	65
3.2 Coleta de dados.....	67
3.3 Participantes da pesquisa	71
3.4 Análise dos dados	72
3.4.1 Identidades Sociais e Cultura	74
3.4.2 Linguagem e Performatividade na Libras	78
3.4.3 A Neutralidade numa perspectiva da estética das TILS negras.....	84
3.4.4 Corporeidade “em cena” e as narrativas do racismo	89
3.4.5 O Assédio sob a perspectiva de gênero	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	110

ANEXOS	123
ANEXO 1.....	123
ANEXO 2.....	125
ANEXO 3.....	126
ANEXO 4.....	132
ANEXO 5.....	135
ANEXO 6.....	139
ANEXO 7.....	141
ANEXO 8.....	143

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, vinculada à linha de pesquisa Linguística Aplicada: Interfaces entre práticas e teoria do Programa de Pós Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (POSLETRAS), incorpora-se aos estudos sobre a performatividade da Libras dos sujeitos negres Surdes¹ e a construção identitária étnico racial e o impacto da língua. Este estudo aborda questões relacionadas às identidades, língua, performatividade, corporeidade e as concepções dos Estudos Surdos, na perspectiva da Linguística Aplicada e Transgressiva (PENNYCOOK, 2006) em diálogo com os Estudos Culturais (HALL, 1997).

Esta pesquisa é fruto de minha trajetória acadêmica, quando tive os primeiros contatos com pessoas Surdes² e iniciei os estudos na área da Língua Brasileira de Sinais - Libras, também como profissional Tradutora e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa - TILSP e como estudante do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, onde pude aprofundar ainda mais sobre minha temática de estudo.

Os motivos/justificativas acadêmicas serão descritos detalhadamente a seguir no item “Construção do objeto de estudo”, mas para meu anseio pessoal pesquisar uma temática que envolve diferentes assuntos, que diversas vezes não são pensados como possibilidade de pesquisa para mim é motivo de orgulho e também um desafio. Assunto este que voltam-se às questões sociais necessárias para contribuir com uma possível transformação social e as pesquisas transgressoras que conforme Pennycook (2006, p.74) afirma “[...] as teorias transgressivas não somente penetram território proibido, como tentam pensar o que não deveria ser pensando, fazer o que não deveria ser feito”. A transgressão, conforme Jenks (2003, p.3) “é aquela conduta que destrói as regras e transgride os limites”. Ou seja, o objetivo é realmente levar essa pesquisa de forma transgressora, inovadora e interdisciplinar.

¹ A linguagem neutra de gênero, trata-se de “uma forma de comunicação que procura superar a binaridade entre feminino e masculino, usando para isso a neutralidade para se referir às pessoas. A linguagem binária de gênero — mesmo quando usamos a forma feminina e a masculina juntas — não é representativa para todas as pessoas, porque existem pessoas que não se identificam com os gêneros feminino e masculino” (RIBAS, 2019).

² “Para marcar ainda mais a diferença, convencionou-se grafar “surdo” com a primeira letra em caixa alta “Surdo” quando se quer referir não aos aspectos audiológicos, mas aos culturais ou políticos da condição de surdez” (MAGNANI, 2007).

Ao iniciar e aprofundar nas disciplinas do POSLETRAS, e participando de palestras e eventos, pude perceber que o interesse foi aumentando na medida que os questionamentos e incertezas se tornaram frequentes. Dessa forma, iniciar essa dissertação é começar a entender sobre os sujeitos negres Surdes e suas identidades a partir da Libras, ou seja, como performatizam a Libras conforme sua identidade étnico racial. Assim, a importância de pensar nesta problemática volta-se em refletir sobre a ideologia linguística, na identificação negra e Surda, e o impacto da língua.

Como foco da pesquisa evidenciamos a Língua Brasileira de Sinais – Libras que é utilizada pelos Surdes que vivem no Brasil, regulamentada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desses sujeitos. Passou a ser entendida como uma “língua em que o sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituinte de um sistema de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas Surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). Após o reconhecimento dessa língua, foi regulamentado o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, amparado pela lei supracitada, que insere a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores em nível médio e superior e nos cursos de fonoaudiologia.

Cada país tem uma língua de sinais reconhecida legalmente e possui os mesmos universais linguísticos que caracterizam as línguas orais, e o reconhecimento político das línguas de sinais no mundo partiu das reivindicações dos movimentos sociais Surdes, com o apoio das pesquisas linguísticas e pedagógicas.

Segundo Skliar (1998) e Teske (2013), os Surdes são sujeitos bilíngues que convivem com a multiculturalidade de duas línguas, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa e a Libras. Os Surdes são atravessados por essa diversidade cultural, e desenvolvem suas identidades e a historicidade em sua forma de ver e estar no mundo por meio da modalidade linguística visual-espacial, além dos valores, comportamentos e tradições. Assim sendo, as identidades Surdes vão se construindo a partir do multiculturalismo da combinação entre cultura Surda e cultura ouvinte.

No contexto da cultura Surda, Strobel (2007) observa que geralmente os estereótipos que os representam são negativos, sendo denominados como mudos, deficientes, anormais, doentes, dentre outros. A autora menciona que “talvez, a mais ‘sofrida’ de todas, as representações no decorrer da história dos Surdos, é a de ‘modelar’ os Surdos a partir das representações ouvintes” (STROBEL, 2007, p. 23).

A Linguagem e a identidade são elementos importantes de uma cultura que surge através das interações coletivas que são experimentadas, e está em constante transformação. Assim, a cultura passa a existir a partir da interação entre os sujeitos de diferentes gerações, tendo a linguagem como meio de comunicação e de sobrevivência (STROBEL, 2008).

O termo cultura é utilizado no seu sentido plural, ou seja, são diferentes culturas, como, a cultura indígena, a cultura Surda, a cultura americana a fim de expressar a singularidade e a diversificação que este conceito abrange (COSTA *et al.*, 2003).

E dentro de uma cultura podem existir outras culturas, como por exemplo: dentro da cultura Surda podem existir a cultura dos Surdes que são negros, dos Surdes homossexuais, das mulheres Surdas. Assim, é dentro dessas comunidades que as identidades vão sendo construídas e desenvolvidas, originando o ‘ser Surde’.

Nesta perspectiva, trazemos a discussão dos negres Surdes que a partir de sua cultura possuem uma “dupla diferença”³, conceito proposto por Furtado (2012, p. 45), “que compreende os negres Surdos como sujeitos duplamente diferentes, a partir dos estereótipos existentes em relação aos Surdos e em relação aos negros”. Neste estudo, a “dupla diferença” é compreendida a partir de como a identidade negre Surde pode impactar na performance da Libras.

A importância de discutirmos sobre essa temática é pensar pelo viés dos aspectos étnicos raciais, culturais e linguísticos dos negres Surdes, visto que tanto os negres quanto os Surdes foram concebidos, ao longo dos tempos, como sujeitos inferiores, ou seja, grupos discriminados e excluídos da sociedade.

Ao refletirmos sobre essa temática, o problema da pesquisa volta-se para a seguinte indagação: Os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras de acordo com a sua identidade étnico racial? Para responder ao problema da pesquisa, este estudo baseia nos pressupostos teóricos do campo da Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva em consonância com os Estudos Culturais que abordam as concepções de surdez, identidades, performatividade e questões étnico-raciais.

Como hipótese desta pesquisa, podemos partir do princípio de que a língua varia diante de diferentes critérios, como região, idade, gênero, raça, classe social, e da ideia que a linguagem é impactada pelas questões sociais e de identidades. Assim, investigar a Libras a

³FURTADO, Rita Simone Silveira. Narrativas Identitárias e Educação: os Surdos negros na Contemporaneidade. 2012. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

partir dos negres Surdes significa pensar em uma língua de sinais performatizada por esses sujeitos, ou seja, pensar no uso da Libras a partir das identidades negres, pois refletir a língua é pensar em uma ideologia linguística promotora da construção das identidades dos negres Surdes e a performatividade da Libras.

Compreendo que é necessário ter um olhar mais atento para os negres Surdes e sua interação com a língua de sinais, enfatizando a necessidade de discussões, estudos e pesquisas que abordem essa temática, a fim de sabermos como eles têm vivido na sociedade, na condição de sujeitos dessa pesquisa que possuem, a dupla diferença, a língua, no caso a Libras e sua identidade negra.

Nesta pesquisa nos interessa como objetivo principal verificar se os negres Surdes performatizam a Libras de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto da língua. A discussão volta-se a partir de dois momentos específicos: 1) - Apresentar os estudos que abordam a Linguística Aplicada Transgressiva desenvolvida por Pennycook (2006) em diálogo com os Estudos Culturais de Hall (1997); 2) - Verificar a possibilidade de uma sinalização ou sinais próprios dos negres Surdes.

A justificativa desta pesquisa evidencia as discussões e desafios no campo cultural e social no que se refere à Língua Brasileira de Sinais através da perspectiva que envolve as questões étnico-raciais dos negres Surdes. A Libras por se tratar de uma língua natural, é suscetível de estudo e pesquisa, assim como acontece com as línguas orais. Os desafios são advindos das modificações legais a partir da nova regulamentação referente à inclusão social e educacional da Libras, oficializada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 e também pelas questões que envolvem as identidades sociais dos sujeitos da pesquisa, bem como, sua língua.

Outra questão que abrange esta pesquisa diz respeito à cultura Surda, que segundo Strobel (2008), a importância desta cultura para os Surdes que participam das comunidades Surdas, que compartilham algo, está no conjunto de normas, nos valores e nos estilos de vida. A cultura Surda para os Surdes é algo que invade seus corpos.

Assim sendo, considero que os Surdes percorreram e ainda percorrem uma longa trajetória, que através de suas lutas e conquistas realizaram uma quebra de paradigmas. Deixaram de serem vistos como deficientes e incapazes e considerados como minoria linguística e cultural, para hoje terem o reconhecimento da sociedade ouvinte de que possuem uma língua e uma cultura própria, e que podem estar inseridos na sociedade.

Diante da comunidade Surda é relevante enfatizar que estes sujeitos possuem uma

organização enquanto grupo, onde discutem suas necessidades e anseios, e juntos lutam para alcançar as soluções, enquanto grupo Surdo.

Pensar no impacto da língua pelo viés da construção identitária dos negres Surdes é pensar também no uso da Libras. Assim, através dessa temática podemos verificar alguns estudos sobre os negres Surdes em relação à língua, e também que demonstra uma questão política, identitária e de resistência.

É importante demonstrar a escassez de estudos que explorem temáticas voltadas à língua, enfatizando a Libras, identidade e negritude englobando essa tríade que se faz necessária às discussões, sendo uma área promissora de pesquisas futuras.

Podemos destacar alguns autores que são importantes na área das línguas de sinais como, (STROBEL, Karin (2009); PERLIN, Gladis (2006); QUADROS, Ronice (1999); KARNOPP, Lodenir (1994); FERREIRA-BRITO, Lucinda (1995); GESSER, Audrei (2009); CAMPELLO, Regina (2010); SKLIAR, Carlos (1997/2004); STOKOE, (1976); BELLUGI & KLIMA (1979); LIDDELL (1980); LILLO-MARTIN (1986), e dentre outros que embasaram nossa pesquisa.

Como metodologia da pesquisa utilizamos a qualitativa, pelo fato de privilegiar a consciência do sujeito, entendendo a realidade social como uma construção humana. A pesquisa é de cunho etnográfico e o estudo de caso, pois, nos ajuda a compreender um processo sistemático de observar, detalhar, descrever e documentar o estilo de vida dos participantes da pesquisa. E o estudo de caso, pois, é a essência a característica da investigação qualitativa, em que suas etapas são de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos. Sendo que sua aplicabilidade é o uso de estratégias em situações humanas, contextos contemporâneos de vida real. E para a coleta de dados a técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada.

De acordo com Pennycook (2006), o uso do termo transgressivo refere-se para demarcar os instrumentos políticos e epistemológicos que rompem as fronteiras do pensamento crítico e das ações tradicionais, ou seja, pensar o que nunca antes foi pensado. E conforme nas reflexões de hooks⁴ (1994, p. 13) transgredir significa “opor, resistir e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe”.

Assim, a transgressão considera os efeitos/valores que a língua produz na sociedade, refletindo sobre como nossos discursos colaboram com a perpetuação do preconceito e da

⁴ A autora assina suas publicações com o nome em minúsculo para marcar uma postura acadêmica contra-hegemônica.

discriminação contra as pessoas de diferentes classes, raças, etnias, gêneros, idades e outros aspectos que compõem as identidades dos sujeitos.

De acordo com os conceitos de hooks (1994, p. 75) a transgressão sugere “mover-se para além das fronteiras, o direito de escolher, de dizer a verdade e de exercer a consciência crítica, o direito de reconhecer as limitações, a mudança de paradigmas e o desejo de ‘conhecer’ para além do que está imediatamente perceptível”.

As pesquisas em Linguística Aplicada Crítica - LAC, envolvem um campo de estudo que a Linguística Aplicada propõe um rompimento com o positivismo e o estruturalismo, bases do pensamento iluminista europeu, como forma de explorar o caráter histórico, político e cultural da língua (PENNYCOOK, 1998). Ou seja, “pesquisas que envolvem uma transdisciplinaridade, que tenham posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade” (PENNYCOOK, 1998, p. 39).

Nesses termos, um dos principais desafios da LAC seria encontrar meios para “compreender a relação entre os conceitos de sociedade, ideologia, capitalismo global, colonialismo, educação, gênero, racismo, sexualidade, classe e as interações de sala de aula” (PENNYCOOK, 2001, p. 5).

Trazer a Linguística Aplicada Transgressiva para este estudo é poder abordar diferentes temáticas em uma única pesquisa e transgredir do modelo tradicional para um modelo transdisciplinar, envolvendo língua, raça e identidade. Como sugere Moita Lopes (2006, p. 96) “ao problematizar o papel desse campo de pesquisa no palco das mudanças paradigmáticas que vêm ocorrendo nas ciências sociais e nas humanidades em virtude do que ele denomina crise da ciência moderna”. Dessa forma, é necessário estudar a fundo o que as outras pessoas estudam; é necessário entender de raça, de gênero, de sexualidade, de identidade etc., tentando compreender como a língua(gem) opera na construção dessas categorias e, por conseguinte, no mascaramento das injustiças sociais (MOITA LOPES, 2006).

Assim, pesquisas com temáticas voltadas para a surdez, negritude, língua e identidades devem ser difundidas, pelo fato de possibilitar um embasamento teórico e contribuir com pesquisas futuras, e trabalhar com a LA transgressiva é transcender a pesquisa para diferentes áreas do conhecimento.

Portanto, a pesquisa justifica-se pela importância de estudos sobre as identidades dos sujeitos negres Surdes e a performatividade da Libras, no enriquecimento do léxico e na difusão dessa língua. E, dentre as discussões, os negres Surdes precisam ser respeitados em sua diferença, sem que esta seja vista como déficit e estigmatizada pela sociedade. E, como

afirma Pennycook (2006, p. 83) “uma LA transgressiva está sempre engajada em práticas problematizadoras”. Nessa perspectiva podemos entender que não são os Surdes que precisam ser mudados, mas os discursos recorrentes na sociedade.

Construção do objeto de estudo

A motivação para pesquisar o tema surgiu, inicialmente, da minha convivência e participação junto à Comunidade Surda de Viçosa - MG, cidade na qual nasci e moro. Este contato iniciou no ano de 2010 quando ingressei no curso de Letras na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Logo no meu segundo período de curso me matriculei na disciplina de Introdução a Língua Brasileira de Sinais - Libras, onde tive meu primeiro contato com a Libras, e contato com pessoas Surdes que participavam das aulas para ministrar palestras a pedido da professora. Assim, esse primeiro contato com a Libras me permitiu abrir os olhos para um novo mundo da inclusão e a vivenciar experiências da vida cotidiana dos Surdes e das relações com seus pares.

Posteriormente, com o interesse em aprender mais sobre a Libras e adentrar nesse universo Surde, me envolvi em projetos de ensino, pesquisa e extensão nessa área. O primeiro projeto que participei intitulado “Corpo e Saúde: Significados de Planejamento Familiar, Sexualidade e Reprodução para as Mulheres Surdas de Viçosa - MG, Brasil” envolvia a saúde sexual e reprodutiva e questões relativas à contracepção e período gestacional das mulheres Surdas, questões que relacionavam ao corpo, a saúde e a língua. O objetivo específico era fazer um mapeamento dos serviços públicos de saúde da cidade de Viçosa - MG, e verificar o atendimento e conhecer o desenvolvimento do Sistema de Saúde em relação ao planejamento familiar e saúde reprodutiva para as mulheres Surdas. Assim, o projeto me trouxe um novo olhar para com as mulheres Surdas, visto ser um grupo minoritário e frágil, pois, havia a falta de informação sobre a saúde da mulher e reprodutiva, além disso, poder levar informação para essas mulheres em sua primeira língua (L1).

Outro projeto que participei referente à saúde da mulher surda intitulado “Libras em Interface com as Unidades de Saúde: Práticas Reflexivas Acerca dos Direitos Humanos e de Saúde Sexual e Reprodutiva das Mulheres Surdas de Viçosa - MG”, que tinha como objetivo a indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão no fazer acadêmico no oferecimento de cursos de formação, com a finalidade de construir uma visão crítica e reflexiva dos estudantes de graduação na atuação junto aos profissionais da área da saúde e,

consequentemente, às mulheres da comunidade local que seriam beneficiadas com as trocas de experiências. As capacitações em Libras, tornaram-se de extrema importância para suscitar o interesse nos aspectos linguísticos dessa língua, da Comunidade Surda e de sua construção enquanto grupo minoritário. Sendo um projeto que proporcionou uma ação pedagógica que produziu uma relevância social.

Outros projetos foram de grande importância na minha trajetória acadêmica e de aprendiz da Libras, assim ministrei cursos de formação continuada em Unidades Básicas de Saúde e escolas da minha cidade. A participação nesses projetos me fez interessar ainda mais pela Libras.

Já no ano de 2011, iniciei o Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB), onde me dediquei a estudar a Libras a fim de aprender a língua para participar mais da comunidade Surda de Viçosa e região, visto que nesse período meu conhecimento na Libras era básico. Após ter realizado todos os níveis do CELIB, finalizando-o em 2013, fui convidada para ser professora de Libras do curso. Fui professora/bolsista de 2013 a 2015, e nesses 3 anos me engajei na área da Libras, participando também de outros projetos que envolviam a Libras.

Esse envolvimento com os Surdes e as participações em projetos de ensino, pesquisa e extensão, despertou-me o interesse pela área da Libras. Estas experiências possibilitaram desenvolver muito na Libras, a entrar em contato com os Surdes, além disso, me possibilitou observar a existência de múltiplas identidades Surdes. Ao perceber as questões complexas que envolvem as identidades desses sujeitos, como a vivência em uma sociedade que é maioria ouvinte e falante da língua oral, houve uma motivação para compreender como se dava a representação de sua identidade linguística e social.

Além de ter participado de projetos de ensino como professora de Libras, tive experiências na área da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa (TILSP), atuei como voluntária em diversos espaços, em sala de aula, palestras, acompanhando os Surdes em consultas médicas, em cursos ofertados pela instituição, enfim, foram várias experiências que me motivaram ainda mais a seguir nessa área.

No ano de 2013 foi divulgado um concurso para Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa, e como meu desejo era seguir nessa área, me propus a tentar, apesar de já ter algum conhecimento na área e ter atuado voluntariamente em espaços que me permitiam fazer a tradução e a interpretação, foi mais por experiência do que por

vontade em ser aprovada. Mas, felizmente, a aprovação saiu no final do ano de 2014, ano no qual já estava finalizando minha graduação.

No final do ano de 2014 realizei a apresentação de minha monografia intitulada “Crenças no ensino e aprendizagem da Libras via CELIB - UFV”. Este foi um estudo voltado para averiguar sobre as crenças no ensino e aprendizagem da Libras e como essa língua contribui para a formação de professores que frequentaram o curso CELIB.

Posteriormente, tomei posse na UFV e ingressar na área de tradução e interpretação no ensino superior foi algo novo e desafiador, visto que, apesar de ser fluente na Libras, precisei me adaptar às questões voltadas para a área de tradução e interpretação, pois, minha atuação era na área do ensino de Libras.

A partir do momento em que comecei a atuar no ensino superior enquanto profissional TILSP surgiu o interesse em pesquisar mais sobre a Libras. E, no segundo semestre de 2015, ingressei como aluna não-vinculada⁵ na disciplina “Interação em sala de aula”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. O desejo de estudar e analisar sobre questões voltadas para a área da LA englobando a Libras começou a se consolidar mediante as reflexões em sala de aula. As discussões voltavam para a temática da Análise da Conversa Etnometodologia (ACE) e da Sociolinguística Interacional, e todas as discussões me motivaram e apoiaram as reflexões para o desenvolvimento da minha pesquisa. Nesse período, meu interesse de estudo voltava-se para questões sobre a análise da conversa e fala-em-interação em contextos educacionais e a interação na Libras.

Após ter realizado duas tentativas em ingressar no mestrado na UFV e não ter obtido sucesso, tive a possibilidade de conhecer a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Assim, averigui sobre as linhas de pesquisa do programa e vi que a possibilidade de estudos na área da Libras seria grande.

Assim, ingressei como estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pela UFOP em 2019, na linha de pesquisa 3: Linguística Aplicada: Interfaces entre teorias e prática. Minha proposta de pesquisa volta-se para o estudo da Libras dos sujeitos negres Surdes, se a língua é performatizada de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto da língua.

Inicialmente minha pesquisa voltava-se para a questão da variação linguística da Libras dos Surdes no ensino superior e o processo de fala-em-interação, porém ao avançar no

⁵ Aluno não-vinculado é aquele que se matricula na disciplina sem estar oficialmente ligado ao programa por meio de aprovação em processo seletivo.

programa de mestrado e nas disciplinas, algumas indagações foram aparecendo, o que me possibilitou na reformulação de minha pesquisa. A motivação em inserir em minha pesquisa os negres Surdes deu-se a partir de um evento que participei no meu primeiro ano de mestrado, o “*CIEL - III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem*” que aconteceu na Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná (UEPG). O evento teve como objetivo discutir alternativas, caminhos que não corroborem o epistemicídio e nem silenciam vozes subalternas, um evento que buscou pensar o decolonial, trazendo discussões relacionadas a povos, culturas e diferentes identidades. Participando do evento, e percebendo todos os assuntos que foram discutidos nas palestras, vi que poderia unir temáticas que fariam de minha pesquisa decolonial e transgressiva.

Assim, surgiu o tema da minha pesquisa “*Surdez e Negritude: uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras*”. Chegar a esse tema não foi fácil, foi preciso muita leitura, pesquisa e dedicação, mas enfim, cheguei no tema no qual estou muito satisfeita.

A motivação em pesquisar sobre essa temática é devido ao contexto em que estou inserida, primeiramente, por ser negra e atuar como profissional TILSP, e pensar também sobre a atuação desse profissional frente as questões de racismo, discriminação e preconceito no ambiente de trabalho, assim, dentro dessa perspectiva, podemos discutir sobre raça, gênero, língua e identidades. E, também pensar a performatização dos negres Surdes, que estão inseridos em diferentes espaços da sociedade.

Diante do exposto esta dissertação está dividida em 3 capítulos. Após a *Introdução*, no capítulo 1, *Linguística Aplicada, Língua e performance* iniciamos nossas discussões relacionando a Linguística Aplicada e o campo dos estudos transdisciplinares, indisciplinados e interculturais relacionados ao estudo da linguagem. Abordamos as pesquisas no campo da Linguística Aplicada e a Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva do autor (PENNYCOOK, 2006) que aborda sobre o conhecimento interdisciplinar e transgressivo, tornando um modelo de pesquisa mais dinâmico. Trazemos as discussões sobre a visão performativa da linguagem e os conceitos dotados aos estudos culturais. O capítulo 2 *Cultura e Identidades Sociais* discutirá sobre as identidades sociais, voltando-se para as identidades dos negres Surdes, e a corporeidade e performatividade dos TILS negres. E o capítulo 3 *Metodologia e Análise dos dados* abordará as impressões e caminhos metodológicos durante a coleta e a análise dos dados. Por fim, trazemos as *Considerações finais*, o qual retomará os objetivos que dialogam com os critérios de análise desta pesquisa.

1. LINGUÍSTICA APLICADA, LÍNGUA E PERFORMANCE

Neste capítulo apresentamos sobre os estudos da Linguística Aplicada, voltadas para questões que envolvem a língua através de sua performance. Tratamos sobre a Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva, discutida por Pennycook (2006) e englobando os conceitos de atos de fala e performatividade de Austin (1990). Também falamos sobre a Libras, as legislações que envolvem essa língua e como vem sendo aplicada no Brasil e os estudos atuais sobre a Libras mostrando sua evolução e difusão. A partir da discussão sobre a Libras, fizemos dois encaminhamentos: o primeiro, é referindo se a Libras é unívoca para todas as pessoas, ou seja, é a mesma língua ou todo mundo performa a Libras? O segundo encaminhamento é que para responder essa questão nos valem sobre a variação linguística para conduzir essa discussão.

1.1 Linguística Aplicada crítica e transgressiva

A Linguística Aplicada é um campo de estudo transdisciplinar, indisciplinar e intercultural que identifica, investiga e busca soluções para problemas relacionados à linguagem na vida real. Assim, esta pesquisa aprofunda em questões que possibilitam a interação de diferentes campos do saber e busca a construção do conhecimento, do uso da língua, da interação, do comportamento social e das identidades sociais.

A LA tem buscado expandir suas visões e conceitos para dar conta da multiplicidade de sentidos, contextos, relações e demandas que abordam os usos da língua como práticas sociais. Moita Lopes (2008) defende que a LA busque compreender as questões do papel da linguagem, por sua articulação com epistemologias e teorizações que caracterizem a contemporaneidade e que questionam e problematizam pressupostos modernistas. Tais pressupostos, por sua vez, buscam objetificar processos subjetivos, categorizando sujeitos e comportamentos e produzindo, assim, verdades e discursos oriundos da ciência positivista moderna, incluindo concepções de sujeito, língua e linguagem.

De maneira inter/transdisciplinar e crítica a Linguística Aplicada “Mestiça”, “Indisciplinar” ou “Transgressiva” (MOITA LOPES, 2008) têm buscado dissociar análises que até então não levariam em conta a fluidez e a complexidade, possibilitando, assim, que a

prática altere ou sugira novos percursos teóricos sobre a língua, e sendo, éticos, contingentes e plurais.

A Linguística Aplicada Crítica (LAC) enfoca o termo crítico designando quatro significados. Como aborda Pennycook (2006, p. 67), o termo crítico envolve o sentido de desenvolver distância crítica e objetividade; no sentido de ser importante socialmente; seguindo as tradições neomarxistas; e como uma prática pós-moderna problematizadora.

A LAC é entendida como “abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos, em vez de como um método, uma série de técnicas, ou um corpo fixo de conhecimento” (PENNYCOOK, 2006, p. 67). Dessa forma, podemos entender que a Linguística Aplicada Crítica traz o conhecimento interdisciplinar e transgressivo para modificar a forma de pensar e fazer, problematizando os discursos e gerando um modelo de pesquisa mais dinâmico.

Para a LA de modo geral, “o objeto de investigação é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem” (MENEZES, *et al.* 2009, p. 1).

A partir dessa questão é definido o conceito da LA numa perspectiva indutiva relacionado a “uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada” (MENEZES, *et al.* 2009, p. 3), porém esse conceito que foi dado a LA ainda sofreu críticas e modificações até o conceito que utilizamos atualmente.

A Linguística Aplicada estuda as questões da língua em uso e aborda o estudo de todas as línguas independentes de sua modalidade, por isso, compreender as questões que envolvem a língua exige um olhar político refinado do espaço cultural predominante, no qual estamos inseridos.

Em relação à Libras objeto desse estudo, os obstáculos e os diversos cenários pelos quais o sujeito Surde passou e passa em sua trajetória de língua e construção de sua identidade é motivo de pesquisa. Por isso, ao assumir uma pesquisa que envolve Linguística Aplicada e a Libras, é possível abrir possibilidades de reverter a ideia de ‘suposto fracasso’ que é imposto na língua, e dar possibilidades de difusão e valorização da Libras.

Uma pesquisa que propõe reunir a performatividade que aborda o corpo e as identidades sociais dos negres Surdes na Libras e que envolve discussões da Linguística Aplicada, evidencia que o estudo da Libras é um fator decisivo na mediação para os avanços nas políticas e contribuir para a interação e vivência dos Surdes na sociedade.

O avanço da Libras pode ser notado por meio de Congressos na área da Linguística Aplicada, conforme discutido por Archanjo (2011) que trata sobre o percurso da LA no Brasil, iniciado a partir de congressos como o CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada). Os congressos configuram a identidade da LA apresentando temáticas da área, e a cada evento realizado, subáreas vão sendo englobadas, possibilitando a expansão e divulgação de novas pesquisas. Assim, a Libras também foi incluída como temática a ser difundida. A autora destaca que a LA tem diversas relações disciplinares, que ao longo do seu percurso torna-se multi-, pluri-, inter-, e transdisciplinar, ou seja, a LA abarca todas as áreas do saber a partir dos estudos da língua em uso.

Pensando no surgimento da Linguística Aplicada, Cavalcanti (1986) *apud*. Nascimento (2010) aborda os quatro sentidos dos pioneirismos, sendo eles, a LA como campo híbrido das trocas interdisciplinares; a vocação da LA por suas múltiplas abordagens; a LA com o foco na relevância multidisciplinar de seus resultados; e a LA como não sendo uma aplicação de teorias linguísticas. O autor ainda trata a LA a partir da ação social por meio da linguagem, o que pode incluir a educação linguística, vista como forma de mediação e promotora de encontros sociais.

Segundo Cavalcanti (1986), o marco da Linguística Aplicada no Brasil acontece com a criação do segundo programa de Pós-graduação Brasileiro em Linguística Aplicada, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, com destaque à Maria Antonieta Alba Celani, conhecida como a mãe da Linguística Aplicada no Brasil. A partir daí, surgiram outros programas de Pós-Graduação o que possibilitou a expansão para todo o Brasil, concentrados na área da LA e em Estudos da Linguagem.

O trabalho da LA pauta-se no processo de “(re)narração ou (re)descrição da vida social”, onde Moita Lopes (2006) explica que a Linguística Aplicada e a vida contemporânea estão diretamente ligadas à compreensão do que é a Linguística Aplicada. Isso mostra que o linguista deve conhecer as questões contemporâneas do mundo e não separar a teoria da prática. O mundo social e a forma de produzir conhecimento muda como ocorrem as mudanças de natureza social, cultural, econômica e tecnológica.

Conforme Boaventura Santos (2001) *apud*. Moita Lopes (2006) “uma profunda transformação nos modos de conhecer deveria estar relacionada, de uma maneira ou de outra, com uma transformação profunda nos modos de organizar a sociedade”. Isto posto, mostra que o conhecimento deve ser novo, e o processo de construção do conhecimento deve ser transformado, envolvendo uma mudança na vida social.

Em suma, vemos que a Linguística Aplicada surgiu como uma área voltada para o estudo de língua estrangeira e hoje abrange diversos campos responsáveis pelo surgimento de várias outras investigações que possibilita a transdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a pluri-transdisciplinaridade. A LA foca em novas formas de pesquisas e novos olhares sobre a língua para que seja desenvolvido um trabalho crítico e reflexivo, objetivando dar suporte a quem está recebendo o conhecimento da língua, pois, socializar é transformar algo a ser lecionado com o meio onde está inserido, ou seja, o social é uma forma de difundir as pesquisas e mostrar que elas são válidas.

Na Linguística Aplicada Transgressiva Pennycook (2006) afirma que,

[...] a LAC [Linguística Aplicada Crítica] é bem mais do que a adição de uma dimensão crítica à LA. Ao contrário, possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses, tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo, ou a reprodução de alteridade, que até então não tinham sido considerados como de interesse da LA (PENNYCOOK, 2006, p. 68).

De acordo com os pressupostos da LA transgressiva e indisciplinar, constata-se uma “necessidade crucial a de ter instrumentos políticos e epistemológicos que permitam transgredir os limites do pensamento e das políticas tradicionais” (PENNYCOOK, 2006, p. 74). Dessa forma, considera-se que a LA Transgressiva é pautada por subjetividades plurais, múltiplas e emergentes que favorecem o pensamento e atitudes críticas e rupturas com ordens discursivas dominantes e opressoras pelo pensamento crítico.

1.2 Performatividade e Língua

Para discutirmos sobre a linguagem temos que adentrar aos conceitos de performatividade, que para Austin (1990) relaciona-se a linguagem com base na teoria dos Atos de Fala. O autor revoluciona a filosofia questionando premissas fundamentais da linguística, proporcionando uma discussão em torno da filosofia da linguagem, que propõe “uma teoria filosófica sobre a natureza e estrutura da linguagem, examinando noções como termo e proposição, sentido e referência, nomes próprios e predicativos, verdade, etc., que virão a ser os conceitos-chave desta teoria da linguagem” (AUSTIN, 1990, p. 8).

Austin (1990) recorre a exemplos que são da prática cotidiana de usos linguísticos, ou seja, o estudo da linguagem e suas dificuldades e implicações pela e para a filosofia. De modo geral, a linguagem como performativa desloca os limites dicotômicos de pares como, por

exemplo, sujeito e objeto, já que a preocupação maior está em estudar o sujeito e o uso que ele faz de seu objeto, a saber, a fala.

Assim, “o objetivo da filosofia analítica é estudar o funcionamento da linguagem antes de estabelecer modelos lógicos, modelos ideais que deem conta de questões filosóficas” (OTTONI, 2002, p. 119). Assim, a linguagem é analisada a partir das dificuldades frente aos procedimentos filosóficos tradicionais.

Para Austin (1990) o método revela seu “interesse pelas regras em uso da linguagem, pelo que ser ou não dito, enfim pela gramática” (p. 9). Este é um exemplo real para aproximar reflexões mais concretas a respeito do uso da linguagem e de experiências interacionais do cotidiano. O método de análise leva em conta o contexto de uso das expressões e os elementos constitutivos das concepções de linguagem, que abordam os elementos do contexto através das convenções de uso por meio das intenções dos falantes, sendo a linguagem como forma de ação.

Na perspectiva de Austin o conceito de “ação” é um elemento constitutivo da performatividade, “sendo que a ação é uma atitude independente de uma forma linguística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação” (OTTONI, 2002, p. 129).

A linguagem é analisada através do seu contexto social e cultural, das práticas sociais, dos paradigmas e valores, ou seja, esses são elementos inerentes à linguagem, e é assim que deve ser analisada, constituído pela realidade e pela interação comunicativa, sendo que “linguagem e realidade, em seu aspecto tanto lógico como epistemológico” (AUSTIN, 1990, p. 10).

Austin (1990) apresenta uma nova abordagem da linguagem que trata de uma série de conceitos teóricos como performativos, força locucionária, ilocucionária e perlocucionário, que estabelece diferentes tipos de atos de fala ou uma nova concepção de linguagem, quanto a sua estrutura e seu funcionamento. São questões que abarcam a filosofia e a linguística, produzindo uma tensão da força do novo, o que pode ser construído e desconstruído.

Assim, o termo performativo,

“[...] será usado em uma variedade de formas e construções cognatas, assim como se dá com o termo “imperativo”. Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo “ação”, e indica que ao se emitir o proferimento está - se realizando uma ação, não sendo, consequentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo” (AUSTIN, 1990, p. 25).

Segundo o autor o proferimento do discurso deve ser feito de modo apropriado no momento e no lugar correto, podendo esta ação ser realizada sem a utilização do proferimento

performativo, mas devem mover-se por uma intenção adequadamente a nossa ação. Porém, é evidente que exista um procedimento que seja convencional, que inclui o proferimento de palavras, pessoas e circunstâncias.

A noção de linguagem constitui o conceito de performativo, visto que, ao enunciarmos, estamos praticando uma ação e, portanto, seu sucesso ou fracasso só pode ser analisado no ato praticado, ou seja, vai depender das circunstâncias produzidas do Ato de Fala (OTTONI, 2002).

O conceito de performatividade da linguagem nos ajuda a pensar e permite compreender sobre as identidades, como as de gênero e de raça, a partir das interações sociais quais as identidades de “homem”, “mulher”, “pai”, “jovem”, “velha” são construídas e articuladas a outros elementos como gênero, raça, classe social, idade e etc., elementos que “operam efeitos de identidades (PINTO, 2002, p. 115 *apud*. MACHADO, 2016, p. 23) nas relações em torno do corpo dos sujeitos regulados por representações simbólicas que encerram seus corpos em identidades fixas.

Para Austin (1990) toda a linguagem é performativa, pois não se trata de descrever a linguagem, mas sim analisá-la a partir de sua performance. O autor afirma que a linguagem ordinária desconstrói tais visões filosóficas tradicionais, o que causa impacto também na área da Linguística ao discutir os conceitos de performativo e constativo. Assim, não se trata de pensar a linguagem de forma “compartimentada, institucionalizada”, mas sim como performativa (OTTONI, 2002, p. 122).

Austin (1990) apresenta a distinção dos atos de fala em três partes, três atos simultâneos: o ato locucionário, é quando utilizamos a fala em determinadas ocasiões; o ato ilocucionário assim como o locucionário estão ligados a convenções, o ato ilocucionário é o ato de realização de uma ação através de um enunciado; e o ato perlocucionário, é o que produz efeito sobre o interlocutor, ou seja, são as consequências. É através destes três atos, que o autor faz a distinção entre linguagem e mundo, sentido e força, “já que o ato locucionário é a produção de sentido que se opõe à força do ato ilocucionário; estes dois se distinguem do ato perlocucionário, que é a produção de um efeito sobre o interlocutor” (OTTONI, 2002, p. 128).

Na perspectiva de Austin a visão performativa da linguagem expressa nossa postura política e teórica frente à noção de linguagem, de discurso e de identidades, em diálogos com os conceitos de gênero e de raça. Dessa forma, a visão performativa Austiniana da linguagem,

percebe as circunstâncias da enunciação na qual as palavras são empregadas produzindo sentidos no mundo social (MACHADO, 2016).

Adentrando ainda mais no conceito de performatividade, relacionamos as discussões com identidade e cultura, que de acordo com Muniz (2016) escrever sobre a performatividade é possibilitar pensar a relação entre linguagem e identidades, sendo elas não fixas e estanques, relacionando-as com a identificação linguística como negro e negra que em nosso país se dá de uma forma política e contingencial.

Muniz (2016) aborda que na visão da ciência linguística a concepção é de uma linguagem ordinária, ou seja, a que utilizamos, possuem erros e precisa ser corrigida, visão que está presente nas escolas e é como os sujeitos percebem a linguagem. Assim, o problema que enfrentamos é que as pessoas se sentem estrangeiras dentro do seu próprio território linguístico, devido a não se inserirem no sistema da língua que é pronto e acabado, é apenas partilhada por uma comunidade linguística específica.

Conforme Rajagopalan (2008) *apud*. Muniz (2016), as produções do conhecimento que tem como base o senso comum, a linguagem ordinária, as identidades, as revoluções do cotidiano serão vistas com desconfiança, até mesmo por aqueles que sofrem a arbitrariedade dos dominantes que consideram como científico.

Mignolo (2008) *apud*. Muniz (2016) discute que pensar a ciência, a língua e as identidades é assumir uma postura crítica, um pensamento decolonizado, pensando nas possibilidades de uma Linguística Crítica Pós-Colonial, ou seja, a necessidade de se ter uma discussão mais política dentro da linguística, e o importante é desconstruir os projetos modernistas.

É evidente que podemos trazer os conceitos da Linguística Aplicada Transgressiva para abarcar essa discussão, visto que, nos dizeres de Pennycook (2006), a LA Transgressiva rompe com as fronteiras do pensamento crítico e das ações tradicionais, ou seja, resgatar o que nunca foi pensado.

Dessa forma, os conceitos de performatividade discutidos anteriormente, interligam com a LA Transgressiva, ou seja, uma pesquisa transgressora, que desconstrói as pesquisas modernistas. Nos dizeres de Rajagopalan (1990), a questão é problematizar,

Detesta ele toda sorte de estardalhaço. Para ele, problematizar é a palavra de ordem - o lema de seu projeto filosófico (desconfiava até mesmo desta última palavra) - problematizar mesmo quando as coisas estão parecendo se encaminharem para um desfecho satisfatório (RAJAGOPALAN, 1990, p. 231).

Para Muniz (2016) a razão imperial/colonial está impregnada em muitas afirmações na área da Linguagem, o que julga os sujeitos e suas línguas pela dificuldade em assumir o caráter político da Ciência e da Linguística.

A autora bell hooks (2008) reflete a respeito da violência linguística dizendo que, [...] eu sei que não é a língua inglesa que me fere, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar (hooks, 2008, p. 858).

A autora expõe o olhar frente às pesquisas em Linguística, o lugar e o seu posicionamento. Conforme, Quijano (2005) *apud*. Muniz (2016), "[...] a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial" (QUIJANO, 2005, p. 108). Ou seja, é uma relação entre identidades, língua e racialidade, onde dentro dessas três perspectivas entendemos o poder colonial e político de grandes nações, também de pensar os sujeitos e suas línguas.

Nas considerações de Muniz (2016, p. 779),

Para refletir sobre esses conceitos, é imprescindível pensar a forma como as existências indígenas e negro-africanas foram construídas tendo repercussões discursivas e sociais excludentes até hoje para essas populações. Só será possível construir e considerar as diferentes línguas, sujeitos e as cosmovisões que eles criam por meio da língua se primeiro desconstruirmos o que se tem hoje como a identidade desses sujeitos (MUNIZ, 2016, p. 779).

Dessa forma, é preciso que tenhamos a noção de identidade relacionada ao movimento político, e este processo perpassando pela língua e pela reivindicação histórica e cultural.

O conceito de performatividade passa pelas discussões de linguagem, identidade e cultura, que tem uma dimensão epistemológica, sendo chamada de “virada cultural”, no sentido substantivo, empírico e material da palavra (HALL, 1997, p. 17), referindo-se ao poder instituidor de que são dotados os discursos da cultura, que transformando nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo. Desde o entendimento de que os discursos constituem-se como redes de significações, o autor considera que os mesmos são tomados pelos sujeitos para se auto interpretar e acabam por produzi-los. A interpelação acontece quando o sujeito se reconhece a partir dos discursos. Ele os toma como algo que lhe diz respeito, identifica e produz como um sujeito daquele modo, compreende e explica a si e ao mundo a partir daquele regime de verdade.

A cultura na perspectiva de Stuart Hall é um dos elementos mais dinâmicos e imprevisíveis da mudança histórica. Em suas palavras, “[...] não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural” (HALL, 1997, p. 20).

O autor aborda que a cultura tem assumido uma importância sem precedentes no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, sendo constitutiva em toda análise social (HALL, 1997).

De acordo com Hall (1997), a cultura não é apenas uma, cada sujeito tem sua cultura, como por exemplo: a “cultura do trabalho”, a “cultura da masculinidade”, a “cultura surda” e outras representações de cultura. De acordo com o autor todas as práticas sociais que possuem um significado relevante têm uma dimensão cultural, ou seja, a prática social é constituída culturalmente. Assim, consideramos que nesta perspectiva, não há apenas um conceito de cultura, que seja fixo, estanque ou engessado, é um conceito que se modifica ao longo dos tempos.

Para Hall (1997), os discursos e as representações são produzidos na e pela cultura que estão interligados ao jogo de relações de poder, que pela ocorrência destes discursos vão surgindo e sendo construídas algumas verdades. Assim, a cultura está relacionada com significados partilhados através do acesso comum à linguagem, que é central para a representação, para os significados e valores que são produzidos pela cultura e tem a linguagem como engrenagem na sua comunicação e manutenção, sendo que a linguagem é a principal responsável pela criação e produção de significados que são dados às coisas.

Entretanto, os significados se diferenciam em relação ao tempo e aos lugares, o que significa dizer que em cada cultura existe um significado diferente para o mesmo fato ou objeto e, no que se refere ao tempo, os significados mudam de acordo com o momento histórico em que se vive (HALL, 1997).

Em se tratando da performance na Libras, ela se mostra além do corpo Surdo, transcendendo sua cultura e identidade. O corpo Surdo transmite o poético através da Libras, é onde traz a voz do Surdo, ou seja, a leitura do seu corpo. A sinalização do Surdo envolve a sensibilização e a transmissão de sentimentos, sendo esta uma expressividade forte, devido ao uso das expressões faciais e movimentos corporais. É através da performance do corpo Surdo que evidencia questões sobre raça, valorização da identidade da língua de sinais e da cultura Surda.

O corpo Surdo enquanto *Lócus* Cultural, (re)significa a cultura por meio das suas experiências, assim, cada corpo tem uma percepção particular do mundo, que é expressa e compartilhada por meio da linguagem. Para tanto, as experiências e os discursos dos sujeitos envolvidos (re)significam o processo. Assim, o corpo é o *Lócus* cultural (LIMA & GEDIEL, 2015).

Em se tratando da surdez, Diniz (2003) afirma que é a diferença biológica que traz também uma diferença cultural e linguística, principalmente, com o uso da língua de sinais. Sendo essa língua de modalidade visual-espacial, a qual tem um conjunto de aspectos gramaticais e linguísticos próprios, com flexibilidade perceptível e riqueza linguística, que possibilita transmitir sentimentos, emoções e abstrações (GESSER, 2009).

Devido à percepção visual-espacial dos Surdes, essa particularidade lhes confere características culturais próprias, sentidas e experienciadas através da Libras. Assim, o compartilhamento da língua é também uma maneira de codificar e perceber o universo simbólico, no qual estão inseridos. Assim, a sinalização, ou seja, o uso da Libras é um fator importantíssimo para a comunicação e na compreensão do mundo Surdo, e de como eles se identificam e são identificados. Tais fatores influenciam nas formas como ocorrem as interações sociais, as trocas simbólicas e linguísticas entre os membros do grupo (LIMA & GEDIEL, 2015).

As questões relativas à “Cultura Surda” estão pautadas pelo conjunto de “significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam, desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989, p. 66). A partir deste princípio, os sinais estão presentes nas formas de comunicação da vida cotidiana, desde a construção dos nomes próprios até o uso de palavras coloquiais. Evidencia-se, aqui, um sistema complexo de significados (LIMA & GEDIEL, 2015).

Na teoria de Csordas (2008) sobre o corpo Surdo que é visto como um campo metodológico, tendo em vista que o corpo é um *Lócus* cultural, que é criado a partir do compartilhamento da linguagem com os outros corpos em interação. Cada corpo possui uma identidade, uma história e uma cultura que é construída a partir das experiências e vivências corpóreas, concomitantemente ao universo simbólico de uma estrutura social que é anterior ao corpo do sujeito. Assim, a performance mostra algo que é anterior ao corpo, mostra a cultura, a história e as identidades dos sujeitos.

O conceito de performance está ligado ao da identidade visto, que, “as identidades têm a ver com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a

produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2000, p. 40). Pensando nos sujeitos Surdes e suas trajetórias de vida, é construída pela identidade Surda a partir das relações sociais estabelecidas no contato entre Surdes, que compartilham o uso da mesma língua (GEDIEL, 2010).

Hall afirma que a construção das identidades, “[...] as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e de práticas discursivas específicas” (HALL, 2000, p. 109).

Dessa forma, as noções de cultura, identidades e de comunidade estão ligadas à construção dos sujeitos Surdes, que é diferenciada pelos aspectos históricos e sociais e pelos discursos dos sujeitos (PERLIM, 1988).

Contudo, em se tratando de pesquisas que envolvem a língua, devemos primeiramente entender como é a cultura desses sujeitos, para posteriormente, adentrarmos ao estudo da língua em si, possibilitando decifrar os discursos de fala e as interações sociais. Assim, encaixando as questões que envolvem língua, a performatividade e Libras, é, sobretudo trabalhar num contexto que podemos abarcar as discussões sobre identificação negra Surda e a linguagem, constitui uma pesquisa transgressiva e anti-colonial.

O estudo da linguagem sempre exige novos questionamentos, tais como os atos de fala que são estritamente políticos. Conforme Muniz (2009, p. 107) “Auto-identificar-se como “negro” hoje significa ao mesmo tempo uma questão de afirmação e orgulho pela raça também uma reivindicação por direitos”. Podemos levar essa afirmação para os Surdes também que diante de seu reconhecimento e se identificarem como sujeitos Surdes, é uma questão de reivindicação pelos direitos de acesso à língua e por serem reconhecidos como tal. E quanto aos negres Surdes que possuem essa dupla identificação, em relação a raça e a língua.

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. Colocando essa tese na sua formulação mais radical: falar de identidade; seja do indivíduo falante seja da língua isolada, é recorrer a uma ficção conveniente [...] (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42 *apud*. Muniz, 2009, p. 111).

Contudo, a performance da língua de sinais é como um ato político, pois, permite ao corpo do negre Surde instaurar o discurso. Isso reflete que a noção de identificação é um

movimento político e um processo que passa pela língua, e o movimento dessa identificação é uma reivindicação linguística e política, que reivindica uma identidade verdadeira, prezando pela sua história e sua cultura.

Pensarmos na estética, ou seja, na performance dos negres Surdes é refletir sobre a produção pelas comunidades Surdas, que solicita uma atenção singular por conta da modalidade visual-espacial da Libras (KARNOPP, 2010). É pensar no composto de língua e cultura que afeta a autoria de uma performance em língua de sinais. Em relação à cultura Surda, compreendemos através da forma como os Surdes interagem entre si, dos artefatos culturais, quanto pela forma como o Surdo se relaciona com o ouvinte (BISPO, 2019).

Em defesa da valoração do corpo e da cultura Surda, Nadia Sá (2010) *apud*. Bispo (2019, p. 27), afirma que:

Ora, a cultura dos surdos recria-se todos os dias, mas é muito ignorada e desconhecida [...]. Como o problema da surdez está localizado em um corpo individual, a taxonomia médica é reproduzida e assegurada, perpetuando interpretações da surdez enquanto a experiência de uma falta ou enquanto uma incapacidade ou deficiência (SÁ, 2010, p. 108-109 *apud*. BISPO, 2019, p. 27).

Diante de toda a discussão a cultura Surda se reinventa a todo momento e a língua de sinais promove os Surdes como sujeitos no mundo a partir de sua identidade Surda. É nesse ato de performance que acontece a reinvenção cultural do Surde, em sua diferença, ocupa novos espaços e produz outras linguagens, performances que geram um sentimento de liberdade através do uso da sua língua. A língua de sinais para os Surdes é a vitalidade de toda comunidade espalhada pelo mundo.

1.3 Trajetória histórica sobre a Língua Brasileira de Sinais

Os estudos linguísticos da Libras vêm sendo desenvolvido no Brasil desde a década de 1990, por meio de estudos que embasam a compreensão da gramática da língua de sinais. Ferreira Brito (1995[2010]) afirma sobre o caráter natural da Libras e sua complexidade, que surge para atender as demandas linguísticas dos Surdes por meio da modalidade visual-espacial.

Como marco inicial da Libras temos a criação do antigo Instituto Imperial dos Surdos-mudos, que atualmente é o Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES, fundado em 1857, no Rio de Janeiro (HONORA & FRIZANCO, 2009). O INES funcionava em formato de internato e abrigava Surdes vindos de diversas regiões do Brasil, a comunicação era

estabelecida através da Língua de Sinais Francesa - LSF e da Libras, visto que a Libras surgiu a partir da LSF. Muitos Surdes da instituição tornaram-se representantes de grande importância por todo o Brasil, sendo responsáveis pela difusão e valorização da Libras e protagonista Surdes dentro da comunidade Surda. Outra instituição de importante renome na história dos Surdes é a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - FENEIS, relevante instituição de valorização da educação de Surdes (MONTEIRO, 2006).

Segundo Lopes (2007) as instituições educacionais tiveram um papel fundamental na construção histórica dos sujeitos Surdes, conforme as interpretações que as próprias instituições atribuíam à noção de surdez. Na educação de Surdes passou das práticas do “oralismo”, pela “comunicação total” até chegar ao contexto histórico atual do “bilinguismo”.

A história dos Surdes remete um grande sofrimento, no início do século XX eram vistos como incapazes de exercer a cidadania, não podiam exprimir suas vontades, eram consideradas pessoas não habilitadas, proibidos de viver em sociedade e junto a família, sendo mantidos isolados, em conventos e mosteiros. Desde os primórdios da história a Surdez sempre esteve presente nas mais diferentes formas da sociedade, contudo, encarada e tratada de formas distintas de acordo com o contexto e período histórico. Segundo Karin Strobel (2009), desde a Idade Antiga temos registros de concepções excludentes sobre os indivíduos Surdes.

Em 1880 ocorreu a Conferência Internacional de Educadores Surdos, conhecido também como Congresso de Milão, ocorrido em Milão, na Itália. O objetivo desse congresso foi decidir sobre os rumos da educação de Surdes. Os participantes eram a maioria ouvintes, e acreditavam na superioridade da língua falada, consideravam que as línguas de sinais eram um retrocesso na evolução da linguagem. As resoluções durante o congresso foram a proibição das línguas de sinais e a predominância pelo oralismo. Os Surdes foram proibidos de utilizar as línguas de sinais, se fossem vistos sinalizando, como punição teriam suas mãos amarradas. Os impactos do Congresso de Milão foram terríveis na Comunidade Surda e em todo o mundo. Estima-se que já na primeira década após o Congresso de Milão o ensino das línguas de sinais já estava quase completamente erradicado das escolas. Proibidos de utilizar as línguas de sinais, crianças Surdes no mundo inteiro deixavam as escolas com qualificações e comunicação inferiores. Assim, no Congresso de Milão ocorreu a imposição de uma norma que não foi aceita pelos Surdes.

Após 100 anos iniciou o árduo processo de rejeição das resoluções do Congresso de Milão e a reestruturação da educação das pessoas Surdes. Somente em julho de 2010, no 21º

Congresso Internacional de Educação de Surdos, sediado em Vancouver, Canadá, houve uma votação formal e todas as resoluções do Congresso de Milão foram abdicadas.

Diante disso, percebemos que políticas linguísticas são decididas por autoridades e, em geral, sem consultar aqueles que utilizam a língua, que a têm como língua materna. O contrário disso ocorre quando os próprios usuários tomam decisões sobre sua língua, (KAPLAN & BALDAUF, 1997 *apud*. CÁCERES, 2014). Nem sempre esta última opção é a que se consolida. Quando olhamos para a história da educação de Surdes, percebemos que estes desenvolveram-se sob uma filosofia oralista, com foco no aprendizado da língua oral, em detrimento do uso da língua de sinais, considerada língua natural para esses sujeitos. No Brasil, o trabalho voltado para o público Surde que se inicia em meados do século XIX, após o Congresso de Milão que mudou os rumos da educação de Surdes, também sofreu impactos de uma política linguística que tem suas decisões tomadas de cima para baixo (CAETANO, 2018).

Conforme Perlin e Strobel (2006) no Brasil, a educação de Surdes vigente na legislação é fruto de um longo processo de reconhecimento da Cultura Surda que ao longo do tempo foi influenciando mudanças legais a favor do ensino de Surdes. Deste modo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB de 1961, já apresentava um avanço significativo, pois dispunha de artigos que tratavam de garantir às pessoas com deficiência o direito à educação. A preocupação com a educação de Surdes por parte do governo foi aumentando, a partir da criação de leis, decretos e resoluções que garantem o acesso linguístico, a acessibilidade na educação e em espaços sociais. Assim, essa temática está cada vez mais presente na legislação Brasileira indicando um novo olhar para a surdez. A LDB de 1996, ao tratar da inclusão educacional apresenta importantes disposições que assinalam melhorias com relação ao ensino de Surdes.

Os Surdes utilizam a comunicação por sinais desde os tempos mais remotos, pois surgiu a partir da necessidade de se comunicarem (GESSER, 2009). O *status* linguístico só foi conferido a partir da década de 60, pelo linguista americano William Stokoe (1960), que por meio de seus estudos provou que os sinais não eram apenas imagens, gestos ou mímicas. Em estudos sobre a American Sign language – ASL. Stokoe (1960) identificou que as línguas de sinais tinham estrutura a partir das unidades mínimas que formam sinais mais complexos, possuindo os níveis linguísticos, como as línguas orais.

O reconhecimento da Libras é marcado pela promulgação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, como meio de comunicação e expressão dos sujeitos Surdes brasileiros.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3 As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa (BRASIL,2002).

A legislação da Libras foi um marco histórico, pois traz o reconhecimento da Libras como língua natural e primeira das Comunidades Surdes brasileiras, coloca os Surdes como protagonistas de sua história, sua língua e sua identidade. “Por estar difundida em todo o território brasileiro, é considerada a língua de sinais nacional” (QUADROS, 2019, p. 39).

O Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a Lei supracitada, que dispõe sobre a Libras e o art.18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. O Decreto dispõe sobre as seguintes questões: a inclusão da Libras como disciplina curricular (Cap. II); da formação do professor de Libras e do instrutor de Libras (Cap. III); do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas Surdes à educação (Cap. IV); da formação do Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa (Cap. V); da garantia do direito à educação das pessoas Surdes ou com deficiência auditiva (Cap. VI); da garantia do direito à saúde das pessoas Surdes ou com deficiência auditiva (Cap. VII); do papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras (Cap. VIII).

Diante das legislações que foram surgindo os Surdes, a comunidade e a cultura Surda, passam a ser reconhecidas na sociedade. A Libras expandiu em todo território nacional, e os Surdes começaram a reivindicar o direito de acesso linguístico, a partir de escolas inclusivas e bilíngues e de TILSP nos espaços sociais, principalmente nos ambientes educacionais.

Silva (2009) afirma que a Libras nas salas de aula passou a ser praticada, nos fins dos anos de 1980 e início da década de 1990 e, a partir disso, os educadores de Surdes buscaram ter maior conhecimento dessa língua, para a carreira profissional e para que sua atuação seja

adequada às considerações linguísticas e culturais voltadas às especificidades da Libras e das pessoas Surdes.

As formulações de Leis promovem a abertura de espaços para reivindicar os direitos de cidadania, de uma língua, de uma comunidade e cultura própria. “A comunicação dos Surdos ocorre por meio de uma língua, composta por sinais, repletos de significados, que são construídos nas experiências vividas e que são comuns ao grupo” (GEDIEL, 2010, p. 16).

Estudos e pesquisas foram surgindo com o intuito de debater sobre a surdez e a Libras. “A legislação brasileira nem sempre considerou o Surdo como sujeito de direito e deveres e após muitas lutas de educadores e membros da comunidade surda, muitos direitos foram conquistados” (CASSIANO, 2017 p. 1). Com o impacto das legislações, as reivindicações dos sujeitos Surdes foram aparecendo cada vez mais. E outras legislações tiveram seu papel no contexto da inclusão da surdez no país.

A Constituição Federal de 1988 é a primeira legislação brasileira a contemplar os direitos das pessoas com deficiência, na área da saúde, cidadania, educação e assistência social. É a primeira lei que reconhece a necessidade de uma comunicação para os Surdes, que só aparece no ano 2000, ou seja, foram 12 anos de caminhada em busca do reconhecimento.

A Conferência Mundial de Educação para Todos, de 1990, realizada em Jomtien, na Tailândia, inicia com uma nova etapa sobre as pessoas com necessidades especiais. Declara que “toda pessoa tem direito à educação” (BRASIL, 1990).

A Declaração de Salamanca, de 1994 foi um marco para os Surdes, pois reafirma o direito de todos à educação, independente das diferenças e ressalta que a educação de pessoas com deficiência faz parte do sistema educativo.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, de 1996, afirma sobre os direitos das pessoas com deficiência, e enfatiza em um dos seus artigos “o direito de uma comunidade linguística a decidir o grau de presença da sua língua em todos os níveis de ensino” (BRASIL, 1996). Considerando que os Surdes fazem parte de uma comunidade linguística e têm esse direito assegurado.

A Lei nº 2.089 de 29 de setembro de 1998, “institui a obrigatoriedade de inserção, nas peças publicitárias para veiculação em emissoras de televisão, da interpretação da mensagem em legenda e na Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 1998).

A Convenção de Guatemala, de 1999, considera que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que qualquer outra pessoa. Reafirma que,

[...] as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano (BRASIL, 1999).

A Lei nº 10.098 de novembro de 2000, é o primeiro documento que relaciona o Surde à Língua de Sinais, considerada como meio de comunicação. No art. 18 estabelece “O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação” (BRASIL, 2000). Essa lei aborda sobre a eliminação de barreiras para acesso às informações e admite o uso de uma língua de sinais, apontando que o Surde necessita de outra forma para receber as informações que não a língua padrão oral.

A Lei nº 4.304 de 07 de abril de 2004, “dispõe sobre a utilização de recursos visuais, destinados às pessoas com deficiência auditiva, na veiculação de propaganda oficial” (BRASIL, 2004).

A Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão do Tradutor e Intérprete de Libras, que garante aos Surdes o acesso linguístico por meio desse profissional que realizará a interpretação das duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) de maneira simultânea ou consecutiva.

A Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012, dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Estabelece vagas em instituições federais de ensino superior por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e por pessoas com deficiência.

A Lei nº 13.146 de 06 julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência, que além de legalizar, confirma e amplia os direitos da pessoa com deficiência em diversos aspectos, como acessibilidade, inclusão na escola, na saúde, no trabalho e entre outros.

Conforme Costa (2010, p. 39): “as Leis apontam o caminho de deslocamentos, de questões que tiveram que ser pensadas após a consideração da Língua Brasileira de Sinais como parte de formação discursiva do sujeito surdo”. Para a autora, as leis realmente não são criadas a ‘toque de mágica’, são resultado de muitas discussões e lutas”. Assim, as discussões vão sendo levantadas e os direitos vão se desenhando no cenário, e outras legislações vão surgindo, para regulamentar os direitos das pessoas Surdes. Os princípios das leis são buscar atender as necessidades específicas dos indivíduos.

Todas as leis são importantes conquistas para a comunidade Surda, além disso, legitima a Libras e ampara os direitos dos sujeitos Surdes. Porém, vale ressaltar que as conquistas dos Surdes são reconhecidas legalmente, mas a maioria não são respeitadas e não aceitas socialmente. Dessa forma, percebemos que muitas leis só ficam no papel, não são implementadas na sociedade, fazendo com que os Surdes não usufruam dos seus direitos legais.

A comunidade Surda enquanto grupo minoritário começa a ganhar visibilidade diante da sociedade, aspectos legais passam a ser redigidos por pessoas ouvintes em relação aos Surdes, a sua linguagem, a sua educação e ao seu trabalho. Todo o processo histórico da legislação legitima a organização desse grupo minoritário (GEDIEL, 2010).

De acordo com Bisol e Valentini (2011) a língua de sinais possibilita aos Surdes uma forma de comunicação viva, rica e aberta, como qualquer língua. Para um Surde que cresceu tendo como sua primeira língua (L1) a língua de sinais, a língua oral do país onde ele vive (do grupo ouvinte majoritário) será como sua segunda língua (L2). As línguas de sinais é uma língua natural que têm sua estrutura e gramática própria podendo expressar qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato e outros, são diversos os conceitos que podem ser expressados a partir da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

A Libras é produzida manualmente e percebida pelo visual, dessa forma, usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizador para a execução do conteúdo da mensagem visual. A exploração do espaço físico e o uso do próprio corpo são elementos importantes na interação. Esse uso do espaço favorece a iconicidade, uma vez que ele é mais palpável do que o tempo, que é a dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas (FERREIRA, 1997).

A Libras não é universal, cada país possui a sua língua de sinais, bem como, ela não é a mesma dentro de um mesmo país, podendo sofrer variações. Ela depende dos referenciais e da cultura de cada grupo sinalizador, tornando-se, assim, convencional. A ideia de pensar que a língua de sinais é universal trouxe a caracterização errônea de que os sinais são confundidos com mímicas e gestos. Para essas concepções existe a desigualdade linguística, no qual nos relacionamos com o preconceito linguístico.

É preciso reconhecer que o preconceito continua muito forte, e nada vai mudar se a sociedade que estamos inseridos não tiver significativas mudanças, onde precisamos transformar nossas atitudes e valorizar o indivíduo. O preconceito está envolto em todas as

línguas. É preciso que tenhamos uma visão sobre os valores que as línguas carregam, bem como respeitar a cultura e as identidades dos sujeitos.

A Libras sofreu e ainda sofre muito com o preconceito linguístico. Tudo o que é diferente sofre algum tipo de preconceito, ou seja, são estigmatizadas por quem não a conhece, assim, os sujeitos tiram suas próprias conclusões. Para expressar uma determinada língua é preciso conhecê-la detalhadamente, conhecendo sua história, sua cultura e a identidade do seu povo. Assim sendo, o preconceito surge a partir do não conhecimento e o não reconhecimento como língua. E essa forma de preconceito afeta a construção da identidade do ser Surde e seu direito a uma comunicação.

Ao longo do tempo, pesquisas foram surgindo com o intuito de aprofundar nos estudos sobre a surdez e a Libras. Podemos citar autores como Brito (1990; 1993; 1994), Ronice Quadros e Lodenir Karnopp (2004), Karin Strobel (2009), Gladis Perlin (2006), Audrei Gesser (2009), Fernando Capovilla (2000), Regina Campello (2010), Carlos Skliar (1997/2004) e entre outros renomados autores e pesquisadores na área da surdez, que difundiram a Libras através dos seus estudos e pesquisa.

Dessa forma, compreender a história dos Surdes é importante para fazer um paralelo sobre os acontecimentos do passado e as implicações na língua em suas vidas. Perlin e Strobel (2008) ressaltam que buscar pela historicidade dos Surdes faz-se necessária para compreender os fundamentos filosóficos, históricos, sociológicos e econômicos que envolveram-os no passado e que implicam em suas vidas na atualidade e nas futuras.

Diante dessa questão é importante sabermos a história dos Surdes e entendermos como a Libras evoluiu, assim, é necessário pensar no contexto de variação social dessa língua, ou seja, o uso da língua, considerando as variáveis extralinguísticas como, de gênero, identidade, faixa etária, classe social, raça, profissão e outros.

Essa variação está relacionada a variação social ou diastrática, que está relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural da comunidade, assim, essa variação relaciona-se às forças externas e internas que promovem a variação e a construção da identidade do falante. É como se o indivíduo, ao manifestar-se linguisticamente, já revelasse a sua origem regional e social (GÖRSKI & COELHO, 2009).

Partindo desse pressuposto que as línguas de sinais não são universais, que cada país possui sua língua de sinais própria, bem como, de região para região a língua varia, e de indivíduo para indivíduo também ocorre a variação a partir de suas identidades sociais, podemos refletir como as identidades impactam a forma dos sujeitos performatizarem a língua.

1.4 Variação Social e Libras

A Sociolinguística e a Teoria da Variação consideram algumas variáveis não linguísticas ou extralinguísticas, como gênero, faixa etária, nível de instrução e contexto, considerando também, determinadas variáveis internas, linguísticas ou estruturais. Assim, a variação social ou diastrática é estudada pela sociolinguística, procurando estabelecer correlação entre variáveis sociais e fenômenos linguísticos numa determinada comunidade (GÖRSKI & COELHO, 2009). Assim, a variabilidade linguística é influenciada por fatores estruturais e sociais, uma vez que as variantes do uso da língua são motivadas, sistemáticas e previsíveis.

A Sociolinguística é uma ciência recente que estuda a língua em uso nas comunidades de fala, ou seja, os aspectos linguísticos e sociais, que no âmbito da linguística integra em sua nova perspectiva, o fator social da língua e, com isso, as variações linguísticas. Segundo Faulstich (2001), “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p. 22).

Conforme Braga e Mollica (2003),

A sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (BRAGA & MOLLICA, 2003, p. 9).

O objetivo da sociolinguística atualmente é analisar as relações entre a estigmatização e a mobilidade social. E examinar profundamente os aspectos da linguagem no contexto social, sendo o objeto de estudo a fala (SALOMÃO, 2011).

Conforme discutido por Chagas (2007), a sociolinguística e o estudo da variação linguística abordam duas maneiras diferentes. A primeira é a observação de falantes de diferentes faixas etárias, analisando como utilizam as variáveis atribuindo determinadas construções. E a segunda é acompanhar a variação em tempo real, ou seja, duas amostras diferentes de uma mesma comunidade sem o intervalo do tempo, assim, podendo detectar as variações linguísticas através do tempo e a frequência com que cada indivíduo a utiliza.

Para a sociolinguística, o ser humano utiliza de diversas línguas, pois, mesmo ao utilizar-se de sua língua nativa, está se apresenta com várias facetas a depender do contexto. Isso implica porque, num determinado contexto, modificamos o modo de usar a língua e

interagimos de acordo com as pessoas que compõem aquele ambiente. Logo, podemos dizer que usamos a língua de diferentes formas (GUMPERZ, 1998; LADEIRA, 2007).

Para Salomão (2011), a variação é vista como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, a variação linguística é um processo natural de uma língua e que está no cotidiano das pessoas. Assim, precisamos revelar pesquisas que buscam verdadeiramente a identidade sociocultural do falante (CASTRO, 2011).

Percebemos que as modalidades das variações linguísticas mostram a articulação da língua com o ambiente sociocultural, onde se situa o falante. Isso revela, também, que a comunidade falante utiliza de modos peculiares de expressar mostrando suas marcas na comunicação como indivíduos e classes sociais de diferentes patamares. E em razão do uso das línguas, elas evoluem, variam e se transformam adquirindo características próprias.

Em se tratando da variação na Libras, para Vilhalva (2009), a variação é comum na linguagem caseira, comunicação combinada entre familiares, que na Libras são gestos combinados e mímicas, que não remetem à gramática da língua e não obedecem a uma comunicação dentro de um padrão.

Na variação diafásica ocorre a liberdade de expressão a partir de uma determinada situação, ou seja, em um contexto poético o autor tem a liberdade de criar e recriar estruturas sintáticas na Libras, são as licenças poéticas que permitem ao autor utilizar de diferentes formas de expressão (VILHALVA, 2009).

Vilhalva (2009) aborda que quando acontece a variação diatópica, ocorre uma variação fonética que diz respeito à configuração das mãos (CM) na língua de sinais, essa questão acontece na diferenciação do sinal e não na CM, ou seja, na diferença da estrutura do sinal. A diastrática corresponde à questão social e cultural do sujeito. As duas variações, a diastrática e diatópica, podem ser fonéticas, lexicais e sintáticas, dependendo do que seja modificado pela sinalização do indivíduo, refere-se às variações na CM e/ou movimento (M), não modificando o sentido do sinal.

Assim, os estudos sobre a variação linguística na Libras mostram as variedades e possibilidades de percepções de um mesmo objeto de estudo, mostrando também as experiências linguísticas que podem ser diversas, percebendo as variações que ocorrem nas interações e na linguagem. Tudo isso mostra que não existem línguas mais simples, ou mais importantes do que a outra, os falantes são responsáveis pela construção da língua.

Com relação a variação regional, Beline (2007) relata que ela pode acontecer em cidades localizadas em um mesmo país, conforme sua cultura local. Mesmo falando a mesma língua as diferenças lexicais nas diversas regiões permanecem, ou seja, um mesmo vocábulo pode ser usado para fazer referência a outro, sem modificar o sentido. As variações acontecem no Português, bem como, na Libras, em diferentes níveis.

De acordo com Chagas (2007), a variação ocorre através do contato com as pessoas de diferentes faixas etárias, de diferentes gêneros e contextos sociais. Se conversarmos com uma pessoa mais velha, podemos verificar em sua fala a ocorrência de diferentes formas de falar, de vocábulos, de construções e pronúncias de palavras.

Coseriu (1979) *apud*. Salomão (2011) aponta que:

[...] a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por refazer. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela está sujeita a alterações nessas recriações. Por outro lado, depende de uma tradução, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. Há então um delicado jogo de continuidade e de inovações, estas sempre em menor número (COSERIU, 1979 *apud*. SALOMÃO, 2011, p. 150).

As línguas são heterogêneas, não estão prontas e acabadas, qualquer movimento externo ou interno da língua pode ocorrer a variação.

Os estudos voltados para a Linguística Aplicada e pesquisas na área da variação linguística, as análises de fenômenos que são recorrentes na língua, vêm ganhando espaço em teorias que buscam estudos na área da Libras e a partir disso passam a perceber a necessidade de investigar o que de fato ocorre na língua.

A Libras passa pelo processo contínuo e gradual de variação, assim como toda língua humana, seja por motivações internas ou externas, seja por contato com outras línguas de sinais ou orais. Nesse sentido, considerando a crescente mobilidade geográfica das pessoas Surdes que utilizam a Libras e o contato entre variantes, torna-se importante verificar se há variações linguísticas em curso, e pensar nos sujeitos que utilizam dessa Libras, em diferentes ambientes e a partir de suas identidades.

Se refletirmos a partir do uso da Libras e a variação que ocorre, por exemplo, podemos pensar que no meio profissional, pode acontecer a variação da Libras a partir das identidades sociais dos sujeitos que utilizam a Libras, como por exemplo, os Tradutores e Intérpretes de Libras - TILS, que utilizam dessa língua para fazer o elo de comunicação entre Surdes e ouvintes. Cada profissional irá fazer a tradução ou interpretação a partir de seus conhecimentos, sua formação, suas vivências e suas identidades. Assim, podemos refletir

sobre a performatividade da Libras diante das identidades sociais dos sujeitos que utilizam a Libras para comunicação e como meio de trabalho.

Contudo, a ideia de performatividade nos ajuda a pensar e a entender, que enquanto profissional TILS meu corpo é um elemento a mais no processo de tradução e interpretação. O corpo irá mostrar a todo momento a minha identidade e a minha performance, assim, podemos verificar que a Libras não é homogênea, nem para quem a utiliza como L1 e nem para quem utiliza como língua de atuação profissional, como L2. Dessa forma, é importante pensar sobre a variação linguística em relação a Libras e as identidades sociais dos negres Surdes e dos TILS negres verificando como acontece esse impacto da Libras.

Portanto, a língua evolui e o que sua estrutura linguística revela possibilita sondar uma teoria independentemente da modalidade linguística, bem como entender a construção das identidades dos sujeitos e sua cultura.

2. CULTURA E IDENTIDADES SOCIAIS

Neste capítulo contextualizamos sobre as identidades sociais através dos Estudos Culturais, proposto por Hall (2003) que apresenta a cultura e as relações sociais. Posteriormente, abordamos sobre as Identidades negres de forma geral, para adentrarmos nas identidades dos negres Surdes. Também abordamos sobre os sujeitos que utilizam a Libras como exercício profissional, como os Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais - TILS, discutindo a performatividade da Libras e as identidades dos sujeitos.

2.1 Contextualizando as Identidades

Quando iniciamos a discussão sobre identidades de maneira geral, podemos pensar que ao ingressar em uma organização, sujeitos com características diversas se unem para atuar dentro de um mesmo sistema sociocultural na busca de objetivos determinados. Essa união provoca um compartilhamento de crenças, valores, hábitos, entre outras características, que irão orientar suas ações dentro de um contexto preexistente, definindo assim as suas identidades.

Para Hall (2003) as identidades constroem sob as hibridizações, “as nações modernas são todas híbridos culturais” (HALL, 2003, p. 62), não existindo mais culturas narrativas e identidades lineares.

A identidade é o resultado de interações e relacionamentos pessoais e interpessoais. Para Hall (2004) a identidade é construída na relação entre o eu e o outro, que é diferente de mim. Contribuindo assim para a formação da identidade do sujeito.

As identidades são afirmadas ou reprimidas dependendo do contexto social que os sujeitos estão inseridos. Assim, sua construção ocorre no interior dos contextos sociais, que determinam as orientações, posições e escolhas dos sujeitos. A partir da identidade o sujeito poderá ocultá-la em função do grupo social em que está inserido, ou demonstrá-la a partir do grupo social que compartilha dos mesmos interesses (BERLATTO, 2009).

Assim, cada sujeito possui sua identidade, suas significações, particularidades e individualidades que são únicas. E todas essas características compõem a identidade. As identidades não são estáticas, estão em transformação e são flexíveis, o que possibilita a

apresentação de várias identificações em um mesmo indivíduo, conforme as formas em que é abordado pelo meio social.

Em relação aos conceitos de identidade que são abordados pelos teóricos, Brandão (1986) afirma que anteriormente o conceito de identidade era visto a partir do viés filosófico e psicológico, atualmente essa temática tem chamado mais a atenção de antropólogos e cientistas sociais. Isso acontece devido a uma mudança social em que conceitos que tratam da identidade do indivíduo de forma isolada, sem considerar o social, não são mais suficientes. Dessa forma, é necessário que se entenda o contexto em que o sujeito está inserido para conseguir compreender como sua identidade se forma.

Com as mudanças sociais o impacto nos referenciais que dos indivíduos tinham como modelo para sua identidade têm sido perceptíveis, logo, percebe-se um momento de instabilidade e mudanças muito fortes que impactam na formação da identidade do sujeito.

De acordo com Hall (2006), em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. O autor aborda ainda que, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11).

Entende-se a identidade como algo não fixo, sempre em (re)construção, e sob diversas perspectivas. Assim, a partir de Hall (1996) é possível perceber a identidade como diáspora.

Segundo Dupuis (1996), são os indivíduos que, por meio de suas ações, contribuem para a construção de sua sociedade, agindo sempre dentro de contextos que lhes são preexistentes e orientam o sentido de suas ações.

As identidades estão em constante construção e reformulação através da interação social. Hall (2006) aborda que essas identidades podem ser contraditórias, conflituosas e que isso faz parte do sujeito pós-moderno: ou seja, seria utópico acreditar em uma identidade plena e completa. Assim, é nítido que os processos identitários vem sofrendo mudanças com o passar dos anos e com a mudança social. E essas mudanças têm acontecido nas questões de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade e têm feito com que o indivíduo tenha incertezas em relação a sua identidade e em relação a si mesmo (Hall, 2006).

Para Brandão (1986) a construção da identidade única está diretamente ligada com as experiências e vivências tidas desde o nascimento até o presente momento. Tendo como fatores: posição social, raça, trabalho, cultura e etc. E é a partir do cotidiano que cada

indivíduo concebe a imagem de si mesmo e é também a partir dessas experiências que ele se estabelece como único, ainda que essa individualidade se faça no coletivo.

Através do convívio social que o indivíduo estabelece sua identidade, ou seja, no coletivo, onde procura construir e consolidá-la – aquilo que o torna singular e único – o sujeito o faz no coletivo, no social. É no contato com o outro que o “eu” pode se firmar com solidez.

É preciso considerar que a identidade se estabelece na vivência com um povo, e dentro desse mesmo povo podem existir diferentes identidades. Ao se identificar com um grupo, o indivíduo se distancia de outro, e é nesse processo de ora se identificar e ora se distanciar que vão se alinhando às diversas identidades que cada sujeito pode ter. Assim, mesmo sendo negro, o sujeito também pode assumir diversas outras identidades, pois, além de negro, o sujeito pode ser Surdo, homossexual, etc.

Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto representação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjuntos de papéis. Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. Identidades, por sua vez, constituem-se fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação (CASTELLS, 1999, p. 22).

Conforme Silva (2018) o estabelecimento e a consolidação dos grupos incluem as características que lhe são particulares, como o território, a língua, a cultura, dentre outros. Sendo assim, as comunidades formam-se a partir das características e traços que os ligam e os representam. A partir das relações de poder que influenciam diretamente na forma como os indivíduos se formarão: não será mais apenas a partir das vivências daquele grupo particular, mas os embates e discussões gerados por essas relações serão acrescentados às experiências que o indivíduo terá contato e que, conseqüentemente, farão parte de suas próprias identidades. Esse processo de entender, reconhecer e assimilar essas vivências é que concebe a identidade de cada sujeito. E esse processo é constante, vivaz e enérgico, em contínua troca entre o coletivo e o individual.

Podemos destacar que para Filho (2011), os estudos sobre identidade possuem duas subáreas: a identidade pessoal e a social. A identidade pessoal refere-se à questão do

indivíduo como ser único, sendo diferente de todos os outros, produzindo sua história e suas singularidades, ou seja, esse sujeito possui sua ‘identidade própria’.

A identidade social é formada individual e coletivamente, permitindo a identificação de um sujeito com determinados grupos sociais. Assim, todo o grupo social e também o indivíduo possui identidade que está em simetria com a definição social estabelecida pelo grupo. “Assim, a identidade social é ao mesmo tempo inclusão – pois só fazem parte do grupo aqueles que são idênticos sob certo ponto de vista – e exclusão – visto que sob o mesmo ponto de vista são diferentes de outros” (BERLATTO, 2009, p. 142).

A identidade é construída também através da comunicabilidade, pois, é a partir da comunicação que os indivíduos se relacionam e interagem. Não existe a possibilidade de estabelecer trocas e relações com o outro se não houver uma forma de comunicação efetiva. Santinello (2011) ressalta que,

Assim, há de se ressaltar, em todas essas questões, que os processos comunicativos estão em torno de todas as nuances caracterizadas pela sociedade, haja vista que a comunicação não é apenas o meio, mas a mediação e a produção da consciência, culminando em produção social identitária (SANTINELLO, 2011, p. 155).

A comunicabilidade é um aspecto fundamental na vida cotidiana e social, e neste processo abrangemos também as especificidades e características próprias para se comunicar. Assim, a identidade se constitui nas diversas formas de se comunicar e de relacionar.

Para Silva (2018) a identidade é entendida não apenas pelo viés psicológico, mas também pelo social e antropológico. Dessa forma, entende-se que a formação identitária perpassa e é atravessada por muitas peculiaridades: as relações sociais, as vivências, as formas de comunicação, dentre outros aspectos.

Sobre as identidades sociais Goffman (2004) as subdivide em duas formas distintas. A identidade social virtual refere-se às exigências que o conjunto social faz em torno daquilo que o indivíduo deveria ser perante ele; e a identidade social real constitui o conjunto de características reais que o indivíduo possui. Essas identificações fazem com que a identidade real ou virtual do indivíduo satisfaça ou não as expectativas do grupo ao qual o sujeito pertence.

A identidade está voltada às expectativas que um grupo social possui com o indivíduo (BRANDÃO, 1986). Na medida em que a identidade social é elaborada ocorre a construção da identidade que é conferida socialmente. Assim, a partir da construção da identidade vão se constituindo as experiências e todos os elementos que constituem um processo que também é

social e no qual o indivíduo julga a si próprio a partir do julgamento dos outros (VIANA, 2009).

Como já discutido anteriormente a identidade social é construída individualmente e coletivamente, assim, ela possibilita o reconhecimento social da pessoa, mas também pode ser motivo de estigma. Ou seja, tanto o negro quanto o Surdo podem sofrer discriminação a partir de sua identidade social. Pois, conforme discutido por Souza (1983) “[...]o fato de estarem vivendo um processo de ascensão social numa sociedade multirracial, racista e de hegemonia branca que, paradoxalmente, veicula a ideologia de democracia racial, em contradição com a existência de práticas discricionárias racistas” (SOUZA, 1983, p. 70).

Souza (1983) discute sobre o discurso negro e sua emocionalidade em direção à experiência de ser negro em uma sociedade majoritariamente branca, de classe e ideologia branca, de estética e comportamentos brancos, de exigências e expectativas brancas. E este negro que busca por essa ascensão social, nas suas conquistas de valores e *status*, paga o preço da estigmatização de sua identidade.

A autora reflete sobre a falta de estudos acadêmicos sobre a vida emocional dos negros e a falta de discursos sobre o negro e também elaborado pelo negro. Além disso, falta a discussão sobre temáticas que envolvem questões relacionadas à linguagem e raça, ou seja, estudos que mostrem o ser Surdo e sua raça. Dessa forma, a estigmatização desses sujeitos que possuem essa “dupla diferença”, em ser negro e ser Surdo é percebida na sociedade.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 18).

Assim, o processo de construção da identidade do negro está ligado a construção de sua emocionalidade, pois é um elemento particular da formação social. Visto que, na construção histórica do negro, ele tentou-se livrar da concepção tradicionalista que o marca econômica, política e socialmente como inferior e submisso ao modelo de identidade do branco (SOUZA, 1983).

Sobre os conceitos de identidade social podemos referenciar Brandão (1986) *apud* Berlatto (2009) dizendo que “a identidade se constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação uma com as outras [...]” (BRANDÃO, 1986, p. 10).

As identidades são construídas por processos sociais que são determinados pelas estruturas sociais, ou seja, a identidade social diz respeito ao indivíduo e ao grupo social em

qual está inserido. A construção da identidade é realizada no interior de contextos sociais, onde estabelece as posições que estamos e orientam nossas representações e escolhas (BERLATTO, 2009).

Para Goffman (1988) *apud*. Berlatto (2009) sobre as identidades sociais argumenta que, a identidade do indivíduo é construída a partir de parâmetros e expectativas que são estabelecidas pelo meio social. Para o autor, categorizar as pessoas e atribuir *status* são categorias determinadas pela sociedade.

Conforme Berlatto (2009) a identidade é uma construção social que faz parte de grupos sociais que são complexos e heterogêneos, não podendo ser considerada única, “essa concepção dificulta a compreensão de diversos processos de identidade mista presentes em toda a sociedade” (BERLATTO, 2009, p. 147).

Dessa forma, as identidades sociais são estabelecidas na relação que o sujeito tem com a sociedade, ou seja, é construída em oposição a outras a partir do que é estabelecido pelos grupos sociais. Assim, os grupos que possuem menor força são estigmatizados na sociedade.

Berlatto (2009) afirma que existem múltiplos processos de identidades sociais que são resultados de uma construção social e pertencentes a uma complexa relação social.

Para Hall (2006, p. 13) a identidade relaciona-se com a transformação na “modernidade tardia”, especificamente no processo de mudança identificada como “globalização” e o “impacto sobre a identidade cultural”. Assim, para o autor a identidade refere-se a uma modernidade tardia, ou seja, a um processo de mudança social, caracterizado pela globalização e pelo impacto sobre a identidade cultural. A identidade é vista como uma necessidade de sobrevivência que possui inúmeras variabilidades das relações sociais que estão delimitadas no contexto de tempo e espaço em que o sujeito está inserido (SANTINELLO, 2011).

Conforme Jacques (2006, p. 155) a identidade é “como uma maneira de cada indivíduo se tornar algo em uma composição de grupo, “etnia, raça, gênero, família ou profissão, em que o igual e o diferente convivem simultaneamente”.

Hall (2006) conceitua a identidade em três concepções: sujeito do iluminismo; sujeito sociológico; e sujeito pós-moderno. Segundo o autor, o sujeito do iluminismo é uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade, ou seja, é o eu no centro e a identidade de uma pessoa dotada de razão, consciência e ação, sendo uma concepção; o sujeito sociológico é a identidade construída entre o eu e a sociedade, é constituído na relação com “pessoas importantes para ele” (HALL, 2006, p. 11), mediando os valores, os sentidos e

os símbolos (cultura), isto é, preenche o espaço entre o “interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2006, p. 11); e, por fim, o sujeito pós-moderno é aquele que não tem identidade fixa, essencial ou permanente, sendo que essa “Identidade torna-se celebração móvel, formada e transformada” (HALL, 2006, p. 11-12).

Nós imprimimos nossas experiências nas identidades culturais e também nos apropriamos dos seus significados. Hall (2006) afirma que a identidade e as estruturas sociais estão uma para a outra de forma que ambas se sustentam e se justificam.

A identidade é compreendida como culturalmente formada, um posicionamento e não uma essência, ligada à discussão das identidades culturais, nacionais e as que se formam por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito (HALL, 1996). “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70). Portanto, a identidade cultural são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica.

Homi Bhabha em seu livro “O Local da Cultura” (1998), demonstra as diferenças da identidade enquanto produto cultural ser um problema psíquico: a primeira, como indicação da realidade ou intuição do ser e, a segunda, uma problemática psicanalítica de identificação.

Essas identidades binárias, bipartidas, funcionam em uma espécie do reflexo narcísico do Um no Outro, confrontados na linguagem do desejo pelo processo psicanalítico da identificação. Para a identificação, a identidade nunca é um *a priori*, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade (BHABHA, 1998). O autor apresenta a discussão da identidade sob a abordagem filosófica como autorreflexão; e a visão antropológica da diferença da identidade humana enquanto a divisão natureza/cultura.

Para Hall (1996), a ideia de identidade é desenvolvida sob dois enfoques: primeiro, no sentido de conceber uma cultura partilhada, ou seja, os sistemas culturais unificam os indivíduos em quadros de referência, ou seja, a concepção de identidade cultural que opera com um poder contínuo de criação de identidade no sentido de práticas de representação são os movimentos sociais (feminista, anticolonialista, antirracista, antihomofóbico, entre outros). O autor defende ainda que as identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias que sofrem constantes modificações.

Bhabha (1998) reflete sobre a identidade como um problema ocupante de um espaço-tempo contemporâneo, marcado pelo constante movimento, pela não-fixidez (signo da

diferença cultural, histórica, racial no discurso do colonialismo), o qual, antes, era estático e seguro. O autor questiona como se dá a construção de identidades que não atendam à estratégia discursiva estereotipada da fixidez - um discurso do sujeito colonial que facilita as relações coloniais, o qual fundamenta a identidade sob a perspectiva do estereótipo e da mímica como estratégia de conhecimento e identificação do que é “conhecido”, do que é socialmente “aceito” e está “no lugar” (BHABHA, 1998, p. 107).

A partir de Fanon, Bhabha (1998, p. 75-77) destaca três condições subjacentes no processo de identificação e construção da identidade nos contextos culturais. A primeira condição demanda a necessidade de existir e ter um “desejo colonial” de posse de outro extremo, outro papel, assim sendo, o desejo do colonizado de estar no lugar do colonizador. A segunda é caracterizada pelo “espaço de cisão”, isto é, o desejo do colonizado de estar no lugar superior do colonizador, mas sem se separar da sua condição inicial. Finalmente, o terceiro ponto está imputado na “imagem de identidade”, a partir da qual o sujeito sofre transformações ao assumir a nova imagem. Para o autor, não seria o abandono, mas a ressignificação dos discursos identitários anteriores com as características da transitoriedade e da hibridez do presente. Com isso, formou-se uma identidade social culturalmente mais híbrida, popular e em constante movimento, remetendo uma imagem a uma espécie de máscara.

2.2 Identidades negres

O Brasil foi o último país do mundo a abolir o escravismo e, por ter acontecido de forma tão tardia, desencadeou diversas situações que ainda estão presentes e refletem no cotidiano de todas as pessoas, porém que degradam e interferem negativamente principalmente, a vida e o desenvolvimento pessoal e social das pessoas negras.

O Brasil fez a Independência sem abolir o trabalho escravo e fez a Abolição sem acabar com o latifúndio. Isto determinou que a dinâmica social do Brasil fosse praticamente estrangulada, e o reflexo, especialmente da segunda mudança, até hoje traumatize o seu desenvolvimento. Com a Abolição, criam-se mecanismos estimuladores para a migração europeia que entra no lugar dessa grande massa de trabalho nacional, marginalizando-a irremediavelmente. A situação dos descendentes de escravos, nesse processo de marginalizar o trabalhador não-branco em face da filosofia de branqueamento (o Brasil seria tanto mais civilizado quanto mais se branqueasse) se reflete, atualmente, na situação em que se encontra a população negra e mestiça de um modo geral no Brasil (MOURA, 1988, p. 5).

Com a abolição do trabalho escravo não fez com que a mentalidade das pessoas mudasse no agir da sociedade de forma geral. Depois de serem libertadas, as pessoas escravizadas (em maior parte negres) entraram em outro processo discriminatório e segregador: ao não possuírem propriedades e nem meios próprios de subsistência, voltariam a trabalhar em condições semelhantes às de escravidão, porém com um *status*, na teoria, de serem livres. A negação da propriedade, de recursos e de formas para que as pessoas que foram escravizadas participassem efetivamente da sociedade as alocou em uma nova situação de desigualdade e inferiorização (SILVA, 2018).

Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto, a desagregação desta ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social (SOUZA, 1983, p. 20).

Falar de identidade negra, então, é falar de processos de subjugação, massacre, inferiorização e supressões históricas, culturais, sociais e profissionais. Assim, faz-se necessário entender como o processo de formação da identidade de pessoas negres pode começar a ser explicado entendendo que os negres compõem uma espécie de maioria minorizada e que essa situação é caracterizada de forma diferente dos brancos.

O escravismo no Brasil deixou marcas inapagáveis em sua cultura; o País se estruturou de forma que se perpetuasse o *status* de escravizado que foi imputado aos negres no Brasil, cerceando o direito à cidadania, assegurado constitucionalmente. A escravidão foi extinta, mas os seus vestígios e estigmas ainda estão muito presentes na sociedade e nas mais diversas relações existentes. Isso fez com o que o Brasil se estruturasse, predominantemente, de forma racista e preconceituosa. Os negres até hoje passam por situações vexatórias e degradantes, análogas com as da época da escravidão, a diferença está neste momento em que o racismo acontece de forma velada e silenciosa.

As desigualdades raciais existentes no Brasil são, de um lado, incorporadas como naturais e, de outro, consideradas como um subproduto do próprio comportamento e temperamento dos negres e dos não-brancos em geral. Daí o comportamento racial do brasileiro branco ser de desconfiança, atitude de defesa ou hostilidade contra a população negra. Essa atitude, por seu turno, irá refletir na estrutura da sociedade brasileira, quer no acesso ao sistema educacional, quer na distribuição de renda, no nível de criminalidade, na organização familiar e nas oportunidades oferecidas na sociedade capitalista (MOURA, 1988, p. 7).

Milton Santos (1996/1997) traz três conceitos que são importante destacar: a corporeidade (está relacionada com a forma de se perceber pertencente àquele lugar, de se

sentir à vontade ali); a individualidade (que é a forma de se perceber no mundo, mas também a receptividade que o mundo tem em me aceitar e me perceber como “dele”) e, por último, a questão da cidadania que é a condição de estar apto a reivindicar os direitos que, supostamente, são de direito. Além de uma questão social, isso também é uma questão política e econômica, já que o histórico de formação do país não foi projetado para que quem não fosse da elite pudesse ter poder de fala ativa e, de fato, usufruir de seus direitos.

Conforme Lima (2018) a história do negro não pode continuar sendo reproduzida e normatizada na perspectiva escravagista e de subalternização.

“Evidenciar positivamente referências ancestrais da história da África relaciona-se ao fato de o estudante afro-brasileiro passar a conhecer a história de seus antepassados, não apenas no contexto exclusivo da escravização. O que tende a contribuir com uma formação que fortalece sua autoestima, a noção de pertença e autoaceitação” (BRITO; MACHADO, 2017, p. 107).

Sobre cultura e a construção da realidade através dos estudos de Hall (2003), o autor aborda que nos EUA sempre teve a construção das etnicidades através de hierarquias étnicas que definem as políticas culturais. As etnicidades dentro de um descolamento de políticas culturais, foi silenciado e não teve seu reconhecimento, esteve sempre à margem das tradições vernáculas da cultura popular negra americana. O que é preciso ocorrer é o descentramento das antigas hierarquias, abrindo espaços para a mudança na alta cultura das relações culturais populares, dando oportunidades estratégicas para a intervenção na cultura popular.

O autor discute que devemos indagar sobre o silêncio do pós-modernismo e questionar as formas de pensar, do olhar que ao mesmo tempo que convida também rejeita. A padronização existe e é imposta a partir dos seus códigos de ética, mas, e os profissionais que querem fugir dessa padronização, desse adestramento, fugir do que Hall chama de *mainstream*.

A compreensão do conceito de cultura tornou-se mais abrangente para alguns antropólogos relacionando-os com a diversidade cultural, a tolerância e respeito a construção das identidades étnicas.

Sobre as heranças dos africanos escravizados, destacamos os dizeres de Ricardo Oriá Fernandes (2005):

“Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Negase ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos de nosso processo histórico. Quando se trata de abordar a cultura dessas minorias, ela é vista de forma folclorizada e pitoresca, como

mero legado deixado por índios e negros, mas dando-se ao europeu a condição de portador de uma ‘cultura superior e civilizada (FERNANDES, p.380, 2005)’”.

Dessa forma, é preciso transcendemos a história dos negros, pois, fugir dela, inferiorizar a cultura do outro, normalizar padrões, tudo isso são atitudes que legitimam os acontecimentos do passado e os preconceitos da atualidade.

Temos uma grande influência da cultura de matriz europeia, ou seja, a cultura dita como dominante, mas esta não conseguiu apagar as culturas negra e indígena. Fernandes (2005) afirma que “Muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses também se fez presente no campo da educação e da cultura” (FERNANDES, 2005, p. 380).

A escravidão vista pelos europeus era como um sistema de comércio de pessoas, dessa forma, as sociedades africanas não podem ser vistas nesse sentido, pois; é “quase impossível encontrar o mesmo sentido de propriedade escrava da modernidade ocidental, até o tráfico atlântico” (AZEVEDO & LUCINDO, 2014, p. 145).

O Brasil é um país que segrega, que reproduz estereótipos negativos, que alimenta o racismo, é uma sociedade elitista em relação aos negros, que impede que os negros assumam seus lugares de protagonistas de sua própria história. Por isso, é importante trazermos a discussão que envolve sobre as identidades negres para refletir o quanto existe uma relação de poder dentro da sociedade que nos impede e nos tira do nosso lugar de fala.

Portanto, a luta para o reconhecimento do espaço do(a) negro(a) na sociedade é uma luta legítima, mas que sofre diversos ataques da elite que tenta transformar a causa em mais uma pauta fútil e sem importância; ou apenas reduz toda a questão a discussões menores e paliativas, como exemplo, as cotas nas universidades federais. Não é esse o tipo de pertencimento, de cidadania que nós queremos. A luta é por uma cidadania plena, igualitária e que assegure efetivamente a capacidade de alcance e usufruto dos direitos que o Estado diz garantir aos negres.

2.3 Identidades negres Surdes

Os Surdes por muitos anos foram e (ainda são) idealizados como deficientes e anormais e os negres considerados sujeitos inferiores e estigmatizados. Assim, podemos

refletir sobre os sujeitos negres Surdes que possuem essa “dupla diferença, conceito este utilizado por Furtado (2012).

Para iniciarmos tal discussão voltamos ao conceito de cultura Surda, em torno da surdez e relacionando com a negritude. Assim, Strobel (2008) define cultura Surda como,

[...] o jeito dos sujeitos surdos de entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

De acordo com a autora, a cultura Surda constrói as identidades Surdes, a partir dos costumes, hábitos e as experiências vivenciadas dentro das comunidades Surdas. É na cultura que os Surdes compartilham de suas normas, seus valores e estilos de vida. Conforme Furtado (2012), [...] “é como se a Cultura Surda estivesse impregnada em seus corpos” (p. 39).

Os Surdes ao longo da história tiveram a sua língua proibida após o Congresso de Milão, na Itália em 1880. Os Surdes não podiam utilizar as línguas de sinais, pois no congresso foi determinado que erradicassem-as na tentativa de eliminar a cultura Surda.

A partir daí surgiu a proposta de se adotar uma filosofia de trabalho denominada oralismo, cujo propósito visava “levar o Surdo a falar e a desenvolver a capacidade oral” (CAPOVILLA, 2000, p. 102). Para Goldfeld (1997), esse modelo educacional se enquadraria no modelo clínico, visto que os Surdes eram considerados como incompletos e deficientes, tendo que se submeter a reabilitações com o propósito de alcançar a ‘normalização’.

A adoção de tal corrente filosófica, por parte de escolas e institutos que lidavam com a educação de Surdos, marcou negativamente a formação de muitos deles, visto que levou à banalização e ao abandono das línguas de sinais. Esta era vista como um empecilho no caminho da aquisição de alguma linguagem oral (CAPOVILLA, 2000).

Os resultados da aplicação do oralismo foram catastróficos: um acentuado rebaixamento no desempenho cognitivo dos Surdes e um baixo percentual de aquisição da língua oral (CAPOVILLA, 2000). Para Streiechen (2011), a maioria dos Surdes que foram submetidos a essa metodologia, conseguia tão somente repetir algumas palavras, sem sequer saber o seu real significado, culminando assim em milhares de Surdes analfabetos.

Outros métodos alternativos foram surgindo para esse público, como a comunicação total, que era “o uso de todos os meios que possam facilitar a comunicação, da fala sinalizada, a uma série de sistemas artificiais” (CAPOVILLA, 2000, p. 104). Mas, este método também fracassou. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Comunicação Total de Copenhague, na

Dinamarca concluiu “que as crianças Surdas não estavam sendo expostas a uma versão visual da língua falada na sala de aula, mas sim a uma amostra linguística incompleta e inconsistente, em que nem os sinais e nem as palavras faladas podiam ser compreendidas por si sós” (CAPOVILLA, 2000, p. 109). Os alunos não estavam tendo acesso a uma língua de sinais, mas sim a tentativa de sinalização de uma língua oral.

Outra proposta surgiu, nomeada como bilinguismo, cujo propósito é: levar o Surde a desenvolver habilidades em sua língua de sinais e, posteriormente, a partir de experiências e por meio desta primeira língua; desenvolver habilidades na língua oficial do país, em sua modalidade escrita. Com base nessa filosofia, além dos benefícios da aquisição de uma competência linguística e comunicativa favorável às suas singularidades, os Surdes passaram a desenvolver o respeito a sua identidade própria. A importância do bilinguismo é atestada pelo fato de que o Surde deixa de tentar seguir os modelos ouvintes; graças ao contato com professores bilíngues e outros Surdes, ele passa a se constituir em um sujeito cultural e identitário distinto (KALATAI & STREIECHEN, 2016).

Nesse contexto, compreender um pouco da trajetória vivenciada pela comunidade Surda é importante para que possamos refletir acerca das concepções que as sociedades tinham sobre a surdez e que influenciavam diretamente a vida dos Surdes e na construção de sua identidade. E, conforme Furtado (2012), as tentativas de eliminar as línguas de sinais e conseqüentemente a cultura Surda não obtiveram êxito, pois a cultura Surda vem se destacando significativamente.

A concepção de surdez na sociedade é vista como doença ou algo anormal, e é entendida como algo desagradável, estigmatiza, produzindo a piedade, que é sinônimo de isolamento e solidão. Assim, a surdez está associada à uma cultura ouvinte e é definida como barreira que limita a comunicação e a participação dos Surdes na sociedade (WRIGLEY, 1996).

A sociedade entende os Surdes como deficientes, diferentes e anormais, ou seja, sujeitos que são intelectualmente limitados, o “defeituoso”, o “problema”. A surdez associada à cultura ouvinte é definida como barreira que limita a comunicação e a participação dos sujeitos Surdos. A surdez foi e muitas vezes ainda é concebida por muitos ouvintes como doença, perda da comunicação, exclusão do mundo e uma excludente diferença (WRIGLEY, 1996).

Mas, diante de toda a trajetória percorrida pelos Surdes, foi através de suas lutas e reivindicações que realizaram uma quebra de paradigma, foi que os Surdes considerados

incapazes e deficientes, passaram a ter seu reconhecimento linguístico e cultural. Deslocando a surdez de um modelo clínico, que a concebia como deficiência e patologia, para um modelo socioantropológico (WRIGLEY, 1996). Dessa forma, essa conceituação não é dada somente em relação aos sujeitos Surdes, mas com aqueles que são diferentes, que não se enquadram na normalidade imposta pela sociedade.

Em se tratando dos sujeitos negres Surdes, Padden e Humphries (1988) destacam que durante a década de 1970, nos estados do sul dos Estados Unidos a segregação racial era existente. Foi determinado que crianças Surdas brancas e negras estudassem em escolas separadas. Com a separação ocasionou na diferenciação do uso das línguas de sinais, pois, nas escolas das crianças negras surdas foram criados novos dialetos e novos sinais (FURTADO 2012).

Isso demonstra que os negres Surdes a partir de suas vivências e experiências performativizavam sua língua, conforme suas identidades, é o que discute a teoria da performance.

Mas, observando sobre essa separação das crianças Surdas brancas e negras, podemos perceber a presença do racismo, partindo do princípio da suposta superioridade dos brancos. O que era motivo de união, por serem Surdes e terem uma língua em comum, conseguiu virar um preconceito materializado através do racismo.

Quando falamos em identidades negres, concordamos com os dizeres de Bhabha (1998), ao explicitar que,

A incômoda divisão que quebra sua linha de pensamento mantém viva a dramática e enigmática sensação de mudança. Aquele alinhamento familiar de sujeitos coloniais - Negro/Branco, Eu/Outro - é perturbado por meio de uma breve pausa e as bases tradicionais da identidade racial são dispersadas, sempre que se descobre serem elas fundadas nos mitos narcisistas da negritude ou da supremacia cultural branca (BHABHA, 1998, p. 70).

Assim, em se tratando dessa separação dos brancos e negros, bem como a comparação citada por Bhabha é que percebemos o início da performatividade e da construção das identidades dos sujeitos, dando seu lugar de fala enquanto sujeitos negres e Surdes, mostrando sua cultura, sua língua e sua identidade.

Hairston e Smith (1983) *apud*. Furtado (2016) mostra que o termo remete um coletivo de sujeitos que compartilham semelhanças e diferenças básicas de ser Surdo e ser negro. Mas, não significa que os Surdes sejam um subgrupo ou um grupo segregado dos outros Surdes. Significa que eles constituem um grupo com características étnicas e culturais distintas dos

outros grupos de Surdes. Porém, são grupos que possuem ideias heterogêneas, pois há as diferenças de ordem pessoal como em qualquer outro grupo.

Buzar (2012) discute sobre o sofrimento que os negres Surdes passaram por vivenciarem o preconceito com relação a raça e a surdez em ambientes sociais.

Como é denominado na teoria da interseccionalidade, as pessoas surdas negras sofrem um processo de subinclusão nesse caso. Assim, de acordo com este estudo, as pessoas surdas negras sofrem preconceito e racismo, tanto dentro da escola, como no contexto social, o que acarreta uma série de problemas sociais e emocionais aos mesmos (BUZAR, 2012, p. 123).

Conforme Skliar (2010) é preocupante a opressão e preconceito que se tem pelos tipos de deficiência, raça, gênero e outros. Ao longo da história é sabido que houve a segregação e a diferença entre humanos, isso acontece pelo fato de a sociedade não ter conhecimento sobre a diversidade cultural, ou mesmo se negar a entender sobre as diferenças.

E quando falamos em sujeitos “duplamente diferentes” o estigma aumenta, pois retrata estereótipos existentes em relação aos Surdes e em relação aos negres. “Que tanto os Surdos como os negros são concebidos historicamente, como sujeitos inferiores, limitados intelectualmente, com tendência à criminalidade (negro), considerados deficientes e incapazes (Surdos)” (FURTADO, 2012, p. 45).

Furtado (2012) nomeia como “duplamente diferentes” os sujeitos que são constituídos por dois traços identitários, ser Surdo e negro. Assim, esse termo possibilita reflexões relevantes, principalmente porque causa impacto, desestabiliza, desacomoda, gerando problematizações e abrange as discussões feitas anteriormente, sobre a LA Transgressiva, que nos tira do lugar e transgride para diferentes áreas e percepções.

O termo “dupla diferença” é compreendido por Furtado (2012) como,

[...] a existência em um único sujeito, de dois traços identitários que os diferencie significativamente da “norma”, representada na sociedade por sujeitos brancos, magros, altos, ouvintes, que enxerguem, sejam usuários de uma língua de modalidade visual-gestual e que não possuam nenhum comprometimento físico ou intelectual a “olhar” para os negros Surdos considerando-os sujeitos “duplamente diferentes” (FURTADO, 2012, p. 9).

Dessa forma, é relevante pensarmos e discutirmos questões relacionadas aos negres Surdes a partir das interações linguísticas e culturais, a fim de compreendermos como eles têm interagido na sociedade na condição de sujeitos que possuem, entre tantas outras, a dupla diferença, ou seja, duas marcas identitárias e o impacto da língua.

Segundo Furtado (2012) os Surdes organizam-se em comunidades, e lutaram pelos seus direitos e estão inseridos em espaços que antes não estavam, agora possuem suas

profissões e estão agregados no mercado de trabalho. E cada vez mais estão ingressando no Ensino Superior, em cursos de Pós-Graduação, alguns em nível de Mestrado e outros de Doutorado. Além disso, é significativo o número de teóricos Surdes que possuem livros publicados.

Mas, além dessa realidade mencionada de vitórias e conquistas pelos Surdes, há também aqueles que não tiveram o contato com a língua de sinais, que não tiveram a possibilidade de se inserir no meio educacional, adultos Surdes não alfabetizados e acredita-se que existem crianças Surdes fora da escola.

Os Surdes continuam suas trajetórias escrevendo suas histórias, lutando e quebrando as barreiras do preconceito. O caminho a ser seguido ainda é longo desconstruindo os estereótipos sobre os Surdes que já estão impregnados na sociedade.

A história dos Surdes, a partir de sua cultura e vivências e as concepções sobre a surdez mudaram o modo como o Surde era e é visto pela sociedade, influenciando diretamente na educação. Com os benefícios da aquisição de uma competência linguística e comunicativa favorável às suas singularidades, os Surdes passaram a desenvolver o respeito e sua identidade própria (KALATAI & STREIECHEN, 2016).

A definição de comunidade e cultura abrange a questão de um conjunto de indivíduos que passam a reivindicar os mesmos direitos, de acesso em diferentes instâncias sociais, sendo elas, políticas, culturais, sociais, linguísticas, educacionais, dentre outros. A definição de comunidade Surda está relacionada à língua, sendo este um aspecto que envolve as lutas pelas reivindicações de direito ao acesso linguístico. Significa dizer que, ao utilizarem determinada língua, no caso a Libras para os Surdes, passam a perceber o mundo usufruindo das especificidades linguísticas em sua constituição enquanto sujeito.

Para Lopes (2007) as instituições educacionais tiveram um papel muito importante na construção identitária e histórica dos Surdes, de acordo com as noções que as próprias instituições atribuíam ao conceito de surdez. Neste contexto, através da compreensão da trajetória educacional vivenciada pela comunidade Surda podemos refletir acerca das concepções que as sociedades tinham sobre a surdez e que influenciavam diretamente no modo como a educação dos Surdos era abordada.

A comunicação em Libras é vista como um trabalho (meta)linguístico, conforme Santana (2007), esse trabalho não é desenvolvido apenas no ver e memorizar, o processo envolve o sujeito sobre a língua, os movimentos enunciativos aos quais o indivíduo recorre, às

subjetividades que põe em evidência as escolhas lexicais, as construções de sentido, e são esses movimentos que faz todo o processamento linguístico.

Dessa forma, para adquirir uma língua não é somente aprender um conjunto de regras e transmiti-las, é preciso compreender, dominar e desenvolver os sistemas de regras formais recursivas que permitem construir, com base em elementos iniciais mais simples e as estruturas abstratas que compõem infinitas orações. A linguagem é uma atividade constitutiva (do conhecimento), um processo contínuo de elaboração e reelaboração de categorias, de valores, de pensamento (FRANCHI, 1992 *apud*. CASTRO, 2011).

2.4 Corpo, Performatividade e TILS

A função do profissional dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais - TILS é fazer a tradução e interpretação do par linguístico Libras/Português e vice-versa. Este profissional atua em diferentes áreas como: saúde, justiça, educação, política, meios de comunicação, congressos, bancos, e locais que necessitam de sua presença para garantir a acessibilidade dos Surdes, através das modalidades de tradução, interpretação sussurrada, simultânea ou consecutiva. Os TILS precisam ter o domínio da língua alvo e da língua fonte para traduzir e interpretar, além de ter os conhecimentos de técnicas, modalidades e estratégias de tradução e interpretação, e estar em contato com a história, a comunidade e cultura Surda.

O surgimento dessa profissão vem atrelado à história dos Surdes, após o reconhecimento da Libras como língua oficial desta comunidade. O trabalho do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais torna-se um direito alcançado a partir da reivindicação dos Surdes, sendo que este profissional é visto como relevante e de grande importância para a referida comunidade.

Conforme Santos (2006), os TILS atuam nas mediações comunicativas e culturais entre Surdes e ouvintes. Este profissional interpreta e traduz a mensagem de uma língua para outra de forma precisa e simultânea, permitindo a comunicação entre dois pares distintos. Sua função é intermediar a interação comunicativa entre os Surdes e a pessoa que não tem o conhecimento da Libras. O intérprete, em situação face a face com os Surdes, precisa dar conta de formular e posteriormente, passar todas as informações que estão no discurso.

A história dos Surdes vem de encontro a profissão dos TILS, pelo fato dos Surdes serem minoria na sociedade e a barreira na comunicação dificultava seu acesso à sociedade, porém, após a oficialização da Lei nº 10.436/2002, regulamentando a Libras como língua

oficial das comunidades Surdes no Brasil, as mudanças foram acontecendo e esses sujeitos começaram a ter sua participação na sociedade, o que demandava de TILS para as mediações comunicativas.

Assim, o reconhecimento da Libras nas comunidades Surdas no Brasil, trouxe grandes avanços, que a partir da lei, foi assegurado aos Surdes o acesso à língua como direito linguístico e acessibilidade por meio do profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais, pois, sabemos que a comunicação é um fator fundamental para o ser humano, e a língua de sinais possibilita a interação dos Surdes no meio em que estão inseridos.

Dessa forma, a Libras pode influenciar uma sociedade que é majoritariamente ouvinte de modo que os Surdes possam ser incluídos nessa mesma sociedade. A oficialização da Libras significa a quebra de barreiras comunicacionais para os Surdes, sendo que esta língua deve ser respeitada, difundida e ensinada, a fim de assegurar o direito à comunicação e através dela o acesso dos Surdes na sociedade.

Diante de toda a expansão das línguas de sinais, houve a necessidade da presença dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais em diferentes espaços, para serem o canal de comunicação entre Surdes e ouvintes, fazendo o elo de comunicação entre falantes de uma língua A e falantes de uma língua B.

A Lei que regulamenta a profissão do TILS é nº 12.319 de 1º de setembro de 2009, no art.6º fala sobre as atribuições desse profissional:

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

- I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
- II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
- III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
- IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e
- V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (BRASIL, 2009).

A função do TILS é levar o acesso linguístico aos Surdes na sociedade, devendo atuar também no meio educacional na educação bilíngue (Libras e Língua Portuguesa). Este profissional além do conhecimento sobre a cultura e comunidade Surda, deve saber fazer a transposição de uma língua a outra, utilizando de estratégias da tradução e interpretação e as regras gramaticais de cada língua.

No meio profissional devemos levar em conta alguns aspectos como, formação

acadêmica, competência, habilidades, práticas, conhecimentos e outros. Se o profissional não for possível essas características poderá comprometer sua atuação. Dessa forma, tem-se aqui características que são indispensáveis para se pensar as identidades dos profissionais e que, entretanto, muitas vezes pode não ser considerada para analisar e refletir sobre os fatores que são intrínsecos às identidades.

A formação das identidades é um processo que está relacionado às diversas nuances e que influencia e é influenciado também por muitas subjetividades. No caso das identidades do TILS a situação não é diferente: a formação destas identidades também perpassa muitas vivências e experiências comuns a todos os sujeitos e outras próprias do contexto de atuação. De um modo geral, as profissões surgem, estabelecem-se e se modificam a partir das alterações sociais e políticas de cada época, assim, a partir de demandas sociais que tais se estabelecem num contexto social.

Ser um profissional seja qual for a área envolve questões éticas, habilidades, competências e conhecimentos específicos. Em diversas áreas existe um código de ética, uma regulamentação ou um código de conduta que os profissionais seguem.

O código de ética dos profissionais Tradutores e Intérpretes é um instrumento que orienta e traz recomendações sobre a atuação, o comportamento, relação com o contratante do serviço, responsabilidade e a relação com outros profissionais TILS.

Este código foi aprovado no 1º Encontro Nacional de Intérpretes, realizado em 5 e 6 de novembro de 1992, durante o DEF'RIO/92, na cidade do Rio de Janeiro. No capítulo 1, art. 5º do código de ética dos TILS, é exposto o seguinte: “5º. O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função” (BRASIL, 1992).

Diante do artigo exposto do código de ética, podemos refletir que, “o corpo do TILS negres, com o seu cabelo afro, *Black Power*, suas tranças, suas roupas e seus adereços como turbantes, lenços e tiaras, este corpo é passível desse adestramento, como o que é imposto pela padronização da sociedade?

Nenhum código de ética ou regimento pode infringir o direito universal de praticar sua identidade cultural, social, étnico racial ou mostrar a sua essência. Ao mesmo tempo que a sociedade discursa que nosso corpo precisa de regras diz também que precisa ser invisível, mas, sabemos que o corpo do TILS está exposto a todo o tempo e sempre em evidência, no momento da atuação, pois, o TILS não atua nos bastidores, ele sempre está em cima de um palco, de frente para uma plateia ou para uma sala de aula cheia de alunos.

A partir dessa reflexão sobre a corporeidade do TILS negres e diante dessa exposição esse corpo negro também sofre o preconceito, sofre o racismo, sendo de vários níveis, como por exemplo, no momento em que é preciso estar neutro e não chamar a atenção através das minhas vestimentas, do meu cabelo, dos meus adereços. Desse modo, devemos pensar quais os limites que interferem ou não no momento da interpretação.

Contudo, as discussões se encaminham para dois vieses sobre os negres Surdes e a performatividade da Libras e trazemos as vozes dos TILS negres que utilizam a Libras como meio profissional, dessa forma, abordamos questões que envolvem a língua, performatividade, identidade, racismo e gênero.

3. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo discorreremos acerca dos procedimentos metodológicos para a coleta e análise dos dados, onde detalhamos o passo a passo da pesquisa. Apresentamos ainda, a organização da coleta de dados e como as entrevistas foram realizadas. A metodologia deste trabalho é de cunho qualitativo, uma vez que trabalhamos com a língua a partir das identidades sociais.

Essa pesquisa segue a perspectiva do campo científico atual que permite e incentiva a flexibilização das fronteiras entre os campos do conhecimento e possibilita que diferentes áreas se integrem para a realização de pesquisas, usufruam de referências e literaturas pertinentes para a alcance de informação e de conhecimento, extravasando os âmbitos disciplinares delimitados (BRANDÃO, 2002). Assim, as relações entre língua, identidades sociais e negritude contribuem no aprofundamento dos estudos, e respondem melhor às complexidades da discussão, de forma mais abrangente, diversificada e transgressiva.

Apresentamos também a análise e discussão dos dados coletados para a pesquisa em consonância com os capítulos teóricos que discutem sobre linguagem, identidades e Libras. Dessa forma, retomamos os objetivos iniciais da pesquisa e, a partir das discussões, afirmar se os objetivos foram ou não cumpridos.

3.1 Desenho da pesquisa

Antes de abordarmos propriamente sobre os métodos utilizados e a coleta de dados, acreditamos ser relevante apresentar como traçamos e definimos o tema da pesquisa. Para a inscrição no processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Letras da UFOP, o tema era voltado para variação linguística na Libras no processo de fala-em-interação dos Surdos no ensino superior. Ao seguir nas disciplinas do mestrado, tive a possibilidade de englobar outros temas na pesquisa que a tornasse transgressiva e interdisciplinar. Em 2019 participei do CIEL - III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná (UEPG). Nesse evento tive o contato com diferentes temáticas, que buscavam pensar o decolonial, trazendo discussões sobre povos, culturas e identidades. Assim, a partir de todo o conhecimento adquirido durante o evento, percebi que poderia fazer a junção de língua, no caso a Libras, com as identidades sociais dos negres Surdes. E, depois de

orientações, leituras e pesquisas, cheguei ao tema da minha pesquisa “Surdez e negritude: uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras”.

São poucos os estudos que abordam essa tríade, voltada para a língua (Libras), identidades e negritude, envolvendo uma língua que é de modalidade visual-espacial. Dessa forma, seria possível compreender através dessa pesquisa, como os negres Surdes performatizam a Libras, ou se há essa diferenciação na performance da Libras através da identidade social. Assim, delimitamos o tema a ser investigado por meio das discussões dos textos que serviram de aporte teórico e no decorrer de todas as fases da pesquisa.

Esta pesquisa contempla dois vieses, o primeiro relacionado aos negres Surdes e o segundo, aos Tradutores e Intérpretes de Libras negres que utilizam da Libras como meio de trabalho, refletindo sobre questões voltadas a negritude, racismo e Libras.

Dessa forma, para a realização da coleta de dados, percorremos as seguintes etapas: 1) Mapeamos os negres Surdes e os TILS, por meio das redes sociais tais como: *Instagram*, *Facebook* e grupos de *Whatsapp*; 2) Após o mapeamento, entramos em contato através das redes sociais e e-mails convidando-os a participarem da pesquisa. O convite foi enviado em Libras para os Surdes, por meio de vídeo, pois a Libras é a língua materna e primeira desses sujeitos. E, na modalidade escrita da Língua Portuguesa, pois, existem Surdes que têm mais habilidade com a Língua Portuguesa. Assim, foi permitido que os participantes recebessem na sua língua de conforto. E para os TILS enviamos por escrito; 3) Após a resposta de aceite em participar da pesquisa, enviamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para assinatura e o questionário semiaberto para traçarmos o perfil de cada participante; 4) Posteriormente, a devolutiva do TCLE devidamente assinado e o questionário preenchido (para os participantes Surdes), entramos em contato novamente com os participantes para agendarmos as entrevistas, que foram realizadas conforme às medidas recomendadas pelo Ministério da Saúde (MS) a fim de priorizar o distanciamento social, (medida considerada a mais eficiente para frear a propagação do coronavírus e a disseminação da pandemia de Covid-19). As entrevistas foram realizadas online através da plataforma digital Google Meet, e aconteceram de acordo com a disponibilidade do participante. As entrevistas com os Surdes foram realizadas em Libras, e não foi preciso a intermediação de um Tradutor e Intérprete de Libras, pois, a pesquisadora é profissional na área de tradução e interpretação. Assim, foi de suma importância a pesquisadora ter o conhecimento e ser fluente em Libras, pois a aproximação e interação com a primeira língua dos sujeitos pode elevar os níveis de detalhes durante a entrevista; 5) Fizemos a transcrição de todas as entrevistas para a Língua Portuguesa;

6) Por fim, enviamos as transcrições para os participantes para aprovarem ou não o que foi transcrito e se correlaciona com o que foi sinalizado (Surdes) e o que foi falado (TILS) durante as entrevistas, para que não ocorra nenhum equívoco.

3.2 Coleta de dados

Num primeiro momento seria utilizado a metodologia multisseriada, devido possuir diferentes etapas da pesquisa. Onde seria possível observar e compreender um conjunto de diferentes métodos interpretativos que descrevem e decodificam os componentes de um sistema complexo de significados. Porém, devido ao atual contexto de pandemia pela Covid-19 foi necessário modificar a metodologia da pesquisa, assim, não foi possível utilizar os métodos almejados inicialmente.

A pesquisa é de abordagem qualitativa que, segundo Minayo *et al.* (1994, p. 21-22) afirmam que esta responde a questões muito particulares, preocupando-se “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Nessa perspectiva, salienta-se que as bases teóricas da pesquisa qualitativa privilegiam a consciência do sujeito, entendendo a realidade social como uma construção humana. Assim, considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, implicando num vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Conforme Neves (1996), nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados.

Dentro da abordagem metodológica na pesquisa qualitativa utilizamos a pesquisa de cunho etnográfico e o estudo de caso, que segundo Minayo (1992), a etnografia compreende o conjunto de reflexões que se abrigam sob seu próprio nome, além do interacionismo simbólico, da história de vida e da história oral. E o estudo de caso “se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (GODOY, 1995, p. 25).

Conforme Leininger (1985, p. 35) “a etnografia é como um processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar o estilo de vida ou padrões específicos de uma cultura ou subcultura, para apreender o seu modo de viver no seu ambiente natural”.

A questão que envolve as identidades e a cultura do sujeito relaciona-se às perspectivas da pesquisa etnográfica, que conforme Garcez & Schulz (2015) a proposta é analisar as práticas da linguagem em articulação com situações de interação e uso da língua. A pesquisa etnográfica relaciona a estudos para entender a cultura de um povo, ou seja, o foco é compreender a cultura de comunidades e grupos sociais. Assim, fica evidente que a etnografia é um método que possui características que torna a pesquisa mais eficiente e de qualidade, porque, volta os olhares para o grupo pesquisado, podendo ser uma sala de aula, uma comunidade, uma tribo indígena e outros.

No estudo de caso, "os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico" (BOGDAN & BILKEN, 1994, p.16 *apud*. MEIRINHOS & OSÓRIO, 2010, p. 50). Assim, o estudo de caso permite o detalhamento de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular.

O estudo de caso como estratégia de investigação é abordado por diferentes autores, como Yin (1993 e 2005), Stake (1999), Rodríguez *et al.* (1999). Para os autores, o estudo de caso pode ser algo bem definido ou concreto, como um indivíduo ou um grupo.

A aplicabilidade do uso do estudo de caso como estratégia de investigação pode ser realizado em situações humanas e contextos contemporâneos de vida real. Dooley (2002) refere que:

Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objecto ou fenómeno (DOOLEY, 2002, p. 343-344).

Para alcançar os objetivos propostos, a técnica escolhida para a geração de dados foi a entrevista semiestruturada, que foi guiada por relação de pontos de interesse do entrevistador e foi sendo explorada ao longo da entrevista.

Para Minayo (1994), a entrevista traz informações através da fala individual, revelando condições estruturais, sistemas de valores, normas, símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de um determinado grupo.

Na entrevista semiestruturada, o informante tem a possibilidade de falar sobre suas experiências, partindo de um foco, ou seja, de perguntas que são propostas pelo pesquisador; e ao mesmo tempo permite respostas livres e espontâneas (TRIVIÑOS, 1987). A entrevista traduz e mostra as representações que os participantes têm em suas vivências e experiências.

Para trazermos as vozes de Tradutoras e Intérpretes de Libras, a partir de entrevistas que estão sendo concebidas como narrativas dentro desse trabalho, pelo teor inclusive memorialístico de depoimento que as entrevistas assumiram. Foi realizada em caráter aberto onde propomos um tópico gerador que durante as entrevistas foi sendo desenvolvido de forma livre narrando sobre suas experiências e vivências no ambiente de atuação como profissional TILS.

As narrativas têm como proposta abrir perspectivas para que os participantes da pesquisa possam falar de si, trazendo aspectos de sua subjetividade, criar estéticas de si, no sentido de entender as experiências pelas quais passaram e se relacionam pelo fato de serem Tradutoras e Intérpretes de Libras negras.

As narrativas são realidades cotidianas que são percebidas por cada um de nós de um modo particular, damos sentido às situações por meio do nosso universo de crenças, elaborado a partir das vivências, valores e papéis culturais essenciais ao grupo social a que pertencemos.

Segundo Bruner (1991) organizamos a nossa experiência diária e a nossa experiência de acontecimentos humanos principalmente sob a forma de narrativa. Assim, à medida que vamos adquirindo mais experiências, vamos construindo nossas ideologias e encontrando mundos totalmente diferentes.

Assim, trabalhar com as narrativas nesse momento foi importante para compreendermos as experiências que as TILS tiveram em seus ambientes de trabalho a partir de suas vivências e a partir de suas identidades e cultura negra e o impacto do racismo dentro de suas profissões, pois, as narrativas são desenvolvidas com base na realidade das participantes, são versão da realidade e isto nos leva ao seu significado, “ao modo como a narrativa opera como instrumento do pensamento ao construir a realidade” (BRUNER, 1991, p.6).

Para a realização das narrativas das TILS, por razões da pandemia de Covid-19 e em acolhimento às medidas recomendadas pelo Ministério da Saúde a fim de priorizar o distanciamento social, as narrativas foram realizadas online através da plataforma digital Google Meet com dia e horário marcado para cada participante ou através do *Whatsapp*, onde as participantes pudessem enviar um áudio respondendo à pergunta geradora. Coincidentemente, apenas mulheres aceitaram participar da entrevista, talvez pelo fato delas serem as mais impactadas.

Iniciamos a geração de dados fazendo o convite aos Surdes para participarem da pesquisa. O convite foi feito através das redes sociais e envio de e-mails, pois, a pandemia tornou a coleta de dados mais difícil. Após o aceite dos participantes, foi enviado um

questionário semiaberto⁶ para traçar o perfil deles. E, também enviamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. A segunda etapa compreendeu a realização da coleta de dados, através de entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas em Libras (primeira língua dos Surdes entrevistados), através da plataforma digital Google Meet, com dia e horário marcados. Todas as entrevistas foram transcritas para a Língua Portuguesa⁷.

Devido ao contexto de pandemia pela Covid - 19 a pesquisa sofreu várias alterações, que possibilitaram também o atraso das coletas de dados. Assim, as entrevistas foram realizadas no mês de abril de 2021.

Para as entrevistas foram contactados 13(treze) negres Surdes, através das redes sociais e por e-mail. O convite foi enviado em Libras, em forma de vídeo e na modalidade escrita da Língua Portuguesa. Na obtenção de resposta para participar da pesquisa 2(duas) pessoas aceitaram. Alguns justificaram o porquê da não participação e outros não responderam ao e-mail ou à mensagem. Dessa forma, verificou-se uma grande dificuldade em mapear e entrar em contato com os negres Surdes, devido serem minoria, e também dificuldades em participarem da entrevista, que pode ser justificada pela situação de pandemia que estamos vivenciando e que afeta a todos de diferentes formas. Outra justificativa também, pela não participação pode estar relacionada às identidades que estão interseccionadas, ou seja, uma identidade é mais preponderante que a outra.

No momento da entrevista semiestruturada⁸ foram direcionadas perguntas aos participantes para guiar o momento. Ao todo foram 7(sete) perguntas abrangendo questões sobre identificação, a inserção na comunidade surda e em movimentos negros, a diferença social em ser Surdo e ser negro e a constituição dessa “dupla diferença” e sobre a Libras sinalizada pelo negro Surdo. As perguntas serviram para orientar a discussão e para trazer outros elementos para a entrevista que foram importantes para a interação.

Após a realização das entrevistas, foram realizadas as transcrições da Libras para a Língua Portuguesa, que foi realizada manualmente seguindo um padrão não naturalista, onde foi privilegiado uma transcrição mais polida (AZEVEDO, *et al.*, 2017).

A realização das transcrições da Libras para a Língua Portuguesa, foi realizada de forma direta e literal, para melhor compreensão. Todo processo de transcrição sofre influências, pois possui uma série de especificidades que necessitam de conhecimentos prévios para sua

⁶ O Questionário encontra-se disponível no anexo 1.

⁷ As Transcrições das entrevistas com os participantes da pesquisa estão disponíveis no anexo 3 e 4.

⁸ O roteiro da entrevista semiestruturada está disponível no anexo 2.

decodificação (LEANDRO, 2017).

A etapa de transcrição dos dados é muito importante e significativa da pesquisa, pois é o momento em que se prepara o material a ser analisado, além disso, o pesquisador traz o registro real do informante. Nessa etapa há “... uma série de procedimentos interpretativos e seletivos” (GAGO, 2002, p. 91) que incide em uma atividade analítica plena envolvendo análise e representação.

Finalizadas as transcrições, procedemos com a análise dos dados coletados de maneira discursiva, a partir da subjetividade e no entendimento dos significados que são situados nos contextos culturais em que são produzidos, sendo capaz de aproximar o conhecimento mais próximo da realidade (GEERTZ, 1989). Assim, foi possível considerar os sentidos das falas dos negres Surdes, em seus acordos e desacordos, frente às vivências e experiências. Com isso, foi possível articular os dados coletados aos referenciais teóricos da pesquisa, para dar base aos objetivos formulados.

3.3 Participantes da pesquisa

Ao todo foram realizadas 6(seis) entrevistas, 4(quatro) com as Tradutoras e Intérpretes de Libras/Língua Portuguesa e 2(dois)⁹ com os negres Surdes. Utilizamos a plataforma do Google Meet para a realização das entrevistas. E utilizamos também um gravador de tela *OBS Studio*¹⁰, para que a entrevista fosse captada por completo, podendo aparecer tanto a entrevistadora quanto o entrevistado.

Para detalharmos sobre os participantes da pesquisa e traçarmos o perfil de cada um, apresentamos o quadro abaixo.

⁹ Uma entrevista gravada foi perdida, pois, era necessário utilizar um gravador de tela para podermos captar a sinalização dos Surdes. Na primeira entrevista realizada através do Google Meet, não utilizamos o gravador de tela. A plataforma do Google Meet é desenvolvida especificamente para evidenciar a pessoa que está falando, ou seja, no momento em que a pessoa fala, sua tela fica em evidência. Para o Surdo essa funcionalidade não acontece, pois, ao utilizar a Libras nenhum som é transmitido à plataforma, e a tela não fica em evidência. Assim, como a entrevista foi feita toda em Libras a tela não fica em evidência, só se ocorresse algum barulho ou ruído. Então, ao iniciar as entrevistas esse quesito não foi percebido pela pesquisadora, somente no momento em que iniciou a transcrição que percebeu que a sinalização do participante não apareceu na tela. Dessa forma, foi necessário entrarmos em contato novamente com os participantes, onde 2(dois) aceitaram fazer novamente, porém, 1(um) não tinha mais disponibilidade.

¹⁰ Este é um *software* livre e de código aberto para gravação de vídeo, transmissão em tempo real e captura de tela.

QUADRO 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome¹¹	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Atuação TILS
Antonieta de Barros	26	Mestrado	Ponte Nova - MG	Contexto Religioso
Antônio	26	Cursando o ensino superior	São Carlos - São Paulo	-
Dandara dos Palmares	40	Mestrado	Viçosa – MG	Ensino Superior
Laudelina de Campos Melo	32	Graduação	Viçosa – MG	Ensino Superior
Pedro	39	Ensino Médio	Betim – MG	-
Tereza de Benguela	25	Graduação	Viçosa – MG	Ensino Superior

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Como ética na pesquisa não divulgaremos o nome das participantes TILS, assim, as identificamos com nomes de mulheres negras que foram importantes e pioneiras na cultura, na política e na ciência. Essa escolha demonstra a importância em refletirmos sobre a temática e envolver e enfatizar o nome de mulheres negras que foram importantes no contexto histórico e de luta.

3.4 Análise dos dados

Nessa pesquisa, temos como objetivo geral: verificar se os negres Surdes performatizam a Libras de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto da língua. A partir do objetivo geral a discussão volta-se em dois momentos específicos: 1) - Apresentar os estudos que abordam a Linguística Aplicada Transgressiva desenvolvida por Pennycook (2006) em diálogo com os Estudos Culturais de Hall (1997); 2) - Verificar a possibilidade de uma sinalização ou sinais específicos próprios dos negres Surdes.

Ao refletirmos sobre essa temática, o problema de pesquisa volta-se para a seguinte indagação: Os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras de acordo com a sua identidade étnico racial? Para responder ao problema da pesquisa, este estudo baseia nos pressupostos

¹¹ Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios.

teóricos do campo da Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva em consonância com os Estudos Culturais que abordam as concepções de surdez, identidade, performatividade e questões étnico-raciais.

Após a retomada dos objetivos da pesquisa, analisamos as entrevistas dos negres Surdes, contrapondo-as a partir de teóricos que discutem sobre os temas apresentados. Tozoni-Reis (2010) diz que é necessário, nessa altura da pesquisa, usar as contribuições dos autores lidos na pesquisa bibliográfica ou ainda de outros que escrevem sobre questões relacionadas ao tema.

É preciso buscar compreender os resultados obtidos no processo de coleta de dados, depois organizá-los em categorias, com o apoio dos autores, de suas interpretações sobre os assuntos relacionados às categorias. Assim, para cada conjunto de dados apresentados, faz-se necessário refletir sobre o que disseram os autores, visando analisar os dados (TOZONI-REIS, 2010, p. 06-07).

É importante categorizar os dados a partir dos embasamentos dos autores e refletindo sobre os pressupostos teóricos, pois favorece na compreensão.

Dessa forma, os dados desse estudo serão analisados por meio das entrevistas que nos foi possível realizar e refletir a partir dos capítulos teóricos descritos anteriormente que discutem sobre: Capítulo 1 - Linguística Aplicada, Língua e Performance e Capítulo 2 - Cultura e Identidades Sociais.

Todos os possíveis participantes mapeados foram contactados no mês de março de 2021 e as entrevistas foram realizadas no mês de abril. Houve um atraso na coleta de dados, devido ao impacto da pandemia pela Covid-19, pois, o contato foi realizado por meio das redes sociais e e-mail, ocorrendo atraso para que os participantes respondessem.

A discussão analítica se dará tendo em vista a pergunta geral da pesquisa **“É possível defender que existe uma performance negra no campo da Libras? Ou seja, as pessoas performatizam a Língua de Sinais diferente por serem negras?”** E a partir da pergunta geral da pesquisa dois critérios analíticos foram criados, o primeiro é a relação entre a linguagem e a identificação negra a partir da ideia de performance na Libras, e a segunda é a relação entre cultura e identidades Surdas. Assim, nossa discussão abrange sobre linguagem, identidades e Libras.

Após entrar em contato com os negres Surdes e obter suas respostas de participação ou não na entrevista, alguns trouxeram indagações para a nossa pesquisa, o que possibilitou diferentes análises. Assim, algumas respostas voltavam-se sobre a questão de lugar de fala e identificação, ou seja, como é o reconhecimento identitário. Essas temáticas serão discutidas posteriormente, em consonância com as falas dos participantes.

A primeira entrevista foi realizada com o participante Pedro em 6 de abril de 2021. O roteiro utilizado para guiar a entrevista foi o mesmo para os dois participantes. O segundo entrevistado foi Antônio, entrevista realizada em 12 de abril de 2021. As entrevistas seguiram um roteiro¹² que contempla questões relativas à identificação dos sujeitos negres Surdes, a performatividade da Libras e sua participação frente a comunidade Surda e movimento negro. As discussões serão apresentadas conforme os critérios analíticos selecionados, onde discutiremos sobre as identidades sociais e a cultura e a linguagem a partir da performatividade na Libras.

3.4.1 Identidades sociais e cultura

O subtópico atual destina-se a descrever as falas apresentadas nas entrevistas em consonância com o objetivo geral da pesquisa: “Verificar se os negres Surdes performatizam a Libras de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto da língua”. E afirmar os objetivos específicos que discorrem sobre as identidades sociais dos negres Surdes, especificamente o objetivo, 1) Apresentar os estudos que abordam a Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva desenvolvida por Pennycook (2006) em diálogo com os Estudos Culturais de Hall (1997). A partir do embasamento teórico apresentado, a intenção de análise desse item é teorizar os estudos culturais de Hall (2003) e sobre identidades sociais.

O conceito de identidade está atrelado ao contexto social em que os sujeitos estão inseridos, onde ele poderá ocultar sua identidade em função do grupo social em que está inserido ou pode demonstrá-la a partir do grupo social que compartilha dos mesmos interesses (BERLATTO, 2009).

As identidades não são estáticas, elas sempre estão em transformação, possuindo suas significações, particularidades e individualidades que são únicas, ou seja, está em constante construção e são reformuladas através da interação social. E com as mudanças sociais e com o passar dos anos os processos identitários também sofrem mudanças.

Nessa questão podemos falar sobre a dupla identidade, ou seja, em ser negro e ser Surdo. Furtado (2012) conceitua sobre a “dupla diferença”:

[...] a existência de um único sujeito, de dois traços identitários que o diferencie significativamente da “norma”, representada na sociedade por sujeitos brancos, magros, altos, ouvintes, que enxerguem, sejam usuários de uma língua de

¹² O roteiro está disponível no anexo 2.

modalidade visual-espacial e que não possuam nenhum comprometimento físico ou intelectual. (FURTADO, 2012, p. 9).

Com relação às identidades dos participantes, podemos destacar suas falas:

QUADRO 2 – IDENTIDADES NEGRES SURDES

Antônio - *Eu sou negro e surdo. Creio que essas duas identidades são indissociáveis. Elas sempre estarão em interseção, sendo, portanto, impossível a sua dispersão.*

Pedro - *A minha identidade é a surda, além de ser negro também. São as duas, na verdade. Eu nasci assim. Compreende? Eu nasci dessa forma. Por isso, enquanto humano, tenho ambas as identidades, a surda e a negra. Entendeu?*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os dois participantes falam sobre a dupla identidade, ou seja, tem os dois traços identitários, o de ser negro e ser Surdo. Onde o processo de construção da identidade do negro está ligado à sua construção emocional sendo, um elemento particular da formação social. E a identidade Surda que é construída a partir da cultura Surda, por meio dos costumes, hábitos e as experiências vivenciadas dentro das comunidades Surdas. É na cultura que os Surdes compartilham de suas normas, seus valores e estilos de vida. Conforme Furtado (2012, p. 39), [...] “é como se a Cultura Surda estivesse impregnada em seus corpos”.

A construção e a afirmação de suas identidades estão atreladas a suas culturas, onde Hall (1996) relata sobre as identidades culturais, que provêm de suas histórias e que sofrem constantes modificações. As identidades culturais são pontos de identificação e pontos instáveis feitos no interior dos discursos da cultura e história. Assim, as identidades são compreendidas como formadas culturalmente, onde são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica.

O conceito de identidade é amplo, e ele deve ser visto além dos conceitos de identidade escritos em dicionários e enciclopédias que apontam a identidade como “conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, idade, sexo, estado civil, filiação, etc.)” (KOOGAN, 1995, p. 80). Devemos levar em conta o conceito de identidade a partir da identidade relacional, a identidade que apresenta a cultura, as relações sociais (intrapessoal e interpessoal), a identidade repleta de símbolos que está ligada a condições sociais e materiais da vida.

Também podemos falar sobre diferença e identidade que, conforme Silva (1999) ha relevância na discussão sobre os dois termos. Sendo a diferença e identidade um processo

relacional, ou seja, uma depende da outra e que só existem numa relação de mútua dependência.

Nessa questão dos participantes relatam a respeito de participar das comunidades Surdas e dos movimentos negros como forma de integrar as suas identidades culturais, tanto negra como Surda.

QUADRO 3 – IDENTIDADES CULTURAIS

Antônio - *Sim, participo sempre. Não só aqui em São Carlos, mas também em São Paulo e no Brasil como um todo.*

- *Em associações, não, mas do momento, sim. Por exemplo, existe um Conselho Municipal...*

- *Conselho, então, eu sempre participo desse órgão aqui no município.*

Pedro - *Sim, sou um membro assíduo a essa comunidade. Participo. Em associações, em igrejas, estando junto ao povo surdo. Também, participo em eventos e palestras, de modo a interagir com essa comunidade. Ainda, nas redes sociais com as pessoas surdas. Certo?*

- *Sim, sempre participo também. É importante reafirmar a necessidade de respeito a esse grupo ao invés do preconceito, destacando a liberdade.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O participante Pedro relata sobre sua participação no movimento negro e destaca que sua participação reafirma a necessidade de respeito e liberdade desse grupo e despreza o preconceito.

Podemos destacar que fazer parte da comunidade surda é partilhar os mesmos espaços e as mesmas trocas simbólicas, como a língua de sinais, os artefatos culturais e experiências visuais entre Surdes e ouvintes que congregam interesses comuns e coletivos. E, dentro de uma comunidade podemos ter diferentes identidades Surdas. Assim, comunidade surda se constitui de um complexo de relações e interligações sociais, que se baseiam no uso da língua de sinais e nas experiências visuais e espaciais (LEANDRO, 2017).

Conforme destacado por Perlin (2013, p. 66) “[...] a identidade parte da comunidade surda, sem esquecer as identidades ouvintes que lhe emprestam fragmentos, constituem-se novas visões”. Dessa forma, a identidade Surda não é limitada e nem se constitui sozinha e nem completa em si mesmo, ela é formada e forjada por aspectos das identidades Surdes e ouvintes mesmos que de forma imposta.

A identidade Surda constitui a autonomia do sujeito Surde e essa autonomia só será

desenvolvida por ele se estiver em contato com a comunidade Surda (FIGUEIREDO, 2010). O autor diz que, “É através do encontro com os saberes Surdos, nas histórias de vida, nas relações com o mundo e com o outro é que vai haver a possibilidade de se interagir socialmente” (FIGUEIREDO, 2010, p. 26).

Uma questão que envolve a “dupla diferença” em ser negro e Surde é o julgando da sociedade, em que muitas vezes a identidade negra é vista primeiro, pois, a surdez muitas vezes é invisível, ou seja, não aparece. Os entrevistados relatam sobre essa diferença.

QUADRO 4 – DUPLA DIFERENÇA “NEGRE” E “SURDE”

Antônio - Bem, por exemplo, sou negro e, quando avistado na rua, geralmente pensam que posso praticar algum roubo, entre outras tantas marginalidades. Contudo, no momento em que me expresso, seja pela oralização, seja pela sinalização, a percepção que as pessoas têm é diferente, é de compaixão, pelo fato de eu ser surdo.

- Significa....por exemplo, ser eu mesmo. Com a minha identidade, a minha subjetividade. É isso.

Pedro - Como surdo ou negro, penso que o importante é estabelecer uma interação social, uma união. Entende? De fato, união.

- União, no sentido de os surdos interagirem com os negros, utilizarem a língua de sinais, de modo a reconhecer a condição humana, sem quaisquer discriminações. Por isso, a união.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

As falas de Antônio e Pedro têm perspectivas diferentes. Antônio diz que a sua identidade negra diante da sociedade é vista primeiro, assim, as pessoas podem fazer um pré-julgamento negativo, ou seja, marginalizando-o. O que remete a uma questão histórica e falar da identidade negra, é falar de processos de subjugação, massacre, inferiorização e supressões históricas, culturais, sociais e profissionais. Os negres até hoje passam por situações vexatórias e degradantes, análogas com as da época da escravidão, a diferença esteja, talvez, que neste momento o racismo acontece de forma velada e silenciosa.

Já Pedro relata numa perspectiva de que mesmo tendo essa diferença social entre negres e Surdes, o importante é que as identidades são indissociáveis, e os sujeitos tanto negres quanto Surdes devem ser um só, além de utilizarem a Libras nesse processo de condição humana na comunicação. Assim, ele infere sobre a importância da união entre todos.

Pedro ainda relata sobre o significado de ser negro e Surdo, pois, para ele essa

diferenciação identitária não existe.

QUADRO 5 – DIFERENÇA IDENTITÁRIA

Pedro - *Significa ser humano, sem qualquer preconceito, uma vez que eu nasci assim.*

- *Sim, há uma igualdade.*

- *Bem, penso que o mais importante para a área é perceber os surdos negros e os surdos brancos na sociedade e trazer orientações, a fim de que haja união e não discriminação, possibilitando uma transformação no mundo. Sabemos dos problemas já vividos, mas precisamos progredir, esquecendo-os e focando em ações de união. O meu desejo é esse.*

- *Essas distinções que temos em relação a cor como negro e branco não tem utilidade, visto que o mais importante é o que se tem no coração, o que pode ser ofertado ao outro. Por exemplo, eu sou negro, mas uma pessoa branca pode fornecer algo de bom a mim. Todos somos iguais e, assim, não vejo a necessidade de diferenças. Ficou claro? Esse é o meu desejo.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante das falas dos entrevistados percebemos que a dupla diferença faz parte de seus contextos de identidades, porém, é uma questão que é percebida como inseparável, uma relaciona-se com a outra e deve ser tratado no contexto de igualdade.

Uma identidade pode ser afirmada ou reprimida, e isso depende do contexto social em que o sujeito está inserido (BERLATTO, 2009). A construção identitária acontece nos contextos sociais em que estamos inseridos, que orientam nossas representações e escolhas. Diante disso, o sujeito pode ocultar sua identidade ou pode demonstrá-la, em função do grupo social que está inserido e que compartilha os mesmos interesses.

Na concepção de Bhabha (1998) é na construção das identidades dos sujeitos é que percebemos o início da performatividade, dando seu lugar de fala enquanto sujeitos negres e Surdes, mostrando sua cultura, sua língua e sua identidade.

Portanto, é importante pensarmos sobre a “dupla identidade”, em ser negre e ser Surde, pois, a interação volta-se para uma questão linguística e cultural. E quando falamos em sujeitos “duplamente diferentes” o estigma aumenta, pois retrata estereótipos existentes em relação aos Surdes e em relação aos negres.

3.4.2 Linguagem e performatividade na Libras

A Libras é a primeira língua dos sujeitos Surdes, reconhecida por lei como meio de

comunicação e expressão para essa comunidade. E a história dos Surdes perpassa por um grande sofrimento e de lutas, e após o reconhecimento da lei, os Surdes passam a ser protagonistas de sua história e são reconhecidos com sujeitos Surdes que possuem sua L1, a Libras.

Ao discutirmos sobre linguagem, também falamos sobre performance, pois, conforme Austin (1990) “defende que toda a linguagem é *performativa*, pois não se trata de descrever a linguagem, mas sim analisá-la a partir de sua performance”, que relaciona também com os atos de fala. Assim, a noção de linguagem constitui o conceito de performativo, visto que, ao enunciarmos, estamos praticando uma ação e, portanto, seu sucesso ou fracasso só pode ser analisado no ato praticado, ou seja, vai depender das circunstâncias produzidas do ato de fala (OTTONI, 2002).

Ao discutirmos sobre a performatividade da Libras com os entrevistados, as respostas apresentam questões que são importantes refletir a partir dos objetivos específicos que evidenciamos na pesquisa: 2) – Verificar a possibilidade de uma sinalização ou sinais próprios dos negres Surdes. Corroborando com a pergunta de pesquisa: **Os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras de acordo com a sua identidade étnico racial?**

Para responder à pergunta de pesquisa apresentamos as falas dos participantes que abordam sobre a performatividade da Libras.

Primeiramente, Antônio aborda sobre a dificuldade em se comunicar em Libras no trabalho. Ele é Co-Vereador em sua cidade e nas reuniões não tem a presença do Tradutor e Intérprete de Libras, assim para se comunicar ele precisa oralizar, o que impossibilita de se comunicar e performatizar pela sua L1.

QUADRO 6 – PERFORMANCE NA LIBRAS

Antônio - *Sempre oralizo, sempre. Hum.. também na reunião passada xxxxxx eu preciso oralizar. Eu não oralizo, não falo português oral com a escrita muito bem. (transcrição da fala em Português).*

- *Por exemplo, nas reuniões sempre utilizam palavras em inglês. Hoje uma pessoa disse “onda”. Entendeu? “Onda”. Entendeu?*

- *Onda. Eles usaram outra palavra, “hipe”.*

- *Hipe (transcrição da fala vocal).*

- *Essa palavra significa “onda”. Parece que é mais sofisticado dizer “hipe”. Entende?*

- *Então, preciso falar não apenas em português, mas também algumas palavras em inglês.*

- *Eu quero respeitá-los.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Podemos verificar na fala de Antônio que além de ter que oralizar e não utilizar sua L1 para se comunicar e expressar, também é necessário ter o conhecimento de outras línguas. A Libras é regulamentada pela Lei nº 10.436, e a partir dessa lei os Surdes têm o direito de acessibilidade linguística através do Tradutor e Intérprete de Libras, mas vemos que isso não é respeitado. Além disso, ele não utiliza sua língua materna, assim, ele não performatiza a sua língua no ato da sinalização, não há evidência da performance do corpo Surdo. Nas palavras de Bispo (2019) essa questão demonstra que “Mas, a barreira surge quando se considera a performance em língua de sinais “menor” e a impossibilita de ser um forte instrumento artístico que possa contribuir para a sociedade” (BISPO, 2019, p. 57). Para o autor a Libras é um instrumento rico e poderoso que mobiliza toda a comunidade surda, pois valoriza a língua e os Surdes se impõe politicamente na sociedade.

Duranti (1997) diz que a performance é caracterizada pelo uso da linguagem, ou seja, é entendida como uma implementação do conhecimento a partir dos atos da pessoa que está utilizando a língua.

Ao discutir sobre performatividade na Libras com o participante Pedro, sua visão relaciona-se com uma questão de igualdade, como mostrou em suas falas ao perguntar sobre a diferença em relação às identidades negres e Surdes. O mesmo considera a sinalização dos Surdes como um todo. Ele destaca que:

QUADRO 7 – IDENTIDADES INTERSECCIONADAS

Pedro - *Da mesma maneira, a sinalização é igual. Não existe qualquer diferença.*
 - *Acho que não há diferença. Eu percebo a sinalização de todos da mesma forma. Considerando a sociedade como um todo, os negros e os brancos estarão unidos, uma vez que naquele local o uso da Libras será o fato mais importante. Entende? Penso assim.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A fala de Pedro demonstra que as identidades muitas vezes estão interseccionadas, ou seja, há a percepção de uma identidade ser mais preponderante que a outra.

Ao perguntarmos sobre a distinção de terminologias e léxicos na Libras específicos dos negres Surdes, Antônio traz primeiramente, uma concepção histórica para embasar sua resposta, sobre uma questão que está diretamente relacionada à organização estrutural da sociedade a questão social, sobre o reconhecimento das identidades e dos privilégios.

QUADRO 8 – RECONHECENDO IDENTIDADES E PRIVILÉGIOS

Antônio - *Sim, eu detecto essa diferença. Por exemplo, percebo que, historicamente, uma grande parcela de pessoas brancas frequenta as escolas, diferentemente das negras. Essa questão impacta diretamente a comunidade surda. Não são todos os espaços que possuem acessibilidade por meio da língua de sinais. Os surdos negros nascem em famílias pobres, uma vez que, infelizmente, a maioria das pessoas pobres do país são negras. Assim, essas famílias geralmente querem que seus filhos sejam oralizados para que, por serem negros e oriundos dessa classe social, sejam, ao crescerem, independentes. Esse ponto se distingue da maior parte das famílias brancas, que possuem, tradicionalmente, boas condições de renda e estudo. Entende? Por isso, as famílias negras tendem a optar pela oralização, não possuindo paciência, já que buscam resultados imediatos para a sobrevivência financeira. Esses aspectos influenciam a aprendizagem da Libras, que, por si só, não é um processo trivial. Imagine uma pessoa de um seio familiar desabastecido, que, estruturalmente, não possui estudos. Isso é uma problemática, já que não haverá, por parte dessa família, empenho em aprender uma nova língua culturalmente marcada. Nesse sentido, o surdo negro, ao longo do seu desenvolvimento, poderá ter uma língua de sinais precária que, mais tarde, pode ser aprimorada ou não. No meu caso, meus pais são negros, e minha mãe queria que eu aprendesse Libras, assim como ela também aprendeu. Entretanto, o meu pai não queria a língua de sinais, apenas a oralização. É válido frisar que a minha família é um pouco diferente, visto que eu cresci em contato com a Libras e o português. Posteriormente, aprendi o inglês. Depois, comecei a namorar uma pessoa nativa da França, resultando que eu aprendesse o francês também e, assim, constituindo-me como um sujeito que sabe várias línguas. Por isso, hoje eu consigo entender bem o inglês e o francês, mas a maioria dos surdos, não.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Antônio relata sobre a falta de escolaridade, o que impacta diretamente os negres. E, nos espaços educacionais não possuem acessibilidade linguística, ou seja, não tem a presença do TILS, também a escola não tem conhecimento sobre a Libras e a cultura surda, o que afeta diretamente os Surdes. E os negres Surdes que nascem em famílias de classe baixa, são afetados “duplamente”, pois, conforme observado por Batista & França (2007, p. 45) “a família é afetada pelas determinantes sociais e também reage a essa influência”.

Quando a família tem o diagnóstico de uma criança Surda, o impacto dessa notícia pode mudar toda a dinâmica familiar, e cada família reage de alguma forma. Tudo isso impacta na construção das identidades, pois, as famílias querem que por ser negre e Surde, sejam

oralizados para serem independentes futuramente e aceitos pela sociedade. Isso corrobora e influencia no processo de aquisição da Libras, pois, por serem oralizados, a língua de sinais muitas vezes é desconhecida ou precária.

Para complementar, discutimos a respeito da compreensão do racismo pelas pessoas Surdes, pois, ao fazer o convite para participar da entrevista alguns Surdes não se identificam como negro, mas como moreno(a). Essa questão trouxe várias indagações, por isso, foi necessário falarmos sobre essa temática. Antônio trouxe a seguinte resposta:

QUADRO 9 – COMPREENSÃO DO RACISMO PELOS SURDES

Antônio - [...] *Jesse é um problema. O modelo de pessoas para os surdos são as pessoas brancas. Por exemplo, essa pergunta, me fez pensar em surdos de referência.*

- Por exemplo, aqui no Brasil, a maior parcela da população, 56%, é negra. O seio da comunidade surda também é composto, em sua maioria, por cerca de 5.600.000 pessoas negras. Esse quantitativo é muito relevante, no entanto, essas pessoas pensam que se enquadram na cor parda. Por vezes, alguns dizem não ser negros, mas morenos ou pardos. É necessário levantar essa discussão. Corriqueiramente, a pauta mais debatida em torno da comunidade surda é a linguística. Outros assuntos são pouco explorados. É óbvio que é importante destacar a questão linguística, porém demais assuntos como identidade de gênero, empoderamento feminino, entre outros, também são relevantes e escassos de discussões na comunidade. Isso evidencia, novamente, a pouca incidência de temáticas que envolvam a comunidade LGBTQIA+, as mulheres, as pessoas negras, as raças etc. Percebo que as pessoas que possuem maior consciência e conhecimento a respeito dessas pautas estão inseridas no meio acadêmico em pesquisas de doutorado, de mestrado, submetidas a uma elevada influência do português. No geral, os surdos não recebem o impacto do português dessa maneira e apresentam apenas escolarização básica. Portanto, não possuem percepção para o debate das referidas pautas.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Antônio traz uma questão muito importante para se debater, que são as temáticas voltadas para o racismo, questões de gênero, identidades e outros assuntos que são pouco discutidos dentro da comunidade surda. O que sobressai são as discussões voltadas para a língua. Aí está um déficit, por isso, alguns Surdes não têm a sua identidade compreendida, pelo fato de não terem acesso a essas temáticas, e quando tem são discussões rasas. Isso nos leva a pensar, primeiramente, na tríade que propomos discutir nesta pesquisa, que volta-se para língua, identidade e negritude, demonstrando também que estamos no caminho certo

nesse estudo. Abordando questões transgressoras, que nos inquieta, nos faz refletir e nos tira do lugar.

Ainda sobre essa temática, o participante complementa falando sobre o lugar de fala, e, essa questão volta-se também para o início das realizações das entrevistas, onde alguns Surdes preferem estar no lugar de fala como Surde e não como negre Surde.

QUADRO 10 – LUGAR DE FALA

Antônio – [...] *tem algumas pessoas que falam a respeito disso, mas, infelizmente, a questão é outra. Veja bem, há o conceito sobre lugar de fala.*

- *Muitas pessoas comentam a respeito, como se fosse algo básico. Todavia, nunca leram um livro sobre raças. É como se tudo fosse algo unívoco, negros, pobres. Eu percebo que existem pessoas que sabem Libras, porém, no momento da discussão, a abordagem é muito rasa, não há um aprofundamento. É assim. Infelizmente, não é apenas na comunidade surda, exterior a ela também, os ouvintes. As pessoas sabem que têm privilégios.*

- *Então, essas pessoas são privilegiadas. Querem discutir sobre desigualdades, mas sempre é um debate superficial e nunca profundo. As pessoas me veem como alguém que sabe se posicionar, mas associam às cotas. Por isso, o debate se torna raso, infelizmente. Uma questão complexa que eu percebo é o fato de as pessoas discutirem temáticas a respeito dos negros, dos surdos, sem adentrar a essas comunidades e movimentos. Apresentam suas publicações acadêmicas, realizam pós-graduações a nível de mestrado e de doutorado, porém essas produções são superficiais.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Antônio fala novamente sobre a questão das temáticas que muitas vezes são discutidas superficialmente, e que não há um aprofundamento. Isso demonstra que na própria sociedade esses assuntos são poucos discutidos, e em se tratando da comunidade surda, é menos ainda. Pelo fato de não terem o conhecimento, em não ser abordado dentro da comunidade surda, em pesquisas essas temáticas são tratadas de modo superficial.

Diante de todas as falas apresentadas nesse tópico, podemos relacionar a língua e as identidades sociais a partir de Hall (2004) onde aponta que as identidades são múltiplas e fragmentadas e sofrem influências em função de seus espaços e tempos, assim, a identidade sempre está em crise, por isso, os indivíduos lutam pela própria estabilidade e organização de uma nova identidade, e novas identificações se formam e se tornam múltiplas, menos estáticas e centralizadas.

Sobre a língua de sinais, Figueiredo (2010) afirma que ela constitui para o Surde um

fator linguístico, mas também um fator de fortalecimento de suas identidades e de sua cultura Surda, possibilitando compor enquanto sujeito, e permite o “vir a ser através de sua identidade cultural e social e de linguagem” (p. 23).

Quanto à performance na Libras, podemos verificar que existe sim, sinais próprios que são utilizados por negres Surdes, que estão relacionados a uma questão de classe social, onde o negre Surde tem ou teve menos oportunidades, devido a escolaridade, a influência familiar, a falta de acessibilidade linguística. Conforme Bispo (2019, p. 47) “a contemporaneidade que vivemos nos permite compreender essa manifestação da cultura surda como performance”. Deixa claro que a performance na Libras é um ato de resistência, um ato político e de união que reverbera suas identidades.

Para abordarmos o segundo viés da pesquisa trazemos as vozes das Tradutoras e Intérpretes de Libras, onde propomos uma pergunta geradora para que elas pudessem relatar suas experiências. Introduzimos a seguinte questão: **“O que o racismo tem impactado no seu ambiente de trabalho como Tradutora e Intérprete de Libras negra?”**. As TILS tiveram o tempo livre para que pudessem discorrer sobre o contexto em que estão inseridas.

Durante as narrativas das TILS em suas falas surgiram diferentes temáticas tais como, corporeidade, ética profissional, posicionamento político, gênero, sexismo, relações de poder, estética, neutralidade, performatividade, racismo, assédio e outros. Porém, como critério analítico para a nossa pesquisa, nos interessa nessa discussão os assuntos que foram mais recorrentes nas vozes das TILS. Dessa forma, elencamos 3 temas que foram recorrentes no momento das narrativas, são eles: **1 – Estética; 2 – Racismo; 3 – Assédio/Gênero.**

A partir dos critérios analíticos as discussões das narrativas foram feitas a partir das 3 temáticas elencadas, porém, outros temas surgem nas discussões para complementar as falas das TILS.

3.4.3 A neutralidade numa perspectiva da estética das TILS negras

Nas entrevistas das TILS uma das temáticas mais recorrentes foi relacionada ao corpo e a estética, que relaciona-se às vestimentas, cabelo, cor da roupa e outros elementos que compõem suas características identitárias. Muitas vezes observamos uma postura e olhares que são preconceituosos e que levam a uma atitude racista, mas na maioria das vezes acontece de forma maquiada ou não explícita. A partir disso, refletimos sobre o lugar da neutralidade em encontro com a profissão, ou seja, como se manter neutro perante situações de racismo, de

preconceito ou mesmo de assédio.

Apresentamos alguns excertos das narrativas das TILS para ilustrar a discussão, que relata sobre o código de ética dos Tradutores e Intérpretes de Libras.

QUADRO 11 – CÓDIGO DE ÉTICA DOS TILS E NEUTRALIDADE

Laudelina de Campos Melo - *De certa forma esse código é uma forma de padrão, neh. Creio que de certa forma sim. Tem essa questão do padronizar. Porque, por exemplo, uma vez eu usei uma blusa branca para interpretar, e pela minha cor eu posso usar uma blusa branca. Então, aconteceu que, uma Surda comentou em um vídeo. Porque tenho um vídeo de uma associação que interpretei como voluntária, e a Surda foi lá e comentou dizendo que eu como intérprete não podia usar blusa branca. Nisso vemos que sim, eles querem colocar o intérprete numa caixinha. Eu pensei assim: - Poxa, tipo assim, como assim? Aí uma intérprete que era famosa que era amiga da diretora da associação respondeu: - Não tem nenhum problema o tom da blusa ser branca, não tem que ser somente preta. E a Surda tinha falado que eu deveria estar de blusa preta. Então, querendo ou não se isso não for bem falado ou bem explicado vai criar sim, essa questão de padrão, que deve ser assim e pronto. Inclusive, esse comentário já mostra isso, como que a mente da pessoa já está cauterizada com essa questão, que o intérprete tem que usar roupa preta.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O código de ética dos Tradutores e Intérpretes de Libras aborda sobre a neutralidade, destacando que, o TILS deve ter uma conduta de vestir neutra e não possuindo, adereços, ou seja, adotar uma forma adequada e neutra de se vestir, no exercício da função, e essa questão se estende para as nossas identidades, refletindo também no modo de como arrumamos nosso cabelo.

Diante dessa questão, observamos que na fala da TILS entrevistada existe uma “imposição” ou uma regra sobre a neutralidade. E, podemos perceber que a própria sociedade incorpora o que o código de ética diz, mesmo não sendo uma regra. As vozes das TILS relatam que:

QUADRO 12 – REGRA OU PRECONCEITO?

Tereza de Benguela - *Então, é como você falou a respeito da roupa, pois, já tive várias “dicas” de pessoas falando assim: - Ah, as vezes fica melhor você usar um tom de blusa mais claro para ficar melhor no vídeo, por exemplo. Eu não levei isso como uma questão*

de preconceito, mas, isso envolve a cor da minha pele.

- Então, vamos dizer assim, que a pessoa me deu uma “dica”, e eu achei Ok. Nós temos que fazer o melhor possível para enquadrar bem para ter uma boa imagem, mas, querendo ou não, isso está relacionado também a cor da minha pele. Então, eu acho que o tom de roupa que combina ou não, também tem relação com isso, neh.

- E, também tem a questão do cabelo, pois quando temos o cabelo crespo, temos que fazer o máximo possível para ficar bem preso. Para não chamar a atenção. E, você falou também do uso de brinco, acessórios, essas coisas, também. Algumas pessoas falam que não pode unha pintada. A minha sempre está pintada.

- [...] Acho que é um preconceito sim, quando, por exemplo, não é uma regra, mas, falam assim: - Ah, é intérprete de Libras, a maioria usa roupa preta. E, não é uma regra usar roupa preta. Por exemplo, eu sempre usei preto. Mas, quando uma pessoa chega e fala que o preto é bom, mas, que às vezes eu poderia usar um tom de roupa mais claro para ficar melhor...

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No comentário de Tereza de Benguela verificamos que mesmo não levando isso como um preconceito e falando que o comentário dito por outra pessoa, envolve a cor de sua pele, é sim uma forma de preconceito. Pois, o tom da pele não diz qual tom de roupa eu uso ou que posso usar. Outra questão é sobre o cabelo, que como forma de estética e segundo o que a sociedade impõe deve estar bem arrumado, amarrado, e isso exclui todas as formas de cabelos *Black*, tranças e cabelos afros. O cabelo afro é símbolo de resistência e de luta na construção das identidades negras.

Conforme King (2015, p. 8) "os cabelos são considerados em diversas culturas como elementos marcantes da construção da beleza feminina", fornecendo informações sobre as características de cada indivíduo.

Conforme a autora:

Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimentos a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica, vinculados a um contexto sociocultural (KING, 2015, p.8).

Nessa questão o cabelo mostra a nossa origem, nossos hábitos e costumes, nossas

subjetividades que nos leva a compreensão das identidades negras em nossa sociedade.

Hall (2003) discute sobre essa questão ao falar sobre o “deslocamento dos modelos europeus da alta cultura, da Europa enquanto sujeito universal da cultura, da própria cultura [...] (p. 335)”. O deslocamento da definição de cultura é o movimento até a cultura popular americana e suas formas de cultura de massa. Isso demonstra que a cultura e o corpo são impostos através de uma cultura de massa, que precisa de um deslocamento para ser descolonizado, ou seja, a descolonização das mentes. A cultura de massa nos impõe modelos padronizados que devem ser seguidos a qualquer custo, mesmo que isso me descaracterize.

Em outras falas as TILS abordam sobre questões voltadas a essa estética que é muito imposta dentro da profissão. Elas relatam que:

QUADRO 13 – ESTÉTICA E PROFISSIONALISMO

Antonieta de Barros - [...] *é uma necessidade muito grande de ter roupas de cores específicas para conseguir participar e ser transmitido. Então, gera um constrangimento, porque eu não tenho uma variedade de roupas com cores específicas, é algo que preciso adquirir, mas, eu não estou conseguindo. Mas, enfim, esse é o meu maior impasse até então.*

Laudelina de Campos Melo - *Mas, uma coisa que eu reparei é uma questão até particular e que inclusive, outra pessoa que tenho contato também já comentou. É a respeito da vestimenta dos intérpretes. Porque, o ser humano não olha o interior da pessoa. Muitas vezes eles olham o que está por fora. Assim, eu observei que alguns professores, voltam-se para os intérpretes com um olhar de indiferença, devido suas roupas, seria um olhar a quem. Pois, algumas pessoas dão valor àquilo que estamos mostrando, como a roupa.*

- *Eu percebi que em alguns espaços as pessoas davam mais valor para a imagem, eles olhavam diferente para os intérpretes. Isso foi algo de experiência que eu tive e que outras pessoas também comentaram comigo. Falando coisas do tipo: “- Ah, os intérpretes podiam andar mais arrumadinhos. Eles só andam de preto. Por que tem que ser somente de preto?”*

- *Essa é uma crítica com todos os intérpretes, sendo eles branco, negro o comentário sempre é o mesmo. E, com relação às roupas, já ouvi comentários que “os intérpretes andam meio jogados, deixados de lado”.*

- *Essa é uma questão que mexeu e ainda mexe muito comigo, uma experiência vivenciada*

por mim. Sobre as vestimentas dos intérpretes as pessoas questionam: “- Por que só ficam andando de preto?

- Eu simplesmente respondo que não precisa ser só de preto. E, querendo ou não, parece que convencionou o preto. Mas, vamos supor que a pessoa é negra, ela vai ter que usar uma roupa de tom mais claro, um rosa ou azul, um vermelho, para o contraste com a pele e com o fundo, isso explica também.

- Outra questão que perguntam: “- Por que vocês usam a roupa sempre do mesmo jeito? Ou, por que vocês não podem usar esmalte colorido?

- Então, a questão é a aparência, o modo de se apresentar, como cabelo, unha e etc...

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante dos comentários, percebemos que há um olhar diferenciado para os profissionais intérpretes e isso volta-se a sua aparência de como se vestir. Isso mostra que em determinados ambientes, temos que negar as nossas identidades, ou nos transfigurar para um outro personagem, aquele que a sociedade impõe como certo, ou seja, criar um “personagem” que agrade aos outros.

A neutralidade relaciona-se a uma questão de posicionamento político, ou seja, diante de uma situação de racismo explícito ou não, é uma escolha nossa se manter neutro, em situações que a princípio não deveríamos manter, ou seja, a pessoa escolhe continuar ou não a interpretação num momento de racismo ou preconceito, e isso mostra as relações de poder dentro da sociedade, o que é imposto e o que não é, quem está acima do poder e quem está abaixo.

Nessa questão, Hall (2003) discute que as estratégias culturais são capazes de fazer a diferença, de deslocar as disposições do poder. O autor diz que os espaços conquistados ainda são poucos, e são policiados e regulados, além disso, são limitados. Se esse espaço de transgressão e da diferença perde o fio da meada, sempre existe um preço que é subfinanciado, sendo regulado e segregado. Este é o modelo das políticas culturais, “[...] o jogo da inversão - nosso modelo substituindo o modelo deles, nossas identidades em lugar das suas [...]” (HALL, 2003, p. 339).

Se o pós-moderno global representa uma abertura ambígua para a diferença e para as margens e faz com que um certo tipo de descentramento da narrativa ocidental se torne provável, ele é acompanhado por uma reação que vem do âmago das políticas culturais: a resistência agressiva à diferença; a tentativa de restaurar o cânone da civilização ocidental; o ataque direto e indireto ao multiculturalismo; o retorno às grandes narrativas da história, da língua e da literatura (os três grandes pilares de sustentação da identidade e da cultura nacionais); a defesa do absolutismo étnico, de um racismo cultural que marcou as eras Thatcher e Reagan; e as xenofobias que estão prestes a subjugar a Europa (HALL, 2003, p. 340).

O problema é o esquecimento da cultura popular e da cultura negra também. Conforme Hall (2003) a cultura popular carrega o nome “popular”, pois, é as formas populares, as experiências das comunidades, as memórias, os prazeres e as tradições do povo. O popular foi contraposto à alta cultura, ou seja, a cultura de elite, que é local de tradições alternativas. Assim, o ordenamento das diferentes morais estéticas, das estéticas sociais, os ordenamentos culturais se abrem para uma cultura de jogo de poder.

Ao abordar sobre essa estética voltando-se às vestimentas das TILS, onde relatam sobre a cor de roupa preta que foi “convencionada” para esses profissionais, nos questionamos, até onde isso é uma regra e quando foi convencionado? Assim, as questões de conduta que demonstram essa neutralidade das TILS parecem estar impregnadas nesse contexto, e aí, tomamos aquilo como verdade absoluta para nós e propagamos para os outros.

A cultura popular tem se tornado a forma dominante da cultura global, é onde a cultura penetra nos circuitos de poder, sendo um espaço de homogeneização com estereótipos e fórmulas, espaços que controlam suas narrativas, experiências e representações. A padronização está aí nos circuitos e nas culturas de poder, nos códigos de ética que enraízam os invólucros, que impedem de desenvolver as estratégias culturais, a cultura negra, as identidades sociais, experiências, as transgressões que fazem a diferença travando uma batalha cultural (HALL, 2003).

Contudo, é preciso destacar que, não importa quantas batalhas culturais existirem, o que importa são as formas que as TILS trazem suas tradições e sua representação na cultura popular mostrando suas representatividades, experiências, expressividades, suas narrativas e seus discursos. Que tragam à tona as modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, que são outras formas de vida, outras tradições. Trazendo também os TILS negres, com suas identidades negres, seu corpo, suas experiências e sua performance em meio ao ambiente profissional.

3.4.4 Corporeidade “em cena” e as narrativas do racismo

Nos tempos de hoje são evidentes os casos de preconceito e racismo, principalmente os que são publicizados na mídia. As práticas discriminatórias no Brasil pautadas no racismo ainda estão presentes na sociedade. Porém, alguns casos não são divulgados ou mesmo não são percebidos.

Nas falas das TILS o racismo aparece de forma mais escondida, ou seja, não explicitamente, mas na forma de comentários e de olhares de estranhamentos, ou seja, o racismo não aberto, silencioso, é o que Kabengele Munanga designa como “racismo manhoso”.

Diante dessa questão podemos destacar algumas falas:

QUADRO 14 – RACISMO ESTRUTURAL

Tereza de Benguela - *Isso. Para dar o contraste com a pele. E, isso para mim já é uma situação de preconceito.*

- *Diretamente, assim olhares eu nunca percebi. Mas, já teve uma situação, por exemplo, foi em uma aula na área de humanas, em que o professor estava falando sobre essa temática, sobre etnia, cultura... Aí o professor usou a imagem de uma mulher e de um homem, para falar que as pessoas são vistas como menos do que os outros, por ter a pele negra e por ter o cabelo crespo. Então, ele usou-me como exemplo. E eu estava interpretando no momento dessa aula. E, eu senti que ele estava falando de mim. Porque meu cabelo é cacheado, minha pele é negra, ele me utilizou como exemplo. Então, acredito que isso pode ser um preconceito.*

- *[...] eu carrego a minha cultura, a minha identidade e é pertencente ao meu corpo. O meu corpo traz traços negros e isso faz parte do meu estilo. Então, isso influencia também. Por exemplo, quando tem alguma palestra ou evento em que a temática é voltada para os negros, sempre escalam os intérpretes negros, para poder representar dizendo que ali é o nosso espaço, nosso lugar de fala. Então, eu acredito que sim.*

Antonieta de Barros - *Eu vejo até então poucas nuances do racismo na minha atuação como intérprete.*

- *[...] e já ouvi falas do tipo: - Aaa porque quando a pessoa tem a pele clara, como a do fulano é mais fácil de organizar e tal...*

- *E, é como se desse mais trabalho, digamos assim. Porque tem que ficar regulando, se eu troco com o intérprete branco, e isso por questão de técnica, é óbvio, tem que realmente mudar. Mas, as reações são de que isso dá mais trabalho.*

- *Eu percebo que (desculpa) interpretar em lugares com baixa luz também é complicado, mas, até então não houve reclamação ou falas diretas em relação a minha cor e etc...*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Primeiramente, o comentário Tereza relata sobre um acontecimento em que uma pessoa

deu uma “dica” sobre qual cor de roupa ela deveria usar, pois teria que contrastar com a cor de sua pele. Isso nos revela uma situação de preconceito. E percebe-se nas falas apresentadas que o racismo acontece de diferentes formas, silencioso.

Para essa discussão abordamos Almeida (2018) que fala do racismo e outras categorias que estão associadas à ideia de raça, como: preconceito e a discriminação.

A ideia de raça discutida pelo autor mostra que “o significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (ALMEIDA, 2018, p.19).

Assim, a raça está ligada às circunstâncias históricas, e não a um termo fixo ou estático, podendo operar a partir de dois registros básicos.

1. Como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele;
2. Como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir. A configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina racismo cultural (ALMEIDA, 2018, p. 24).

O racismo irá se manifestar através de práticas conscientes e inconscientes e se difere do preconceito racial e da discriminação racial.

“O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que podem ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2018, p. 25). Assim, o preconceito racial é toda forma de expressão que discrimina uma etnia ou cultura por considerá-la inferior ou incapaz.

“A discriminação racial, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2018, p. 25). A discriminação racial ainda pode acontecer direta ou indiretamente. A discriminação direta, é a estigmatização ou repúdio de sujeitos ou grupos, pelo fato da condição racial. Por exemplo, quando o indivíduo é proibido de entrar em um ambiente, ou uma loja que se recusa a atender um cliente por causa da sua raça.

“A discriminação indireta é um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada – discriminação de fato -, ou sobre a qual são impostas regras de “neutralidade racial” (ALMEIDA, 2018, p.26). De fato, a discriminação indireta consiste na imposição de normas e regras que parecem ser inofensivas, mas que na prática trazem consequências negativas e afeta o direito das pessoas.

Na narrativa de Antonieta, ela fala que sempre tem problemas quando a interpretação é feita para alguma transmissão em vídeo, pois, no editor de imagens que utilizam sempre

acham mais trabalhoso o TILS negro, que são comparados com o TILS branco quando estão em evidência. Isso demonstra que sempre haverá essa comparação e essa depreciação com o negro, ou seja, trabalhar com um TILS de pele clara seria muito mais fácil.

Nessa discussão, Oyěwùmí (2002), discute sobre a ausência do corpo levando em consideração a constituição do *status* social. Conforme discutido por Bryan Turner (1984) essa questão relaciona-se com o corpo e a sociedade, ou seja, parte de uma investigação sociológica, onde concede o nome de “corpos ausentes”. [...] “a sociologia emergiu como uma disciplina que tomou o significado social da interação humana como seu principal objeto de investigação, afirmando que o significado das ações sociais nunca pode ser reduzido à biologia ou à fisiologia” (*ibid.*) (TURNER, 1984, p. 31 *apud.* OYĚWÙMÍ, 2002, p. 5).

Turner (1984) *apud.* Oyěwùmí (2002) explica falar que os corpos estão ausentes das teorias sociológicas é desconsiderar os grupos sociais e que estão enraizados na biologia. São baseados na percepção da diferença física de vários tipos de corpos.

Hall (2003) também aborda sobre essa questão falando da luta pela hegemonia cultural, da distinção entre o erudito e o popular e o que o pós-modernismo está deslocando. Assim, a hegemonia cultural tem a ver com a mudança de equilíbrio de poder nas relações da cultura. O autor diz “nada muda, o sistema sempre vence” (p. 339), e refere isso como um invólucro cínico. É um invólucro que impede que as estratégias culturais façam a diferença, que tudo é igual ao que sempre foi, não tem diferença. E é isto que vemos nos códigos de ética e nos ambientes profissionais as regras são impostas, impedindo que nos manifestemos através da nossa cultura e identidades, e cai na mesmice de padrão, nesse “invólucro” que é imposto. Assim, o corpo é visto como um adestramento, não sendo permitido mostrar-se da forma que é, excluindo o seu protagonismo, para tornar todos padrão de um mesmo modelo.

Diante do exposto, podemos considerar que as TILS sofreram um tipo de discriminação indireta, ou seja, uma questão que parece inofensiva, que parece ser “normal”, mas, que afeta as pessoas de forma negativa e injusta, e isso afetará em sua atuação, no ambiente de trabalho e na vida pessoal, bem como, na sua saúde mental. Pois, os danos que podem causar são diversos.

Outra fala da TILS que complementa essa questão e que também retrata sobre a discriminação de forma direta e indireta, a partir de um tratamento diferenciado, ou seja, oportunidades que não são dadas, por exemplo, se um indivíduo não recebe as mesmas oportunidades que estão sendo fornecidas para outros indivíduos, isso se caracteriza um caso de discriminação.

Dandara dos Palmares aborda o seguinte:

QUADRO 15 – O IMPACTO DO RACISMO NO AMBIENTE PROFISSIONAL

Dandara dos Palmares - *O racismo ele impacta e impactou minha atuação como intérprete de uma forma mais silenciosa, de uma forma velada. No primeiro momento, o intérprete é um profissional que está à frente.*

- *E aí, a gente é muito exposto, então, não tem como esconder a nossa cor, a nossa etnia.*

- *E aí, o primeiro impacto que eu percebi quando comecei a atuar como intérprete numa instituição de ensino superior foi o estranhamento que as pessoas têm, o olhar que as pessoas te mostram. Então, a sua presença às vezes gera um estranhamento, neh. Tipo: - Quem é essa aí que está no palco?*

- *Porque muitas vezes a gente interpreta em palco. Então, eu percebi olhares de estranhamento.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Primeiramente, Dandara aborda sobre os olhares de estranhamento que recebeu ao estar em destaque como profissional Tradutora e Intérprete de Libras. E sobre esta questão podemos trazer a discussão de Oyèwùmí (2002) a respeito da profundidade do corpo nas sociedades ocidentais modernas.

“Nossas formas corporais (ocidentais) são consideradas expressões de um interior, e não inscrições em uma superfície plana. Ao construir uma alma ou psique por si mesma, o “corpo civilizado” forma fluxos libidinais, sensações, experiências e intensifica as necessidades, os desejos... O corpo se torna um texto, um sistema de signos a serem decifrados, lidos e interpretados. A lei social é encarnada, “corporalizada” (;) correlativamente, os corpos são textualizados, lidos por outros como expressão do interior psíquico de um sujeito. Um depósito de inscrições e mensagens entre as fronteiras externas e internas (do corpo) ... gera ou constrói os movimentos do corpo como “comportamento”, que então (tem) significados e funções interpessoais e socialmente identificáveis dentro de um sistema social” (GROSZ, 1994, p. 198).

O corpo como ato cultural, demonstra como ele é regulado e performatizado. Podemos observar que o corpo do TILS está sempre a vista, exposto e é alvo de racismo, devido sua roupa, seu cabelo afro e *Black*, seu jeito, sua raça, e para que este profissional não fuja do padrão, da normalização, é imposto o código de ética, adestrando o seu corpo negro. Corpo este que está sempre em julgamento, discriminado, recebendo olhares de estranhamento.

A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do

crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar. Diferentes abordagens para compreender a realidade, então, sugerem diferenças epistemológicas entre as sociedades (OYÉWUMÍ, 2002, p. 3).

Na teoria dos atos de fala discutido por Pinto (2002) o corpo tem seus limites que são irreduzíveis, porque nele estão as marcas das regulações sociais, ou seja, o corpo como elemento regulado pelas convenções ritualizadas.

Para Pinto (2002), todo ato de fala exige o corpo, ou seja, o sujeito que fala produz um ato corporalmente que é a marca que impõe o efeito linguístico. E a performance é o que permite o sujeito de se constituir.

A autora aborda sobre a teoria radical dos atos de fala e expressa que “[...] o sujeito de fala como parte integrante da performatividade, e nunca somente fórmulas linguísticas ou condições de fala” (PINTO, 2002, p. 103). Isso mostra que não são as condições do ato de fala que operam o performativo, é necessário um contexto, de “convenções ritualizadas, é o que determina que um/a falante emite o enunciado cujo significado repousa na ação que ele produz” (PINTO, 2002, p. 103).

Dentro do espaço de atuação das TILS o corpo é o instrumento que demonstra suas subjetividades. É através de sua performance e da sua corporeidade que as produções são geradas na tradução e interpretação do par linguístico Libras/Português ou Português/Libras. Seu movimento corporal demonstra suas potencialidades corporais e performances utilizando seu corpo como instrumento de resistência, através de sua cultura.

Hall (2003) fala das tradições diaspóricas, que no repertório negro, temos o estilo, que críticos culturais acreditam ser apenas “uma simples casca, uma embalagem, o revestimento de açúcar na pílula” (p. 342). O repertório das TILS demonstra seu corpo como mobilizador de resistências e barreiras sociais que são promotoras de linguagens e das discursividades. Conforme Bispo (2019, p. 18) *apud*. CARLSON (2010, p. 190) discute sobre performance e resistência, diz “a construção social do corpo, o corpo como um transportador de signos, e com ele a construção social do sujeito na performance”.

As Tradutoras e Intérpretes de Libras demonstram sua performance em língua de sinais através do corpo, apresentando sua construção social, sua identidade e sua corporeidade. Apresenta também uma potência comunicacional que revela a pluralidade social e difunde sua identidade, e a performance que tem uma raiz histórica.

Pinto (2002) define muito bem sobre o sujeito de fala em relação ao ato de fala e a ação do corpo, “O sujeito de fala é aquele que produz um ato corporalmente; o ato de fala exige o corpo. O agir no ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a

relação do ato de fala cujo efeito é uma ameaça” (PINTO, 2002, p. 105).

O corpo negro através de sua performance fala sobre sua cultura, mostra suas angústias provocadas por um sistema que não considera suas expressões. Revela questões de raça, gênero e apresenta diversos temas e possibilidades, fazendo de seu corpo uma mensagem política.

Na fala de Dandara o racismo impactou sua atuação como TILS de forma velada, ou seja, o racismo sofrido foi de forma silenciosa. E essa questão relaciona-se a atitudes que são implícitas, mas que caracterizam um tipo de discriminação.

O racismo velado está presente nas instituições que muitas vezes são aquelas que atuam justamente para reduzir desigualdades. E, conforme Anacleto (2013) o racismo velado, não é reconhecido e está escondido atrás das máscaras do liberalismo e do discurso democrático.

Segundo Nilma Lino Gomes (2005), até hoje “o racismo ainda é insistentemente negado no discurso brasileiro, mas se mantém presente nos sistemas de valores que regem o comportamento da nossa sociedade, expressando-se através das mais diversas práticas sociais” (p. 148).

Diante dessa questão, outra fala de Dandara nos mostra sobre o racismo sofrido dentro do ambiente de trabalho, que muitas vezes a vítima não o percebe ou é travestido como uma brincadeira ou por ser uma rotina com a qual a sociedade já se acostumou.

QUADRO 16 – O RACISMO “EM CENA”

Dandara dos Palmares - *E aí, uma situação que aconteceu comigo, que me deu a ideia de um racismo na instituição em que eu trabalhava. Houve um momento de uma gravação de um vídeo institucional que seria reproduzido em diversos eventos, neh. E, eu já estava atuando, fui a primeira intérprete a entrar na instituição e eu não fui convidada para fazer esse vídeo. Se eu estava com pouco tempo ou se eu já estava atarefada com outras questões, ninguém me perguntou. Eles simplesmente convidaram uma intérprete que tinha chegado recentemente. Essa intérprete é branca e ela gravou esse vídeo institucional. E naquela ocasião eu me perguntei: - Poxa, eu cheguei primeiro, poderiam ter me perguntado se eu tinha interesse em fazer o vídeo. Porque é um vídeo representando a instituição, vai aparecer em diversas situações oficiais e tal... E nesse momento eu senti assim: - Será que a instituição não quer um rosto negro fazendo a interpretação desse vídeo? Porque é algo que é reproduzido em vários eventos e em vários momentos. Talvez*

tenha sido neh. Ou talvez foi porque a gente mesmo fica com medo de julgar. Fica com medo de ficar vitimista, neh. Mas, acredito sim que o racismo, ele existe de uma forma velada. Ele existe pelas não oportunidades. Muitas vezes um profissional negro, alguns são chamados, ou algumas oportunidades não são feitas a ele. E isso vem de uma forma muito discreta. Ele não é escolhido para determinadas situações. Então, eu vejo que aí tem um certo racismo. Algumas oportunidades não são dadas.

- E falar com você que houve um racismo de uma forma descarada e escancarada, uma situação tipo: -Você não pode entrar aqui, você não é bem-vindo aqui. De uma forma escancarada, não aconteceu. Mas, de forma velada, a gente percebe. E não é um sentimento de vitimismo, é uma coisa que a gente vê sim. Por que eu não? Porque fulano sim? Neh. Em alguns espaços e tal... – Porque fulano sim, e o outro que é negro, não? Então isso é percebido sim de uma forma discreta.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O excerto apresentado complementa o que falamos acima sobre a discriminação direta e indireta, ou seja, as oportunidades muitas vezes não são dadas ao negro, talvez pela questão de sua cor ou por pensarem que ele não é capaz, enfim, são inúmeras questões que podemos destacar. Porém, isso demonstra as relações de poder dentro da sociedade, e implica que “a tonalidade, a cor e as diferenças de pele, problematizam, mesmo que implicitamente, o lugar do negro na sociedade brasileira” (SANSONE, 1991, p. 131) *apud*. GOMES & DUQUE-ARRAZOLA, 2018, p. 198).

Sobre isso Hall (2003) discute que os repertórios da cultura popular negra, que foram excluídos da cultura dominante, eram os únicos espaços performáticos que restaram. As instituições europeias junto a um patrimônio africano - citando Cornel West -,

“[...] conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a postura, gingados e maneiras de falar, bem como a meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade” (HALL, 2003, p. 343).

Para o autor a cultura popular negra é um produto de sincronizações parciais, ou seja, não existem formas puras é a junção de mais de uma tradição cultural. Essas formas da cultura popular negra que carrega e guardam as tradições e lutas históricas do povo negro na diáspora, as representações, as narrativas e contra narrativas negres que lutamos para expressar. “A “boa” cultura popular passa no teste de autenticidade, que é a referência à experiência e à expressividade negra. Estas servem como garantias na determinação de qual cultura popular

negra é certa, qual é nossa e qual não é” (HALL, 2003, p. 344).

O corpo negres têm o direito de ser vivido dentro da sua profissão, e não na ideia de normas, de adestrar esse corpo para se tornar padrão. O corpo negre afirma a existência e denuncia a exclusão que vive todos os dias, o racismo. “Se os corpos aparecem, eles são articulados como o lado degradado da natureza humana” (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 4).

Nas falas de Laudelina de Campos Melo também apresentaram questões voltadas ao racismo, porém de uma forma diferente das apresentadas pelas outras TILS, abordando sobre a dificuldade em identificar se sofreu ou não o racismo, e essa dificuldade ela compara com o trabalho que realiza com os Surdes.

Podemos verificar em suas falas:

QUADRO 17 – COMO ENTENDER O RACISMO?

Laudelina de Campos Melo – [...] é uma pergunta difícil. Porque nós trabalhamos com surdos e sabemos que é um grupo marginalizado, excluído, então, a situação fica difícil, porque é difícil perceber se tem ou não racismo. Eu não percebi durante esses 3 anos que eu tenho trabalhado. Eu trabalhei no ensino fundamental, médio e agora ensino superior. E as impressões são muito parecidas.

- Mas, o que acontece, é difícil de perceber se existe a questão do racismo, porque, o surdo querendo ou não já é rejeitado. O negro tem essa questão também, ele passa por esse processo de rejeição. Então, o negro passa por rejeição, o surdo também passa. O intérprete em si, como profissional, seja ele branco, loiro ou negro e as minhas experiências e contatos que estou tendo com profissionais do Brasil todo nesse período de pandemia, eu vejo, assim, que as minhas experiências são as mesmas independente se é branco. Então, por questões de dificuldades e barreiras e de desrespeito, pois, a falta de respeito que eu percebo que existe com o intérprete, existe comigo e com os outros. E, outra coisa, se não conseguimos identificar se tem ou não o racismo, é por questões que a gente já luta dentro da comunidade surda. Essa dificuldade com o surdo. Então, pela questão da rejeição, eu sinto que não existiu, pelo trabalho com a comunidade surda. Então, eu não percebi em algum momento sobre o racismo comigo [...].

- Então, aí é que está a dificuldade em responder. Porque, o olhar para a comunidade surda de forma geral, até para quem trabalha com surdos, é diferente. Eu sinto que é diferente.

Laudelina de Campos Melo – [...] às questões de preconceito que observei no meu trabalho, foi questão de olharem para a profissão de intérprete de Libras como algo de como estivesse ali somente repetindo, só fazendo gestos.

- Agora em relação ao intérprete, é diferente. O intérprete atende a quem? Ao surdo. E, muitas vezes o que eu sinto, das pessoas é que elas não veem a gente como alguém que não acrescenta em nada. Porque, para os ouvintes, muitas vezes não tem valor. Por isso, que é difícil separar, se às vezes ali tem preconceito por questão de raça. Eu não consigo separar, porque como que vou saber se aquilo não é por conta dessa questão da comunidade surda, dos surdos em si, do trabalho que eu vejo que as pessoas não valorizam. Infelizmente, não dão valor. Assim, infelizmente não tem valor. Eu não sinto que as pessoas tratam os intérpretes como pessoas de valor. Eu não sinto isso de forma geral. E, como eu tenho contato com outras pessoas, o tratamento é geral mesmo.

- Em diversos espaços do Brasil, inclusive em grupos que eu participo, é a mesma coisa. Então, eu não consigo separar se tem racismo ou não tem. Pode ser que tenha, e que esteja junto. Dessa forma, não consigo ver essa separação, por causa dessa experiência que estou tendo, em grupos que participo e contatos com pessoas de diversos locais do Brasil. E, por serem pessoas brancas, fiquei pensando, se existe um momento de preconceito. Porque, na verdade, o preconceito está aí. Eu convivo com o preconceito. Só que a questão é, será que é por questão da cor, é por questão do trabalho que eles não veem nenhum valor, porque não são eles que estão recebendo meu serviço, é o surdo. E o maior interessado no meu serviço é o surdo.

- Então, por já ter isso, e é algo que já tem um preconceito ali, ou seja, o preconceito que já vivemos em nosso trabalho, essa questão da cor fica difícil, pois, será que é por causa da cor ou é porque já está envolvido com o preconceito com o surdo, que muitas vezes o dizem que ele é incapaz.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante do exposto, Laudelina fala da sua dificuldade em identificar o racismo, pelo fato do TILS já trabalhar com um grupo minoritário e por lutar pelas causas Surdes. Então, no ambiente de atuação, o olhar da TILS volta-se para o Surde e para a comunidade Surda, e as questões que envolvem o racismo muitas vezes é apagada.

Outra questão importante de destacar é sobre o olhar do outro para com o TILS. A Laudelina em sua experiência aborda essa questão e fala sobre o julgamento do outro com esse profissional.

Dessa forma, isso demonstra que a figura do Tradutor e Intérprete de Libras incomoda, quando ele está no palco, quando ele está exposto à frente da sala de aula, a sociedade não sabe verdadeiramente qual a função desse profissional e muitas vezes não leva em conta sua identidade e cultura. Os julgamentos se iniciam a partir do momento que o TILS entra em sala de aula ou no ambiente em que ele irá atuar. Os questionamentos começam a pipocar na cabeça das pessoas que começam a se perguntar - Quem é este? O que está fazendo ali? O porquê de estar de roupa preta? Os olhares de estranhamento são muitos. E quando o TILS negres adentra esses espaços o preconceito, os julgamentos e olhares de estranhamento estão presentes mesmo que da forma implícita.

3.4.5 O Assédio sob a perspectiva de Gênero

As relações de gênero exercem uma grande influência no modo como esse fenômeno atinge as mulheres nos ambientes de trabalho e os reflexos ultrapassam esse âmbito. É preciso entender também que as relações de gênero impactam as relações de trabalho. Pois, na construção social historicamente, os papéis de gênero atribuíram à mulher um papel inferior ao do homem.

Essa temática aparece nas narrativas das TILS, não em todas as falas, mas, é importante destacarmos sobre esse assunto, uma vez que, esse corpo feminino muitas vezes é colocado como acessível sem que tenha que haver a permissão explícita. Pensando na questão de, como é ser mulher nessa cultura ocidental que nos coloca na inferioridade como alvo de violência e assédio.

Para discutirmos sobre o assédio, vamos abordar sobre identidades, corporeidades e atos de fala. No que se refere aos atos de fala, Pinto (2002) relata sobre os atos corporais, que levam ao problema de identidades, pois nesta questão o sujeito é instaurado como gênero, ou seja, a identidade de gênero deve ser tratada a partir do corpo e da linguagem, que são partes inseparáveis do ato de fala.

Ao falarmos do corpo das TILS negras, devemos levar em consideração não só a questão de raça, mas também questões de gênero, porque, é um impedimento de raça e de gênero. Pois, o corpo feminino é o mais impedido de usar seus adereços, uma roupa que condiz com sua identidade, seu cabelo afro e com tranças e também é o que mais sofre assédio.

Quando uma mulher monocromática é impedida de colocar suas tranças, seu cabelo

Black, um brinco afro, uma roupa mais colorida que faça parte de suas culturas e suas identidades, ela tem seu corpo cerceado. Assim, o corpo feminino sofre o racismo, a exclusão, além de tudo pode sofrer assédio.

Podemos destacar algumas narrativas das TILS que abordam sobre essas questões.

QUADRO 18 – CORPOREIDADE E GÊNERO

Tereza de Benguela - *E pensando mais.... Com relação ao gênero, eu já senti mais. No trabalho atual tem alguns professores que não dirigem a palavra a mim, se dirige para o companheiro intérprete do sexo masculino.*

- *Isso que eu sinto. Por ser mulher e o intérprete homem, e às vezes também quando tem algum vídeo para ser gravado, o professor envia diretamente para o intérprete homem, não passa por mim. E, também às vezes em sala de aula, faz alguma pergunta, mas, dirige para o intérprete. Então, eu acho que tem um preconceito sim de gênero mesmo.*

- *Diretamente, assim olhares eu nunca percebi. Mas, já teve uma situação, por exemplo, foi em uma aula na área de humanas, em que o professor estava falando sobre essa temática, sobre etnia, cultura... Aí o professor usou a imagem de uma mulher e de um homem, para falar que as pessoas são vistas como menos do que os outros, por ter a pele negra e por ter o cabelo crespo. Então, ele usou-me como exemplo. E eu estava interpretando no momento dessa aula. E, eu senti que ele estava falando de mim. Por que meu cabelo é cacheado, minha pele é negra, ele me utilizou como exemplo. Então, acredito que isso pode ser um preconceito.*

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante da fala de Tereza podemos corroborar essa discussão a partir do que Oyëwùmí (2002) aborda sobre os corpos masculinos e femininos. A autora discute que a sociedade é constituída por corpos que são, “corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres” (p. 2). Ela utiliza a palavra “corpo” sob dois vieses: a primeira em relação a biologia e, a segunda, chamando a atenção para o físico e as metáforas do corpo. A autora discute ainda que quando olhamos o corpo podemos inferir as crenças e as posições sociais de uma pessoa ou a falta delas.

Para Oyëwùmí (2002) a “ausência do corpo” mostra que mulheres, povos primitivos, judeus, africanos, pobres foram qualificados com o rótulo de diferente e foram considerados

corporalizados e dominados, ou seja, essa questão é uma pré-condição do pensamento racional. “Elas são o Outro e o Outro é um corpo” (p. 4). Ou seja, dentro do ambiente de trabalho existe essa rotulação que diferencia o homem e a mulher. E que muitas vezes coloca a mulher como inferior.

Sobre a diferenciação de gênero também vem atrelada à história e a constituição da diferença na prática e no pensamento social europeus. Ou seja, na história da corporificação de categorias sociais os cidadãos aceitaram os *status* que lhe eram impostos, seja qual for. As mulheres sempre foram excluídas. [...] “as mulheres eram, por assim dizer, feitas de madeira e, portanto, nem sequer eram consideradas” (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 8). Conforme o pensamento europeu as mulheres eram vistas como corporificadas e os homens eram as mentes pensantes, ou seja, o homem da razão, a mulher era vista apenas o corpo.

Dentro dessa discussão sobre corporeidade e identidades, podemos abordar dois conceitos que explicam mais sobre o corpo na conceituação ocidental da sociedade. Oyěwùmí (2002) retrata sobre os conceitos de cosmovisão e cosmopercepção. “O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” (p. 3).

A autora trabalha com esses dois conceitos para estudar a cosmovisão para descrever a cultura ocidental e a cosmopercepção para descrever os povos iorubás e outras culturas, ou seja, a percepção do corpo.

Na concepção da cosmovisão ocidental sobre gênero é fundamentada, ocidental: “Em nossa cultura [ocidental], pelo menos, a sensação física de masculinidade e feminilidade é central para a interpretação cultural do gênero” (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 10). Na visão ocidental as mulheres eram excluídas de dentro da categoria de cidadãos. Nas instituições científicas europeias dizem que “as diferenças entre os dois sexos eram reflexos de um conjunto de princípios dualistas que penetravam o cosmos e os corpos de homens e mulheres” (SCHIEBINGER, 1989, p. 162) *apud.* (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 10).

Assim, como existe o dualismo entre público/privado, visível/invisível existe também o dualismo sobre os corpos masculino/feminino que são colocados em relação de poder e distante um do outro (OYĚWÙMÍ, 2002). Como mostra na fala da TILS, essa relação de poder demonstra que o homem está no topo da pirâmide e a mulher está abaixo. Assim, as atividades são demandas aos homens, e as mulheres sequer participam.

Outra questão apresentada pela Tereza diz respeito ao corpo, em que muitas vezes são

usados como exemplos, sem a nossa permissão, colocando-os como disponíveis e amostra. Assim, o corpo é colocado como a causa das diferenças e das hierarquias na sociedade, sendo, este corpo exposto, julgado, colocado e discriminado. O corpo é centrado na construção de categorias sociais. Assim, a discussão de gênero sempre foi considerada radical, na cultura em que a diferença de gênero sempre foi vista como natural. Portanto, gênero como construção social é a principal temática em discursos feministas (OYĚWÙMÍ, 2002).

De fato, o que Oyěwùmí (2002) explica é que na experiência ocidental, a construção social e o determinismo biológico reforçam as ideias respectivamente. Ou seja, as categorias de gênero são construídas e novas biologias são inventadas, que extrai sua legitimidade e poder da biologia. O que é social e o que é biológico se consomem. A autora discute ainda que “Na conceituação ocidental, o gênero não pode existir sem o sexo, já que o corpo está diretamente na base de ambas as categorias” (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 13).

Nessa concepção a questão de gênero é uma construção social que demonstra outras culturas e as categorias de masculino e feminino se modificam em diferentes culturas. As relações de gêneros estão vinculadas histórica e culturalmente.

Se o gênero é socialmente construído, então não pode se comportar da mesma maneira no tempo e no espaço. Se o gênero é uma construção social, então devemos examinar os vários locais culturais/arquitetônicos onde foi construído, e devemos reconhecer que vários atores localizados (agregados, grupos, partes interessadas) faziam parte da construção. Devemos ainda reconhecer que se o gênero é uma construção social, então houve um tempo específico (em diferentes locais culturais/arquitetônicos) em que foi “construído” e, portanto, um tempo antes do qual não o foi. Desse modo, o gênero, sendo uma construção social, é também um fenômeno histórico e cultural. Consequentemente, é lógico supor que, em algumas sociedades, a construção de gênero não precise ter existido (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 14).

Podemos explicar que na abordagem transcultural supõe que a organização social de uma cultura é universal, e a construção do gênero sugere sua mutabilidade, a nível global e a nível local o gênero só é mutável se for construído socialmente como tal (OYĚWÙMÍ, 2002).

Para explicar sobre essa questão, a autora diz que nas sociedades ocidentais, as categorias de gênero igual a todas as categorias sociais são construídas com tijolos biológicos, e sua mutabilidade é questionável. A categoria social ocidental, é descrita através da concepção de que a biologia é a lógica para a organização do mundo social (OYĚWÙMÍ, 2002).

Assim, percebemos que as ideias ocidentais são impostas pela sociedade que emergem de uma tradição sócio histórica e filosófica específica, ou seja, são categorias sociais não-ocidentais que são assimiladas pela estrutura de gênero, pois, a cultura ocidental usa a

biologia para estruturar o mundo social e exclui a possibilidade de mais de dois gêneros, ou seja, o dimorfismo sexual é percebido pelo corpo humano é projetado no domínio social (OYĚWÙMÍ, 2002).

A TILS Laudelina também demonstra em suas falas sobre um assédio que muitas vezes está mascarado como forma de elogio ou de julgamento.

QUADRO 19 – O ASSÉDIO INVISÍVEL

Laudelina de Campos Melo – *Eu tive uma experiência que acho bacana, foi no ensino médio. Eu sempre ia com esmalte neutro, usava esmalte nude com frequência. Aí certa vez, uma surda falou comigo assim: - Por que você só usa esse esmalte é muito feio. Eu não gosto. Aí eu respondi, explicando que tem um código de ética e que eu preciso respeitar. E ela falou que não gostava, que era feio e me mostrou um esmalte rosa. Aí eu aproveitei e comecei a usar esmalte rosa. E toda vez que eu ia arrumadinha e com a unha bem feita, porque ela cobrava também a questão da roupa, e dependendo da roupa que eu ia ela criticava. Então, eu tinha que estar sempre bem arrumada e com a unha bem feita. Então, a aluna criticou o esmalte, sendo que eu estava seguindo a regra, que ela desconhecia. E isso é uma coisa interessante, porque uma coisa é o surdo conhecer e o outro que não conhece. Então, ela gostava que eu fosse mais arrumada, com a unha feita e quando eu cheguei a ir com a unha sem fazer ela criticou. Ela falou: - Nossa sua unha está feia precisa fazer. Então, essas questões já aconteceram comigo.*

- Então, minha experiência no ensino superior foi uma situação atípica. Eu comecei a trabalhar uma semana antes da pandemia. E quando iniciou a pandemia a maior parte do meu trabalho está sendo online e a maioria das aulas estão sendo gravadas. Então, querendo ou não a gravação e essa questão do a distância, de vídeo, ela inibe muitos comportamentos. O comportamento que vou ter fora da câmera ou na frente dela com certeza vai ser diferente. Então, não teve essa situação com intérprete e inclusive nem teve tempo de conversar. Os professores sempre cumprimentavam a gente, falava bom dia ou boa tarde. E a gente fazia o nosso trabalho, fazia nosso revezamento, e só isso. Por e-mail, também a partir do momento em nos conhecem nós tratávamos bem. Mas, é uma situação totalmente diferente por conta da pandemia, por não ser possível e nem dar tempo para ver ou ter algum acontecimento naquele espaço.

- Mas, querendo ou não tenho a experiência da questão de roupa, de aparência, sim. Foi um comentário de um aluno. Toda vez que eu chegava mais arrumadinha, com roupa diferente...E no outro dia estava muito frio e coloquei uma blusa de frio, tudo neutro sem espanta nenhuma. Então, ele sempre comentava: - Nossa você está muito bonita, nossa gostei da sua roupa. Muito bem organizada. Outra vez que fui com uma blusa preta e que tinha uma telinha na frente e tinha uns desenhos de flores vazadas da cor da blusa, ele chegou até mais perto de mim e falou: - Nossa que bonita, com flores, muito bonito, gostei. Ele sempre falava comigo e não falava com a outra intérprete. Isso foi uma coisa que percebi. E, isso aconteceu também no virtual, várias vezes. E mesmo no ensino virtual, eu percebi que aconteceu.

- Sim... Eu tento sempre ser eu. Querendo ou não eu mudei um pouco. Por exemplo, eu sempre usei brinco grande, sempre, aquelas argolas gigantes. Aí comecei a trabalhar como intérprete, e no início foi muito difícil, porque eu tive que me negar, por conta dos esmaltes que eu amo, esmalte colorido e os brincos grandes. Então, no início foi muito difícil para mim.

- Já aconteceu comigo também essa questão do cabelo, de como amarrar ou como prender, isso já vi muitas críticas do surdo. Ver falas como, por exemplo: - Ah, não coloca o cabelo assim não, porque eu não gosto do cabelo assim. Eu não gosto que você amarra seu cabelo assim. Já vivenciei isso. Inclusive, no momento eu respirei fundo, e simplesmente quando eu queria ir com o cabelo daquela forma, sem atrapalhar na interpretação e no meu trabalho, eu ia. E eu colocava um coque no cabelo. E o surdo falava: - Não gosto de coque. Ele gostava que eu ia com o cabelo solto, com o arquinho, isso era da forma que eu tinha que estar. Ou com o cabelo solto e prender em cima, ou seja, escolhia a forma que eu deveria estar.

- A mesma surda que falou do meu cabelo e da cor do esmalte, uma vez, eu havia feito escova no meu cabelo. E ela falou assim, que era para eu alisar o meu cabelo, porque o liso era mais bonito que cacheado. Então, isso sim configura querendo ou não um preconceito, neh. Só que eu respondi para ela que eu gostava do meu cabelo do jeito que ele era cacheado. Que eu fazia escova para ficar diferente, mas, que eu preferia meu cabelo cacheado. E ela mencionou que o cabelo liso era muito mais bonito. E uma vez também que cortei meu cabelo mais curto, ela me criticou, falou que cabelo curto era feio.

Então, está aí a parte do preconceito.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Diante das falas de Laudelina percebemos que as temáticas abordadas ao longo das discussões se encontram, ou seja, vemos a questão da estética, do racismo maquiado de “dicas” para a TILS e o assédio que mostra que a sociedade tenta nos regular a todo custo e nos colocar num certo padrão.

Nessa questão, verificamos que as organizações da estrutura social mostram que a corporeidade está relacionada com a construção das identidades e que envolvem questões de gênero e raça. A cultura ocidental e a hierarquia sociais ocidentais é privilegiada e legítima quem sabe e quem não.

Contudo, Souza (1983) reflete sobre como o negro enfrenta a sociedade dizendo que “Numa sociedade multirracial, racista, de hegemonia branca, o *“a posteriori”* se produz no momento em que o negro enfrenta peito-a-peito as condições concretas de opressão em que está imerso” (SOUZA, 1983, p. 37). A autora declara ainda que “O cotidiano é pródigo em situações em que o negro se vê diante de falsas alternativas, insatisfatórias todas: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão” (SOUZA, 1983, p. 37). Essas afirmações demonstram a questão do negro e a sociedade e as relações de poder, a opressão que o corpo feminino sofre nos ambientes em que regulam seus corpos.

Conforme Hall (2003, p. 345) “o significado “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir”.

A identidade social define os parâmetros culturais, sendo que o conceito tradicional de identidades tem relação com duas questões: a primeira está relacionada sobre a visão representacionista e essencialista das redes de relações sociais, ou seja, são pessoas que representam na sua essência suas raças, suas religiões, e, a segunda relaciona-se ao conceito de indivíduo “um eu indivíduo e indivisível (RAJAGOPALAN, 1998, p. 29) *apud.* (PINTO, 2002, p. 107-108).

As identidades sociais são reguladas pelo controle social, que prende o indivíduo numa identidade que garante uma política social que é apropriada às ideologias dominantes. Esse controle carrega os elementos de uma “universalidade”, que é sempre essencialista e excludente. Butler (1998) *apud.* Pinto (2002) diz que “As categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e, como tal, exclusivistas” (p. 108).

Assim, as identidades do modelo tradicional normatizam os sujeitos, os controlam pela exclusão e pré-definição, comportamentos linguísticos e sociais (PINTO, 2002). O sujeito marca sua identidade através da sua ação performativa, e os efeitos dos atos marcam seu quadro de comportamento da (fala, escrita, vestimentas, alimentação, cultos, elos parentais etc.).

“No conjunto de ações que garantem identidades, a linguagem é, sem dúvida, elemento fundamental, porque as ações não-linguísticas que postulam o sujeito, quando descritas, são ao mesmo tempo repetidas nos atos de fala que as descrevem. A linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar. Assim, identidades assídua e repetidamente, sustentando o “eu” e o “nós”. A repetição é necessária para sustentar a identidade precisamente porque esta não existe fora dos atos de fala que a sustentam” (PINTO, 2002, p. 109).

Contudo, podemos refletir que nos atos de fala a identidade é performativa e tem como elemento fundamental a linguagem que garante o “nós” e o “eu”, possibilitando a estabilidade interna às identidades produzindo o efeito da naturalidade externa. Assim, devemos olhar para os discursos sobre os negres dentro da sociedade, suas experiências, suas vivências, suas conquistas e o seu protagonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tratou sobre as identidades sociais dos negres Surdes e a performatividade da Libras. Para finalizarmos as discussões retomamos ao objetivo inicial que foi verificar se os negres Surdes performatizam a Libras de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto da língua. Após a concretização da coleta de dados e, posteriormente, as análises foi possível perceber que, os dois sujeitos que constituem a nossa pesquisa, caracterizada como uma pesquisa de estudo de caso, estabelecem sim, uma relação entre o fato de serem negres e serem Surdes.

Essa questão demonstra as singularidades dos sujeitos da pesquisa, evidenciando suas identidades, cultura, sua língua, sua performatividade e corporeidade. Sendo que todos esses aspectos são demonstrados através dos seus corpos. Conforme Greiner (2005) o corpo Surdo tem transmitido a sua existência com a performance. Essa performance expande manifestações culturais e políticas, sendo um símbolo de luta e resistência.

Os objetivos específicos contribuíram para a finalização dos resultados dessa pesquisa. O primeiro objetivo relaciona-se em apresentar os estudos que abordam a Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva desenvolvida por Pennycook (2006) em diálogo com os Estudos Culturais de Hall (1997). Esse embasamento teórico nos trouxe discussões e conceituações que permitiu construir diferentes visões sobre a linguagem em relação a Libras, e questões voltadas para a LAC, que nos fez perceber a importância em trazer a transgressividade para essa pesquisa. Também foi importante as discussões sobre identidades, performatividade, linguagem em relação a Libras e questões étnico-raciais dos negres Surdes.

A partir da discussão sobre cultura e identidades sociais, concebemos as narrativas das TILS negras, onde foi importante percebermos suas falas a respeito do racismo que sofreram ou sofrem dentro do ambiente de trabalho. As discussões voltaram-se para os critérios analíticos de temas que foram recorrentes em suas falas, assim, tivemos a oportunidade de discutir sobre a estética, ou seja, a neutralidade das TILS negras, que mostram sobre suas vestimentas, seus cabelos afros, seus adereços e seus corpos, e também abordamos sobre a corporeidade e o assédio na perspectiva de gênero. Dentro desses três critérios de análise podemos perceber que em se tratando de impacto, as mulheres são as mais impactadas, são as

que mais sofrem assédio e preconceito, são as que mais têm seus corpos expostos cerceados pela padronização da sociedade.

O segundo objetivo é verificar a possibilidade de uma sinalização ou sinais próprios dos negres Surdes, e a partir das análises dos dados foi possível discutir sobre as identidades sociais e a cultura, onde foi possível identificar que os participantes da pesquisa têm a dupla identidade, e se identificam como Surde e negre, sendo que as duas identidades são indissociáveis, e sempre estarão em interseção. Foi possível entender sobre o que é ser negre e Surde e através da dupla identidade, e foi possível perceber sobre a performatividade da Libras. E, nessa questão destacamos que através do estudo de caso, o participante da pesquisa demonstrou sobre essa diferença da Libras utilizada pelos negres Surdes, porém, além de uma questão identitária, envolve uma questão educacional, onde muitos negres Surdes não tiveram a oportunidade de ter o contato com a Libras, também refletindo em uma questão familiar, onde a família não aceita a utilização da Libras, assim, este negre Surde é oralizado.

Referindo, primeiramente aos negres destacamos as questões históricas em que as diferenças do passado não são suficientes para explicar as desigualdades sociais, isso significa que o regime escravista não deve ser considerado o único responsável pelas desigualdades sociais existentes entre negros e brancos (SILVA & ROSEMBERG, 2008).

E sobre os Surdes, a Libras, como língua oficial e primeira, é fundamental para a comunidade Surda, o que não elimina as diferenças nos seus usos, em diferentes lugares, espaços e grupos sociais (GEDIEL, 2010). Assim, a Libras reconhecida legalmente teve grande repercussão política e social no reconhecimento dos Surdes. A Libras é sinônimo de resistência, de luta, de reivindicação política e social. E o Surde passa a ser protagonista de sua própria história, de sua cultura e identidade.

Direcionando para outros desdobramentos das considerações finais, as reflexões desse estudo foram bastante complexas, foram necessárias várias modificações devido ao contexto de pandemia pela Covid-19 e também do período de gravidez e nascimento de minha filha. Foram vários os desafios, mas que me possibilitaram refletir ainda mais no contexto dessa pesquisa e também tive a oportunidade de amadurecer como pesquisadora.

Ao longo dos dois anos e um pouco mais de mestrado, obtive grandes aprendizados, no primeiro ano pude ter o contato com várias disciplinas e com diferentes textos que me fizeram refletir mais sobre minha temática de pesquisa. As indagações só aumentavam, quando comecei a pensar em relacionar a Libras, as identidades sociais, as questões étnico-raciais em consonância com a Linguística Aplicada Crítica e Transgressiva e os Estudos Culturais, mas,

o evento CIEL em que participei no segundo semestre de 2019 foi o divisor de águas. Onde pude definir o tema da minha pesquisa e a trabalhar com diferentes autores como (AUSTIN, 1990); (HOOKS, 2017); (PENNYCOOK, 2006); (MUNIZ, 2009); (RAJAGOPALAN, 1990/2008); (HALL, 1997/2000/2003); (BHABHA,1998); (PINTO, 2002); (OYĚWÙMÍ, 2002) e dentre outros.

Com isso, ao ter contato com os textos fazendo as leituras minuciosas, com as discussões nas reuniões de orientação e nas participações dos estudos do grupo GELCI me possibilitou chegar na resposta da pergunta de pesquisa: **“Os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras de acordo com a sua identidade étnico racial?”** Através de toda análise dos dados podemos dizer que sim, os sujeitos negres Surdes performatizam a Libras diferente por serem negres. Pelo fato da questão social, no qual as pessoas brancas têm mais acesso nas escolas em comparação às negres e Surdes, por serem de famílias de baixa renda que não tem condições de acesso escolar, e isso impacta dentro da comunidade Surda e impacta também em relação a acessibilidade da Libras, pelo fato da maioria dos ambientes escolares não ter a presença do Tradutor e Intérprete de Libras nas salas de aula. Além disso, a maioria dos Surdes nascem em famílias ouvintes e o contato que os Surdes têm com a Libras é somente na escola, assim, acontece a aquisição da Libras tardia.

As identidades das TILS negras são performativas, onde sua negritude, sua cultura impacta diretamente na atuação profissional. O racismo, as questões sobre a estética e o assédio na perspectiva de gênero interferem na performance no âmbito profissional, pelo fato de muitas vezes a discriminação e o preconceito vir de forma velada e silenciosa. Essa discussão mostra que se o corpo é um ato cultural, ele não deve ser regulado, como demonstra nos códigos de ética. Esse corpo deve mostrar sua essência, sua identidade e ser um corpo de luta e resistência.

Diante disso, nossa intenção não é a de estar no lugar de fala do Surde, pois compreendemos que ele é protagonista de sua história e autor que fala de si e por si. Nossa intenção é destacar as temáticas sobre linguagem, identidades e negritude, que são importantes serem discutidas, e transgredir para além de outras pesquisas. Por fim, concluímos que essa pesquisa contribuiu de alguma forma para unir diferentes temáticas e deixa portas abertas para novas pesquisas e desdobramentos, e reconhecendo que temos um longo caminho pela frente para aprender sobre a língua e a cultura dos Surdes.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras como segunda Língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **REVEL**, nº. 19, 2012. Disponível em: [www.revel.inf.br] Acesso em: 20 junho de 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ANACLETO, Miriã. Educação e Racismo: o racismo velado da sociedade Brasileira presente na escola Brasileira. In: **Anais do XI Seminário de Ciências Sociais**. Ciências Sociais em foco: faces do Brasil no mundo contemporâneo. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Ciências Sociais, 2013.
- ARCHANJO, A. Linguística aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol. 11, n. 3, p. 609-632, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/02.pdf>. Acesso em: 01 março de 2020.
- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZEVEDO, V.; CARVALHO, M.; FERNANDES-COSTA, F.; MESQUITA, S.; SOARES, J.; TEIXEIRA, F.; MAIA, A. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. **Revista de Enfermagem Referência**. Série IV – nº 14 – jul./ago./set. 2017.
- AZEVEDO, Amailton Magno; LUCINDO, Willian Robson Soares. Colonização europeia, escravidão e tráfico. In: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro (orgs.). **Formação de professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. 1. ed. Florianópolis: DIOESC, 2014. P. 140-153.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BATISTA, S. M. R.; FRANÇA, M. Família de pessoas com deficiências: desafios e superação. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG**, v. 3, n. 10, 2007.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Orgs). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 5ªed. São Paulo, p. 121-139, 2007.
- BERLATTO, Odir. A Construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**. Caxias do Sul. Ano 3, nº 5, jan./jun 2009, p. 141-151. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/view/242>. Acesso em: 11 de março de 2021.
- BISPO, João Ricardo. **Literatura em Língua de Sinais: A Performance do Escritor Surdo Maurício Barreto (2019)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BISOL, C. A.; VALENTINI, C.B.O. **O Alfabeto manual**. Objeto de Aprendizagem. Incluir - UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em:
http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Alfabeto_Manual_Texto.pdf.
 Acesso em: 03 de março de 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos**. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais–LIBRAS e dá outras providências**. Disponível em:
http://WWW.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei Nº. 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão do Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Decreto – Lei Nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 4 do decreto n. 5.626 de dez.2005**. Disponível em:
http://WWW.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases - LDB Nº. 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases - LDB Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em:
<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>.
 Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 4.304 de 07 de abril de 2004**. Dispõe sobre a utilização de recursos visuais, destinados às pessoas com deficiência auditiva, na veiculação de propaganda oficial. Brasília, 2004. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4304.htm. Acesso em: 15 julho de 2019

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%3%A7ao.htm>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Conferência Mundial de Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990)**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Declaração de Salamanca (1994)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996)**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 2.089, de 29 de setembro de 1998. Institui a obrigatoriedade de inserção, nas peças publicitárias produzidas para veiculação em emissoras de televisão, da interpretação da mensagem em legenda e na Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/50048/50336_5033_textointegral.html. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Convenção de Guatemala. Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência, de 28 de maio de 1999**. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/biblioteca/gestao-publica-convencao-da-guatemala-de-1999-convencao-interamericana/>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 12. 711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 13. 146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 15 de julho de 2019.

BRITO, K. F. S.; MOREIRA, A. S.; MOREIRA, D. K.; NASCIMENTO, C. B.; AVELAR, T.F. Regionalizações e variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais – LIBRAS. In: **REUNIÃO ANUAL DA SBPC**, 63, 2011, Goiânia. Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC -ISSN2176-1221. São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <http://www.sbpenet.org.br/livro/63ra/resumos/1245.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2019.

BRITO, Marlene Oliveira de; MACHADO, Vitor. Conhecimento científico e tecnológico dos povos africanos: estratégia de resistência à tradição seletiva no ensino de ciências. **Cadernoscenpec** | São Paulo | v.7 | n.1 | p.105-132 | jan./jul. 2017. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/index>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUZAR, Francisco José Roma. **Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos(as) negros(as) em São Luís – MA.** 2012. 155f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BRUNER, J. **The Narrative Construction of Reality.** Critical Inquiry, Chicago, v.18, p. 1-21, 1991.

CÁCERES, Glenda Heller. **Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras.** Trabalho Linguística Aplicada, Campinas, n (53.1): 103-129, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132014000100006&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 de junho de 2020.

CAETANO, C. R. P. B. **A interação a partir de entrevistas em Libras: um olhar etnometodológico na conversa institucional.** 2018. 95f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras e Artes. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2018.

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao Surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial** 6.1 (2000): 99-116.

CASSIANO, P. V. O Surdo e seus direitos: os dispositivos da Lei 10.436 e do Decreto 5.626. Centro Virtual de Cultura Surda/**Revista Virtual de Cultura Surda.** Edição nº 21/maio de 2017. Disponível em: http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

CASTRO JR, Gláucio. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico.** 2011. Instituto de Letras. Departamento de linguística, português e línguas clássicas. Programa de pós-graduação em linguística. Universidade de Brasília – UNB, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8859/1/2011_GI%3%A1uciodeCastroJ%3%BA%3Anior.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

CAVALCANTI, Marilda. 1986. **A propósito de linguística aplicada.** Trabalhos em Linguística Aplicada 7(2):5-12.

COSTA, Marisa Vorraber.; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel.; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 36-61, 2003.

COSTA, J. P. B. **A educação do surdo ontem e hoje: posição sujeito e identidade.** Mercado de Letras, Campinas-SP, 2010

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Orgs). **Introdução à Linguística: objetos teóricos.** 5ª ed. São Paulo, p. 141-163, 2007.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura.** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DINIZ, Débora. **Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1): 175-181, jan./fev., 2003.

DOOLEY, L. M. **Case Study Research and Theory Building.** Advances in Developing Human Resources (4), 335-354, 2002.

DUPUIS, J. Antropologia, cultura e organização: proposta de um modelo construtivista. In: J. CHANLAT, (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** São Paulo: Atlas, (Vol. 3, pp. 231-251), 1996.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology.** New York: Cambridge University Press, 1997.

FAULTSTICH, Enilde. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. In: **TradTerm**, São Paulo. v. 7, n. 1, p. 11-40, 2001.

FERNANDES, Ricardo Oriá. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidade.** Campinas: Cad. Cedes, v. 25. n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.

FERNANDES, S. F. **Surdez e linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** 1998. 216f., Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Série Atualidades Pedagógicas**, v. 3, n. 4, p. 19-61, 1997.

FERREIRA, P. L. A. **O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica.** 2018. 121f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação em Ensino) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

FIGUEIREDO, M. M. O. **Auto Isolamento ou Exclusão? As Diferentes Visões Sobre Os Surdos.** TCC (Monografia - Faculdade Santa Helena), Recife 2010. Disponível em: <http://www.suvag.org.br/arquivos/mmf.pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Narrativas Identitárias e Educação: os Surdos Negros na Contemporaneidade.** 2012. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade.** Curitiba: Editora Prismas, 2016.

GAGO, Paulo C. Questões de transcrição. **Revista Veredas**, v. 6, n. 2, Dez/2002.

GARCEZ, P.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **D.E.L.T.A.**, vol. 31, 2015, p. 1-34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445093806057590158>. Acesso em: 21 de julho de 2019.

GEDIEL, Ana Luísa. **Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos?** A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que Língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GODOY, Arilda Schmidl. Pesquisa Qualitativa. Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, pp: 20-29, mai./jun., 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf. Acesso em: junho de 2020.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Editora Plexus, 1997.

GOMES, C. F. A.; DUQUE-ARRAZOLA, L. S. Consumo e Identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da ABPN**, v. 11, n. 27, nov.2018 – fev.2019, p. 184-205.

GOMES, M. C.; OLIVEIRA, A. A.; ALCARÁ, A. R. Entrevista: Um relato de aplicação da técnica. In: **VISECIN Seminário em Ciência da Informação: Fenômenos emergentes na ciência da Informação**, Londrina – PR, 2016. Disponível em: WWW.Uel.br/eventos/cinf/index.php/Secin2016/Secin2016/paper/viewfile/356/175. Acesso em: 01 de junho de 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, Raça e Gênero: relações imersas na alteridade**. Cadernos pagu, (6-7), pp: 67-82, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras**, v. 12, n.1, pp:98-109, jan./abr. 2012.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, pp: 39-62, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 29, n.1, pp: 167-182, jan./jun. 2003.

- GONÇALVES, J. S. G.; RIBEIRO, J. O. S. Mulheres negras protagonistas no Brasil: Identidades interseccionais e decolonização do saber. **Revista Diversidade e Educação**, v. 9, n. Especial, p. 91-109, 2021.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero Limitada, 1982.
- GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. **Variação Linguística e ensino de gramática**. Work. Pap. Linguist, 10(1): p. 73-91, Florianópolis, jan./jun., 2009.
- GREINER, C. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T; GARCEZ, P. M. (Orgs) **Sociolinguística Interacional: Antropologia, linguística, sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: Age, 1998.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, p. 68-75, 1996.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez, 1997.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Brasília, 2003.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAIRSTON, Ernest.; SMITH, Linwood. **Black and deaf in America: are that diferente**. TJ Publishers, Inc, 1983.
- HAVE, Paul ten. **Doing conversation analysis: a practical guide**. SAGE publications, 2007.
- HONORA, Márcia.; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- HOOKS, B. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Tradução de Joana Plaza Pinto, Carliane Gonçalves e Paula de Almeida Silva. **Estudos Feministas**, 16(3):424, 2008.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. São Paulo, Editora WMF, Martins Fontes, 2013.
- JACQUES, M. G. C. Identidade e trabalho. In: CATTANI; A. D.; HOLZMANN, L. **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.
- JENKS, C. **Transgression**. London: Routledge. 2003.
- JUNIOR, J. G.; DÓREA, Y. G. T.; KOGUT, M. K.; SOUZA, L. C. S. Políticas Linguísticas e a Língua de Sinais Brasileira. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 57-67, jan./jun., 2018.

KALATAI, P.; STREIECHEN, E. M. As principais metodologias utilizadas na Educação dos Surdos no Brasil. **In: Anais do congresso Seped**. Vol. 11, Maio, 2016.

KARNOPP, Lodenir. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPEL, n. 36, p. 155-174, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1605/1488>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/> Acessado em: 19 de junho de 2021.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. Rio de Janeiro, Edições Delta, 1995.

LADEIRA, Wânia Terezinha. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em Sociolinguística Interacional. **Revista de Ciências Humanas/UFV**, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. v. 7, nº 1 - jan./jun. 2007 (ISSN 1519-194).

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tómasz Tadeu (Org.). **O Sujeito da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

LEANDRO, F. V. **Socialização, inclusão e exclusão social e educacional dos surdos**: Um olhar sobre a identidade social dos sujeitos participantes dos projetos EAMES e SAB. 134p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

LEININGER, M. **Qualitative research methods in nursing**. Orlando: Grune & Stratton, 1985. cap. 3, p. 33-71. Ethnography and ethnonursing models and modes of qualitative data analysis.

LIDDELL, S. **American Sign Language Syntac**. The Hague: Mouton, 1980.

LIMA, Fabiana Ferreira de. “PERSONALIDADES NEGRAS?! SÓ CONHEÇO ZUMBI, PROFESSORA!” - A CONSTRUÇÃO DO “HEROI” E A INVISIBILIZAÇÃO DO NEGRO NA HISTÓRIA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. Ed. Especial, p. 05-21, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/383>. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

LOPES, Maura Corcini.; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores Culturais Surdos. In: VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da Costa.; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 116-137.

LOPES, Maura Corcini. **Curso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) Módulo I**. 2007.

MAANEN, John, Van. **Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface**, In *Administrative Science Quarterly*, vol. 24, no. 4, December 1979a, p. 520-526.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Conceitos abstratos: escolhas interpretativas de português para Libras**. Editora Prismas, Curitiba, 2017.

MAGNANI, José G. Cantor. “Vai ter música? para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica do Núcleo de Antropologia Urbana da USP – Ponto Urbe**. Ano 1, versão 1, 2007.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **Eduser - Revista de Educação**, [S.l.], v. 2, n. 2, dec. 2016. ISSN 1645-4774, 2010. Disponível em: <<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2019

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MONTEIRO, M. S. (2006). História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n.2, p 295-305,2009.

MORAIS, C. D; MONTEIRO, M. S. **Variação linguística entre surdos negros e surdos brancos na ASL: desenvolvimento histórico**. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n. 37.2, p. 171-310, jan./abril, 2018.

MIRANDA, V. M. Surdez com recorte racial: estado da arte no Brasil de 2012-2017. **Revista Educação Especial**, v. 32, Santa Maria, 2019. Disponível em: WWW.Periodicos.ufsm.br/educacaoespecial. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

MYNAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza.; *et al.* (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNIZ, Kassandra. **Linguagem e Identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MUNIZ, Kassandra. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística “crítica”: performatividade, política e identificação racial no Brasil. **D.E.L.T.A.**, 32.3, p. 767-786, 2016.

MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução. In: _____.
Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006, p. 15-20.

NASCIMENTO, C. B. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NASCIMENTO, F. P. Classificação da pesquisa. Natureza, Método ou Abordagem metodológica, Objetivos e procedimentos. In: **Metodologia da pesquisa científica: teoria e prática – como elaborar TCC.** Brasília: Thesaurus, 2016.

NASCIMENTO, S. P. F.; COSTA, M. R. **Movimentos Surdos e os fundamentos e metas da escola bilíngue de Surdos: contribuições ao debate institucional.** Educar em Revistas, Curitiba, Brasil, Edição Especial, Editora UFPR, n. 2, p. 159.178, 2014.

NEVES, José Pinto. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e possibilidades. In: **Caderno de pesquisa em administração,** São Paulo, v. 1, nº 3, 2º sem./1996.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader.** New York: Routledge, 2002, p. 391-415.

OTTONI, P. John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem. (John Langshaw Austin and the Performative View of Language). In: **Geofilosofia do Século XX,** Vitória (ES), v. 18, n. 1. 2002. p. 117-143. Disponível em: <<http://goo.gl/jEC18u>>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

PADDEN, Carol.; HUMPHRIES, Tom. **O Surdo na América: Vozes de uma cultura.** London England: Harvard University Press, 1988.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

PERLIM, Gladis. **Histórias de vida Surda: identidades em questão.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1988.

PERLIM, Gladis. **A surdez um olhar sobre as diferenças: Identidades surdas.** 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PERLIN, Gladis.; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Florianópolis: UFSC, 2006.

PEREIRA, Alex Sandrelanio dos Santos; PEREIRA, Rosenilde Oliveira. **Surdo-negro soteropolitano: uma pesquisa exploratória sobre a sua percepção de opressão e exclusão.** In: Revista de Ciências da Educação, Americana, Ano XV, v. 02, n. 29, p. 139-148, jun-dez 2013. Disponível em: <www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/viewFile/292/261>. Acesso em: 20 de julho de 2019.

PINTO, Joana Plaza. **Performatividade Radical: Ato de fala ou Ato do Corpo?** Revista Gênero. Niterói, v.3, n.1, p. 101-110, 2. Sem. 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31046>. Acesso em: janeiro de 2021.

QUADROS, Ronice.; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, Ronice. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

QUADROS, Ronice. **LIBRAS**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUIJANO, Aníbal. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDEER, R. (ed.). **A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO. pp. 227-278.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Dos dizeres em torno do fazer. D.E.L.T.A. 6(2): p. 223-254.
RAJAGOPALAN, K. & FERREIRA, D. M. M. 2006. (orgs.). **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Mackenzie, 1990.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RODRÍGUEZ, G. G.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1999.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SALOMÃO, A. C. B. **Variação e mudança linguística: Panorama e perspectiva da sociolinguística variacionista no Brasil**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez., 2011.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

SANTINELLO, Jamile. **A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos**. Ver. Estud. Comun., Curitiba, v 12, nº 28, p. 153-159, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22367>. Acesso em: 03 de março de 2021.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as Ciências**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Rúbia Carla Da. **LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais uma possibilidade de segunda língua para ouvintes**. In: XI Congresso nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009. Disponível em:

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1883_1307.pdf. Acesso em: 04 maio 2020.

SILVA, Silvana Araújo. **Conhecendo um pouco da história dos surdos**. Londrina – PR/ 2009. Disponível em:

http://www.uel.br/prograd/nucleo_acessibilidade/documentos/texto_Libras.pdf. Acesso em: 04 de junho de 2020.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista.; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: Lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, Teun. Van(org.) **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, p. 73-118, 2008.

SILVA, A. A.; SOUSA, R. S. Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. **Estudos da língua de Sinais**, vol. 4., Florianópolis: Insular, 2018.

SIGUEIRA, P. A. M. S. **Racismo e Preconceito: Olhares e Abordagens sobre a cultura Afro Brasileira**. ANPUH – Brasil – 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 7-32.

SOUZA, I. A. L.; GEDIEL, A. L. B. **Desafios do Campo Antropológico: O uso do ELAN e da teoria embodiment na etnografia**. Iluminuras. Porto Alegre, v. 16, n. 39, p.104-120, jan./ago., 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324790378_Desafios_do_campo_antropologico_o_uso_do_Elan_e_da_Teoria_do_Embodiment_na_etnografia. Acesso em: 11 de maio de 2020.

SOUZA, Isabelle de Araújo Lima. **Estrutura de participação da fala-em-interação em uma aula de química para surdos**. 133p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SORDI-ICHIKAWA, Cláudia. **Variação linguística e o ensino da ortografia: uma reflexão teórica**, Unopar, Londrina, v. 4, n. 1, p. 43-46, jun. 2003.

STAKE, R. E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 1999.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication system of the american deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers** 8. Buffalo, NY: Buffalo University, 1960.

STREIECHEN, E. M. Por que o Surdo escreve diferente. **Revista Interlinguagens**. Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, v. 2, n. 02, 2011.

STROBEL, Karin. **As Imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

- STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.
- SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- TESKE, O. **A Relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas**. In: SKLIAR, C. **A Surdez**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 137-154.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa científica em andamento**. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2010.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- PEREIRA, A. R. **O Assédio Moral nas relações de emprego sob a perspectiva das relações de gênero**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 61, 2017. Disponível em: WWW.lume.ufrgs.br/handle/10183/174613. Acesso em: 03 de agosto de 2021.
- VEDOATO, S. C. M. **Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Londrina, Londrina, 2015.
- VIANA, Nildo. **Juventude e identidade**. Estudos, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 145-154, jan./fev. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/F%C3%BAlvia/Desktop/1022-3304-1-PB.pdf>. Acesso em: janeiro de 2021.
- XAVIER, A. N. **Descrições fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade De São Paulo, São Paulo, 2006.
- XAVIER, A.N. **Varição fonológica na Libras: um estudo-piloto da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais**. In: Seminário de Teses em Andamento, 16, 2010, Campinas. Caderno de resumos. Campinas: Unicamp, 2010. p. 66-67.rta
- WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005

ANEXOS

ANEXO 1



Questionário

Programa: Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Pesquisa: Surdez e Negritude: Uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras

Orientador: Kassandra da Silva Muniz

Objetivo da pesquisa: Verificar se sujeitos negres Surdes performatizam a Libras de acordo com sua construção identitária étnico racial e o impacto na língua.

Mestranda/responsável pela pesquisa: Luana Isabel Gonçalves de Lima.

1- Dados de identificação

1.1 – Idade

1.2 – Gênero

() Feminino

() Masculino

() Outros _____

1.3 – Escolaridade

() Fundamental

() Ensino Médio

() Superior Incompleto

() Superior Completo

- Mestrado em curso
- Mestrado Completo
- Doutorado em curso
- Doutorado Completo
- Pós doc

1.4 – Naturalidade

1.5 – Cor ou raça que mais identifica você é...

- Negra
- Branca
- Amarela
- Indígena
- Outros_____

ANEXO 2**Roteiro da Entrevista com os participantes negres Surdes**

1 - Como você se identifica? Como surdo(a) ou como negro(a)?

2- Você está inserido na comunidade surda?

3- Você participa de algo relacionado ao movimento negro? Ou participa de algum movimento negro?

4- Você acha que tem uma diferença social em ser Surdo e ser negro, em termos de identificação?

5- O que significa para você ser negro Surdo? Como você enxerga essa “dupla diferença” ou você acha que ser negro surdo constitui em “dupla diferença”?

6- Você acha que sinaliza de forma diferente por ser negro?

7- Existem sinais que dizem respeito à identidade negra?

ANEXO 3

Tradução Libras/Língua Portuguesa – Entrevista Antônio

Pesquisadora (00:15 – 00:21)	<i>Agradeço a você por orientar-me quanto ao download do Open Broadcaster Software (OBS). Obrigada.</i>
Pesquisadora (00:23 – 00:31)	<i>Na semana passada eu consegui organizar a entrevista de maneira apropriada, utilizando o Open Broadcaster Software. Mais uma vez, obrigada.</i>
Antônio (00:32 - 00:32)	<i>Ótimo.</i>
Pesquisadora (00:34 – 00:35)	<i>Podemos iniciar?</i>
Antônio (00:35 – 00:36)	<i>Podemos.</i>
Pesquisadora (00:38 – 00:43)	<i>Bem, são as mesmas perguntas. Iniciando com a primeira...</i>
Pesquisadora (00:44 – 00:52)	<i>A título de identidade, como você se reconhece, surdo ou negro?</i>
Antônio (00:54 – 01:17)	<i>Eu sou negro e surdo. Creio que essas duas identidades são indissociáveis. Elas sempre estarão em interseção, sendo, portanto, impossível a sua dispersão.</i>
Pesquisadora (01:19 - 01:19)	<i>Entendi.</i>
Pesquisadora (01:21 – 01:28)	<i>Você integra a comunidade surda? É participante assíduo dessa?</i>
Antônio (01:29 – 01:41)	<i>Sim, participo sempre. Não só aqui em São Carlos, mas também em São Paulo e no Brasil como um todo.</i>
Pesquisadora (01:45 – 01:57)	<i>Você também participa do movimento negro enquanto integrante? Por exemplo, em reuniões, em associações que sejam direcionadas a esse movimento?</i>
Antônio (01:59 – 02:08)	<i>Em associações, não, mas do momento, sim. Por exemplo, existe um Conselho Municipal...</i>
Pesquisadora (02:08 – 02:09)	<i>O que significa este léxico?</i>
Antônio (02:11 – 02:17)	<i>C-O-N-S-E-L-H-O. Entendeu?</i>
Pesquisadora (02:18 -02:18)	<i>Entendi.</i>
Antônio (02:19 – 02:28)	<i>Conselho, então, eu sempre participo desse órgão aqui no município.</i>
Pesquisadora (02:30 – 02:30)	<i>Entendi.</i>
Pesquisadora (02:33 – 02:45)	<i>Existe diferença social entre uma pessoa surda e uma pessoa negra? Qual a sua opinião a respeito?</i>
Antônio (02:49 – 03:14)	<i>Bem, por exemplo, sou negro e, quando</i>

	<i>avistado na rua, geralmente pensam que posso praticar algum roubo, entre outras tantas marginalidades. Contudo, no momento em que me expresso, seja pela oralização, seja pela sinalização, a percepção que as pessoas têm é diferente, é de compaixão, pelo fato de eu ser surdo.</i>
Pesquisadora (03:17 – 03:28)	<i>Na entrevista anterior você explicou que é um co vereador e que não havia intérpretes nas reuniões. Correto?</i>
Antônio (03:28 – 03:28)	<i>Não há.</i>
Pesquisadora (03:28 – 03:32)	<i>Como você participa dessas reuniões? É necessário empregar a oralização?</i>
Antônio (03:39 – 04:13)	<i>Sempre oralizo, sempre. Hum.. também na reunião passada xxxxxxxx eu preciso oralizar. Eu não oralizo, não falo português oral com a escrita muito bem. (transcrição da fala em Português)</i>
Antônio (04:13 – 04:36)	<i>Por exemplo, nas reuniões sempre utilizam palavras em inglês. Hoje uma pessoa disse “onda”. Entendeu? “Onda”. Entendeu?</i>
Pesquisadora (04:38 -04:39)	<i>Sonda?</i>
Antônio (04:40 -04:52)	<i>Onda. Eles usaram outra palavra, “hipe”.</i>
Antônio (04:54 -04:54)	<i>Hipe (transcrição da fala vocal)</i>
Pesquisadora (04:56 -04:57)	<i>Entendi.</i>
Antônio (04:58 – 05:09)	<i>Essa palavra significa “onda”. Parece que é mais sofisticado dizer “hipe”. Entende?</i>
Pesquisadora (05:10 – 05:11)	<i>Entendi.</i>
Antônio (05:12 – 05:19)	<i>Então, preciso falar não apenas em português, mas também algumas palavras em inglês.</i>
Pesquisadora (05:21 – 05:21)	<i>Entendi.</i>
Antônio (05:22 – 05:24)	<i>Eu quero respeitá-los.</i>
Pesquisadora (05:26 – 05:29)	<i>Nessas reuniões há pessoas cegas também?</i>
Antônio (05:30 -05:30)	<i>Sim.</i>
Pesquisadora (05:32- 05:33)	<i>Entendi.</i>
Pesquisadora (05:38 – 05:45)	<i>Para você, o que significa ser uma pessoa surda e negra?</i>
Antônio (05:49 – 06:02)	<i>Significa....por exemplo, ser eu mesmo. Com a minha identidade, a minha subjetividade. É isso.</i>
Pesquisadora (06:07 – 06:27)	<i>A Libras possui léxicos ou terminologias</i>

	<p><i>específicas dos surdos negros? Por exemplo, você percebe alguma diferença em sua forma de se expressar ou na escolha dos léxicos, por serem próprios a esse grupo?</i></p>
<p>Antônio (06:31- 10:36)</p>	<p><i>Sim, eu detecto essa diferença. Por exemplo, percebo que, historicamente, uma grande parcela de pessoas brancas frequenta as escolas, diferentemente das negras. Essa questão impacta diretamente a comunidade surda. Não são todos os espaços que possuem acessibilidade por meio da língua de sinais. Os surdos negros nascem em famílias pobres, uma vez que, infelizmente, a maioria das pessoas pobres do país são negras. Assim, essas famílias geralmente querem que seus filhos sejam oralizados para que, por serem negros e oriundos dessa classe social, sejam, ao crescerem, independentes. Esse ponto se distingue da maior parte das famílias brancas, que possuem, tradicionalmente, boas condições de renda e estudo. Entende? Por isso, as famílias negras tendem a optar pela oralização, não possuindo paciência, já que buscam resultados imediatos para a sobrevivência financeira. Esses aspectos influenciam a aprendizagem da Libras, que, por si só, não é um processo trivial. Imagine uma pessoa de um seio familiar desabastecido, que, estruturalmente, não possui estudos. Isso é uma problemática, já que não haverá, por parte dessa família, empenho em aprender uma nova língua culturalmente marcada. Nesse sentido, o surdo negro, ao longo do seu desenvolvimento, poderá ter uma língua de sinais precária que, mais tarde, pode ser aprimorada ou não. No meu caso, meus pais são negros, e minha mãe queria que eu aprendesse Libras, assim como ela também aprendeu. Entretanto, o meu pai não queria a língua de sinais, apenas a oralização. É válido frisar que a minha família é um pouco diferente, visto que eu cresci em contato com a</i></p>

	<i>Libras e o português. Posteriormente, aprendi o inglês. Depois, comecei a namorar uma pessoa nativa da França, resultando que eu aprendesse o francês também e, assim, constituindo-me como um sujeito que sabe várias línguas. Por isso, hoje eu consigo entender bem o inglês e o francês, mas a maioria dos surdos, não.</i>
Pesquisadora (10:36 – 10:53)	<i>Veja bem, outra pergunta. Você acha que a pessoa surda compreende o racismo, de maneira a ter uma aceitação para com as pessoas negras?</i>
Antônio (10:55 – 10:59)	<i>Não entendi a pergunta.</i>
Pesquisadora (10:59 – 11:12)	<i>A pessoa surda e negra possui conhecimento real pelo fato de ser negra? Conhece aspectos relacionados ao racismo? Entendeu?</i>
Antônio (11:13 – 11:23)	<i>Não... esse é um problema.</i>
Pesquisadora (11:23 – 11:25)	<i>Pois então, lhe pergunto. Por quê?</i>
Antônio (11:25 – 11:39)	<i>O modelo de pessoas para os surdos são as pessoas brancas. Por exemplo, essa pergunta, me fez pensar em surdos de referência. Quais surdos você têm como referência?</i>
Pesquisadora (11:40 – 11:40)	<i>Para mim?</i>
Antônio (11:41 – 11:41)	<i>É.</i>
Pesquisadora (11:47 – 11:59)	<i>É... são brancos. Por exemplo, há um professor, aqui em Viçosa, chamado Charley. Ele é uma referência, porém é uma pessoa branca.</i>
Antônio (12:00 – 14:37)	<i>Viu? Por exemplo, aqui no Brasil, a maior parcela da população, 56%, é negra. O seio da comunidade surda também é composto, em sua maioria, por cerca de 5.600.000 pessoas negras. Esse quantitativo é muito relevante, no entanto, essas pessoas pensam que se enquadram na cor parda. Por vezes, alguns dizem não ser negros, mas morenos ou pardos. É necessário levantar essa discussão. Corriqueiramente, a pauta mais debatida em torno da comunidade surda é a linguística. Outros assuntos são pouco explorados. É óbvio que é importante destacar a questão linguística, porém demais assuntos como identidade de</i>

	<i>gênero, empoderamento feminino, entre outros, também são relevantes e escassos de discussões na comunidade. Isso evidencia, novamente, a pouca incidência de temáticas que envolvam a comunidade LGBTQIA+, as mulheres, as pessoas negras, as raças etc. Percebo que as pessoas que possuem maior consciência e conhecimento a respeito dessas pautas estão inseridas no meio acadêmico em pesquisas de doutorado, de mestrado, submetidas a uma elevada influência do português. No geral, os surdos não recebem o impacto do português dessa maneira e apresentam apenas escolarização básica. Portanto, não possuem percepção para o debate das referidas pautas.</i>
Pesquisadora (14:39 – 14:48)	<i>O que falta para as pessoas surdas negras entenderem a respeito do racismo?</i>
Antônio (14:49 – 14:52)	<i>Eu falei sobre isso.</i>
Pesquisadora (14:53 – 14:58)	<i>Eu quero falar a respeito de racismo. Qual o léxico em Libras que você usa para esse conceito?</i>
Antônio (14:59 – 15:05)	<i>Uso de duas formas. São estes.</i>
Pesquisadora (15:07 – 15:14)	<i>Então, me refiro a esse tema tão atual e amplamente divulgado.</i>
Antônio (15:15 – 15:18)	<i>Mas não é divulgado no interior da comunidade surda.</i>
Pesquisadora (15:20- 15:21)	<i>Falta acessibilidade, né?</i>
Antônio (15:24 – 15:48)	<i>Não.. tem algumas pessoas que falam a respeito disso, mas, infelizmente, a questão é outra. Veja bem, há o conceito sobre lugar de fala. Você conhece?</i>
Pesquisadora (15:49 – 15:53)	<i>L-U-G-A-R D-E F-A-L-A?</i>
Antônio (15:53 – 16:59)	<i>Isso. Muitas pessoas comentam a respeito, como se fosse algo básico. Todavia, nunca leram um livro sobre raças. É como se tudo fosse algo unívoco, negros, pobres. Eu percebo que existem pessoas que sabem Libras, porém, no momento da discussão, a abordagem é muito rasa, não há um aprofundamento. É assim. Infelizmente, não é apenas na comunidade surda, exterior a ela também, os ouvintes. As</i>

	<i>peessoas sabem que têm privilégios. Você conhece esse léxico?</i>
Pesquisadora (17:00 – 17:00)	<i>Não.</i>
Antônio (17:01 -17:05)	<i>Privilégio. Entendeu?</i>
Pesquisadora (17:05 -17:06)	<i>Entendi.</i>
Antônio (17:07 – 17:43)	<i>Então, essas pessoas são privilegiadas. Querem discutir sobre desigualdades, mas sempre é um debate superficial e nunca profundo. As pessoas me veem como alguém que sabe se posicionar, mas associam às cotas. Por isso, o debate se torna raso, infelizmente.</i>
Pesquisadora (17:44 -17:45)	<i>Infelizmente.</i>
Antônio (17:48 – 18:26)	<i>Uma questão complexa que eu percebo é o fato das pessoas discutirem temáticas a respeito dos negros, dos surdos, sem adentrar a essas comunidades e movimentos. Apresentam suas publicações acadêmicas, realizam pós-graduações a nível de mestrado e de doutorado, porém essas produções são superficiais.</i>
Pesquisadora (18:28 -18:54)	<i>Verdade... Bem, é apenas isso. Foi ótima a nossa discussão, a nossa entrevista, pois trouxe contribuições importantes. Agradeço a você. De fato, muita gratidão por todas as suas orientações e complementações. Novamente, obrigada.</i>
Antônio (18:56 – 18:58)	<i>Qualquer coisa que você precisar, só me contatar.</i>
Pesquisadora (18:58 – 19:02)	<i>Quando você quiser passear aqui em Viçosa, está convidado.</i>
Antônio (19:03 -19:08)	<i>Ah, eu quero. Vamos combinar. Agora está começando a vacinação. Depois eu quero viajar.</i>
Pesquisadora (19:08 -19:11)	<i>Sim. Um abraço.</i>
Antônio (19:13 – 19:17)	<i>Um abraço e, qualquer coisa que precisar, me fale. É uma colaboração mútua.</i>
Pesquisadora (19:17 – 19:19)	<i>Sim, um abraço.</i>
Antônio (19:19 – 19:20)	<i>Tchau.</i>

ANEXO 4

Tradução Libras/Língua Portuguesa – Entrevista Pedro

Pesquisadora (09:23 – 09:25)	<i>Agradeço a você por aceitar participar novamente.</i>
Pedro (09:25 - 09:26)	<i>Por nada. Tranquilo.</i>
Pesquisadora (09:27 – 09:36)	<i>Bem, serão as mesmas perguntas. Vamos iniciar.</i>
Pesquisadora (09:37 - 09:51)	<i>Qual é a sua primeira identidade, negro ou surdo? Qual você mais se identifica?</i>
Pedro (09:52 – 10:07)	<i>A minha identidade é a surda, além de ser negro também. São as duas, na verdade. Eu nasci assim. Compreende? Eu nasci dessa forma. Por isso, enquanto humano, tenho ambas as identidades, a surda e a negra. Entendeu?</i>
Pesquisadora (10:08 -10:15)	<i>Você participa da comunidade surda? É um membro desse grupo?</i>
Pedro (10:17- 10:22)	<i>Sim, sou um membro assíduo a essa comunidade. Participo.</i>
Pesquisadora (10:22- 10:25)	<i>Participa como? Em associações, por exemplo?</i>
Pedro (10:26 – 10:41)	<i>Em associações, em igrejas, estando junto ao povo surdo. Também, participo em eventos e palestras, de modo a interagir com essa comunidade. Ainda, nas redes sociais com as pessoas surdas. Certo?</i>
Pesquisadora (10:42 – 10:42)	<i>Entendi.</i>
Pesquisadora (10:44 – 11:00)	<i>Você participa do movimento negro? Por exemplo, já esteve em alguma reunião com fins específicos a esse movimento?</i>
Pedro (11:01 – 11:14)	<i>Sim, sempre participo também. É importante reafirmar a necessidade de respeito a esse grupo ao invés do preconceito, destacando a liberdade.</i>
Pesquisadora (11:16-11:23)	<i>Você havia me dito que a cidade na qual reside, Betim (datilologia da palavra)..</i>
Pedro (11:24 -11:24)	<i>Sim, é essa.</i>
Pesquisadora (11:25 – 11:25)	<i>Qual é o léxico em língua de sinais para essa cidade?</i>
Pedro (11:26 – 11:26)	<i>Esse (demonstra o léxico)</i>
Luana (11:27 – 11:28)	<i>Ah, sim. Betim.</i>
Hamilton (11:29 – 11:29)	<i>Isso.</i>
Pesquisadora (11:33 – 11:43)	<i>Para você, há alguma diferença social</i>

Pedro (11:43-11:51)	<i>Espere, a sua imagem travou um pouco. Aguarde.....continue.</i>
Pesquisadora (11:53 – 12:03)	<i>Você acha que existe alguma diferença social entre uma pessoa negra e uma pessoa surda?</i>
Pedro (12:04 -12:21)	<i>Como surdo ou negro, penso que o importante é estabelecer uma interação social, uma união. Entende? De fato, união.</i>
Pesquisadora (12:21 – 12:23)	<i>União? Como assim?</i>
Pedro (12:24-12:35)	<i>União, no sentido de os surdos interagirem com os negros, utilizarem a língua de sinais, de modo a reconhecer a condição humana, sem quaisquer discriminações. Por isso, a união.</i>
Pesquisadora (12:36 -12:37)	<i>Entendi.</i>
Pesquisadora (12:39 – 12:47)	<i>Para você, o que significa ser surdo e ser negro?</i>
Pedro (12:48 – 12:59)	<i>Significa ser humano, sem qualquer preconceito, uma vez que eu nasci assim.</i>
Pesquisadora (13:01- 13:06)	<i>Para você, não há diferenças? É uma igualdade?</i>
Pedro (13:07-13:10)	<i>Sim, há uma igualdade.</i>
Pesquisadora (13:10 – 13:10)	<i>Entendi.</i>
Pesquisadora (13:13 -13:37)	<i>No caso da língua de sinais, a Libras, você percebe alguma diferença na sinalização de surdos brancos e de surdos negros, ou se manifestam da mesma maneira?</i>
Pedro (13:38-13:43)	<i>Da mesma maneira, a sinalização é igual. Não existe qualquer diferença.</i>
Pesquisadora (13:46 – 14:05)	<i>Em relação aos sinais utilizados por surdos brancos e surdos negros, não há diferença? O que você acha a respeito?</i>
Pedro (14:06 -14:27)	<i>Acho que não há diferença. Eu percebo a sinalização de todos da mesma forma. Considerando a sociedade como um todo, os negros e os brancos estarão unidos, uma vez que naquele local o uso da Libras será o fato mais importante. Entende? Penso assim.</i>
Pesquisadora (14:29-14:42)	<i>Diante da pesquisa de mestrado que estou conduzindo, você teria alguma orientação ou sugestão a me fazer?</i>
Pedro (14:43-14:44)	<i>Seria para eu opinar a respeito?</i>
Pesquisadora (14:44-14:48)	<i>Alguma complementação para a minha pesquisa de mestrado.</i>
Pedro (14:49 -15:29)	<i>Bem, penso que o mais importante para a</i>

	<i>área é perceber os surdos negros e os surdos brancos na sociedade e trazer orientações, a fim de que haja união e não discriminação, possibilitando uma transformação no mundo. Sabemos dos problemas já vividos, mas precisamos progredir, esquecendo-os e focando em ações de união. O meu desejo é esse.</i>
Pesquisadora (15:31-15:32)	<i>Ainda precisamos avançar.</i>
Pedro (15:33 -15:57)	<i>Sim. Avançando, futuramente, poderemos mostrar às crianças o que significa ser negro, ser surdo, promovendo empatia. Logo, creio que tudo poderá ser melhor.</i>
Pesquisadora (15:58-16:00)	<i>De fato, o mundo está carente de empatia.</i>
Pedro (16:01-16:03)	<i>Exato. Por isso.</i>
Pesquisadora (16:04 -16:04)	<i>Sim.</i>
Pedro (16:07- 16:51)	<i>Essas distinções que temos em relação a cor como negro e branco não tem utilidade, visto que o mais importante é o que se tem no coração, o que pode ser ofertado ao outro. Por exemplo, eu sou negro, mas uma pessoa branca pode fornecer algo de bom a mim. Todos somos iguais e, assim, não vejo a necessidade de diferenças. Ficou claro? Esse é o meu desejo.</i>
Pesquisadora (16:52 -17:08)	<i>Muito obrigada por tudo. As considerações trazidas por você foram essenciais. E, realmente, o mundo precisa de empatia para conseguir evoluir. Obrigada.</i>
Pedro (17:09 -17:11)	<i>Por nada. Um abraço a você.</i>
Pesquisadora (17:11 – 17:12)	<i>Um abraço também. Até mais.</i>
Pedro (17:12 – 17:14)	<i>Tchau, muito grato.</i>
Pesquisadora (17:15 – 17:15)	<i>Tchau.</i>
Pedro (17:24 – 17:28)	<i>Você gravou, é?</i>
Pesquisadora (17:30 -17:33)	<i>Sim, sim. Consegui gravar</i>
Pedro (17:32- 17:33)	<i>Ótimo, ufa.</i>
Pesquisadora (17:34 -17:34)	<i>Muito obrigada.</i>
Pedro (17:35 – 17:35)	<i>Por nada. Tchau.</i>

ANEXO 5

Transcrição - Entrevista Tereza de Benguela

Pesquisadora (0:05 – 2:05) – Então, vou te explicar. É o seguinte, a minha dissertação é voltada para os negros surdos. Então, eu fiz a entrevista com alguns surdos, para falar a respeito da vivência deles como negros surdos. Se possui algum impacto na Libras, por exemplo, se a Libras é diferente. E, também questões que envolvem o racismo, como que eles se veem em relação a sua identidade social. E aí, em reunião com minha orientadora, pensamos em incluir a voz dos Tradutores e Intérpretes de Libras negros através de seus depoimentos e suas narrativas, e assim, estou fazendo. Uma parte da minha dissertação eu falo dos TILSP negros e como que o racismo tem impactado na função dos Tradutores e Intérpretes de Libras. Então, dentro disso eu trago agora os depoimentos dos TILSP negros para falar a respeito desse impacto. E aí, tenho uma pergunta geradora, que é a seguinte: “O que o racismo tem impactado você como Tradutor(a) e Intérprete de Libras negres? Você acha que tem algum impacto na sua profissão, dentro do seu ambiente de trabalho, na sala de aula? Você acha que tem algum impacto?”

Tereza de Benguela (2:08 – 2:12) – Espera aí... Deixa eu tirar um negócio do meu rosto que está aparecendo na minha tela. Luana?

Pesquisadora (2:13 – 2:13) – Oi!

Tereza de Benguela (2:15 – 3:02) – Ah, não... Eu apertei aqui e a tela diminuiu, esperai...

Risos...

Esperai... Agora foi. Então, é como você falou a respeito da roupa, pois, já tive várias “dicas” de pessoas falando assim: - Ah, as vezes fica melhor você usar um tom de blusa mais claro para ficar melhor no vídeo, por exemplo. Eu não levei isso como uma questão de preconceito, mas, isso envolve a cor da minha pele.

Pesquisadora (3:03 – 3:03) – Sim...

Tereza de Benguela (3:04 – 3:26) – Então, vamos dizer assim, que a pessoa me deu uma “dica”, e eu achei Ok. Nós temos que fazer o melhor possível para enquadrar bem para ter uma boa imagem, mas, querendo ou não, isso está relacionado também a cor da minha pele. Então, eu acho que o tom de roupa que combina ou não, também tem relação com isso, neh.

Pesquisadora (3:27 – 3:27) – Hurum (concorda).

Tereza de Benguela (3:28 – 3:34) – E, também tem a questão do cabelo, pois quando temos o cabelo crespo, temos que fazer o máximo possível para ficar bem preso.

Pesquisadora (3:35 – 3:35) – Hurum (concorda)

Tereza de Benguela (3:36 – 3:50) – Para não chamar a atenção. E, você falou também do uso de brinco, acessórios, essas coisas, também. Algumas pessoas falam que não pode unha pintada. A minha sempre está pintada.

Pesquisadora (3:51 – 3:51) – Risos...

Tereza de Benguela (3:52 – 4:10) – E pensando mais.... Com relação ao gênero, eu já senti mais. No trabalho atual tem alguns professores que não dirigem a palavra a mim, se dirige para o companheiro intérprete do sexo masculino.

Pesquisadora (4:11 – 4:11) Hurum (concorda).

Tereza de Benguela (4:17 – 4:37) – Mas, você sente que teria algum preconceito voltado para as questões que você relatou, sobre gênero? O professor, prefere direcionar a palavra para o intérprete de Libras homem, por causa que talvez você não saberia responder?

Tereza de Benguela (4:38 – 5:03) – Isso que eu sinto. Por ser mulher e o intérprete homem, e às vezes também quando tem algum vídeo para ser gravado, o professor envia diretamente para o intérprete homem, não passa por mim. E, também às vezes em sala de aula, faz alguma pergunta, mas, dirige para o intérprete. Então, eu acho que tem um preconceito sim de gênero mesmo.

Pesquisadora (5:04 – 6:19) – Sim. Falando agora a respeito da neutralidade do Intérprete de Libras. No código de ética sabemos que tem a questão da neutralidade, a cor da roupa, o cabelo deve estar arrumado... Você acha que isso pode soar como um preconceito ou como uma forma de regular ou padronizar o Tradutor e Intérprete de Libras? Por exemplo, você acha que no código de ética pode ter um preconceito quando fala dessa regulação ou da neutralidade, de estar com o cabelo amarrado, de estar com uma cor de roupa tal, pois certos adereços podem desviar a atenção do surdo que está recebendo a informação?

Tereza de Benguela (6:20 – 6:46) – Eu acho que pelos dois lados. Acho que é um preconceito sim, quando, por exemplo, não é uma regra, mas, falam assim: - Ah, é intérprete de Libras, a maioria usa roupa preta. E, não é uma regra usar roupa preta. Por exemplo, eu sempre usei preto. Mas, quando uma pessoa chega e fala que o preto é bom, mas, que às vezes eu poderia usar um tom de roupa mais claro para ficar melhor...

Pesquisadora (6:47 – 6:48) – Para dar o contraste com a pele.

Tereza de Benguela (6:49 – 6:53) – Isso. Para dar o contraste com a pele. E, isso para mim já é uma situação de preconceito.

Pesquisadora (6:54 – 7:24) – Sim, sim. Entendi...E, em alguma situação você já percebeu ou já sofreu algum tipo de racismo ou preconceito? Em situação dentro do ambiente de trabalho, em algum momento que você estava fazendo uma interpretação, algum olhar já foi direcionado para você e se sentiu discriminada?

Tereza de Benguela (7:25 – 8:22) – Diretamente, assim olhares eu nunca percebi. Mas, já teve uma situação, por exemplo, foi em uma aula na área de humanas, em que o professor estava falando sobre essa temática, sobre etnia, cultura... Aí o professor usou a imagem de uma mulher e de um homem, para falar que as pessoas são vistas como menos do que os outros, por ter a pele negra e por ter o cabelo crespo. Então, ele usou-me como exemplo. E eu estava interpretando no momento dessa aula. E, eu senti que ele estava falando de mim. Por que meu cabelo é cacheado, minha pele é negra, ele me utilizou como exemplo. Então, acredito que isso pode ser um preconceito.

Pesquisadora (8:23 – 8:52) – E em relação a performance na Libras. Você acha que sinaliza diferente de outros intérpretes? Você acha que tem alguma diferença? Você acha que sua sinalização pode ser diferente em relação a sua identidade social? Você como negra?

Tereza de Benguela (8:53 – 10:56) – Eu acredito que a sinalização tem a ver com o conhecimento que a pessoa tem. Se você é uma pessoa que lê muito, se você se esforça, se dedica, pesquisa, isso vai te dar bagagem para o momento da interpretação. Assim, como eu conheço intérpretes negros que são fluentes em Libras, muito capacitados. Também conheço intérpretes brancos que não tem fluência. Mas, acho tudo isso tem a ver com o conhecimento, com os estudos. Mas, ao mesmo tempo, brancos, vamos dizer assim, são privilegiados socialmente que os negros. Os brancos têm mais acesso aos conhecimentos, eles têm mais

acesso aos meios de informação, frequentam os espaços diferentes, têm oportunidades diferentes. E essas oportunidades fazem com que a sua bagagem seja de mais qualidade, do que de uma pessoa negra, que são de baixa renda e que não tem tantos acessos ao conhecimento e às informações. Então, depende do conhecimento, mas, pensando socialmente, com as questões de classe há uma influência sim.

Pesquisadora (Complemento com o áudio do WhatsApp) - Sim. Mas, em se tratando da performance, volto a esta pergunta. Você como negra, sua identidade negra, você acha que existe algum sinal que possa ser diferente ou que você realiza a sinalização diferente, mas por você ser negra, ou a sua performance na Libras ela é diferente? Você tem uma performance diferente em comparação ao intérprete de Libras branco, que possui uma identidade e uma cultura diferente da sua?

Tereza de Benguela (0:54 complemento com o áudio do WhatsApp) – Então, sobre a performance, eu acredito que sim, pois, eu carrego a minha cultura, a minha identidade e é pertencente ao meu corpo. O meu corpo traz traços negros e isso faz parte do meu estilo. Então, isso influencia também. Por exemplo, quando tem alguma palestra ou evento em que a temática é voltada para os negros, sempre escalam os intérpretes negros, para poder representar dizendo que ali é o nosso espaço, nosso lugar de fala. Então, eu acredito que sim.

ANEXO 6

Transcrição - Entrevista Dandara dos Palmares (via whatsapp)

Boa noite, respondendo então à pergunta. O racismo ele impacta e impactou minha atuação como intérprete de uma forma mais silenciosa, de uma forma velada. No primeiro momento, o intérprete é um profissional que está à frente. Ele não é um profissional que trabalha nos bastidores, ele trabalha a frente do evento, do momento que está acontecendo, ele está sempre a frente. E aí, a gente é muito exposto, então, não tem como esconder a nossa cor, a nossa etnia. E aí, o primeiro impacto que eu percebi quando comecei a atuar como intérprete numa instituição de ensino superior foi o estranhamento que as pessoas têm, o olhar que as pessoas te mostram. Então, a sua presença às vezes gera um estranhamento, neh. Tipo: - Quem é essa aí que está no palco?

Porque muitas vezes a gente interpreta em palco. Então, eu percebi olhares de estranhamento. Na escola pública, nas escolas do estado eu não percebi tanto isso, não percebi. Se o racismo aconteceu foi de uma forma muito velada. Mas, dentro de uma instituição de ensino superior lidando com outro público, eu já percebi olhares de estranhamento.

E aí, uma situação que aconteceu comigo, que me deu a ideia de um racismo na instituição que eu trabalhava (que você bem sabe). Houve um momento de uma gravação de um vídeo institucional que seria reproduzido em diversos eventos, neh. E, eu já estava atuando, fui a primeira intérprete a entrar na instituição e eu não fui convidada para fazer esse vídeo. Se eu estava com pouco tempo ou se eu já estava atarefada com outras questões, ninguém me perguntou. Eles simplesmente convidaram uma intérprete que tinha chegado recentemente. Essa intérprete é branca e ela gravou esse vídeo institucional. E naquela ocasião eu me perguntei: - Poxa, eu cheguei primeiro, poderiam ter me perguntado se eu tinha interesse em fazer o vídeo. Porque é um vídeo representando a instituição, vai aparecer em diversas situações oficiais e tal... E nesse momento eu senti assim: - Será que a instituição não quer um rosto negro fazendo a interpretação desse vídeo? Porque é algo que é reproduzido em vários eventos, em vários momentos. Talvez tenha sido neh. Ou talvez foi porque a gente mesmo fica com medo de julgar. Fica com medo de ficar vitimista, neh. Mas, acredito sim que o racismo, ele existe de uma forma velada. Ele existe pelas não oportunidades. Muitas vezes um profissional negro, alguns são chamados, ou algumas oportunidades não são feitas a ele. E

isso vem de uma forma muito discreta. Ele não é escolhido para determinadas situações. Então, eu vejo que aí tem um certo racismo. Algumas oportunidades não são dadas.

É isso. Espero ter colaborado.

E falar com você que houve um racismo de uma forma descarada e escancarada, uma situação tipo: -Você não pode entrar aqui, você não é bem-vindo aqui. De uma forma escancarada, não aconteceu. Mas, de forma velada, a gente percebe. E não é um sentimento de vitimismo, é uma coisa que a gente vê sim. Por que eu não? Porque fulano sim? Neh. Em alguns espaços e tal... – Porque fulano sim, e o outro que é negro, não? Então isso é percebido sim de uma forma discreta.

ANEXO 7

Transcrição - Entrevista Antonieta de Barros

Áudio de Whatsapp (3:45)

Primeiro vou me apresentar. Meu nome é Antonieta de Barros, tenho 26 anos, formei em Ciências Sociais – Licenciatura e Bacharelado. E, recentemente, defendi minha dissertação em Linguística Aplicada pesquisando sobre a dicionarização da Libras.

Eu comecei a trabalhar e aprender Libras e a trabalhar na área de inclusão de surdos desde junho de 2017. E, em setembro de 2020 eu comecei a atuar como intérprete voluntária em uma instituição religiosa, e até então tenho trabalhado na interpretação de músicas, pregações e a minha atuação é um pouco curta, em relação ao período das apresentações, se uma apresentação dura 1h, geralmente eu interpreto 30 min. Dura 1h30min perdão...Então, geralmente eu interpreto 30 min. Vez ou outra, revezo para interpretar um pouco mais, mas geralmente são 30 min de atuação.

Eu vejo até então poucas nuances do racismo na minha atuação como intérprete. Mas, uma delas diz respeito às falas relacionadas a cor da roupa e organização da transmissão. Por exemplo, eu tenho dificuldade de ter roupas que ficam adequadas na hora de organizar o Chroma key, para fazer a interpretação e já ouvi falas do tipo: - Aaa porque quando a pessoa tem a pele clara, como a do fulano é mais fácil de organizar e tal...

E, é como se desse mais trabalho, digamos assim. Porque tem que ficar regulando, se eu troco com o intérprete branco, e isso por questão de técnica, é óbvio, tem que realmente mudar. Mas, as reações são de que isso dá mais trabalho.

Eu por enquanto não tive nenhum impasse grande em relação a minha cor. Eu percebo que (desculpa) interpretar em lugares com baixa luz também é complicado, mas, até então não houve reclamação ou falas diretas em relação a minha cor e etc...

Então, eu não sei identificar outras questões a não ser essa de regular, configurar o chroma key (não sei se é assim que fala).

Mas, enfim, é uma necessidade muito grande ter roupas de cores específicas para conseguir participar e ser transmitido. Então, gera um constrangimento, porque eu não tenho uma

variedade de roupas com cores específicas, é algo que preciso adquirir, mas, eu não estou conseguindo. Mas, enfim, esse é o meu maior impasse até então.

ANEXO 8

Transcrição - Entrevista Laudelina de Campos Melo

Pesquisadora (0:11 – 02:29) Vou te explicar como que estou desenvolvendo minha pesquisa. Inicialmente, a minha coleta de dados, como já havia comentado para você, é com os negros surdos. E, aí a minha pesquisa volta-se para a identidade social dos negros surdos e se a Libras impacta na língua, se existe algum impacto na língua com relação a essa identidade social deles como negros e surdos. Então, dando continuidade estamos coletando comentários ou narrativas voltadas aos tradutores e intérpretes de Libras. E também falo a respeito do gênero. Porque no nosso código de ética de Tradutores e Intérpretes de Libras tem toda a questão voltada para a neutralidade do Intérprete, de sempre estar como o cabelo amarrado, de estar com a cor de blusa mais neutra. E ao longo da minha pesquisa, eu vi que isso impacta mais nas Tradutoras e Intérpretes de Libras, devido, ao seu cabelo, por exemplo, o uso de um adereço de um brinco, em relação a religião, ao esmalte e isso realmente impacta em nós. Então, percebemos essa questão do racismo dentro da nossa função como Tradutoras e Intérpretes de Libras.

A pergunta geradora é a seguinte: “O que o racismo tem impactado você como tradutora e intérprete de Libras negra?” Dentro do seu ambiente de trabalho, isso impacta na sua função?

Laudelina de Campos Melo (02:30 – 8:31) Então, porque eu resolvi conversar com você. Pois, é uma pergunta difícil. Porque, nós trabalhamos com surdos e sabemos que é um grupo marginalizado, excluído, então, a situação fica difícil, porque, é difícil perceber se tem ou não o racismo. Eu não percebi durante esses 3 anos que eu tenho trabalhado. Eu trabalhei no ensino fundamental, médio e agora ensino superior. E as impressões são muito parecidas. Só aumenta o nível de dificuldade do trabalho. Mas, o que acontece, é difícil de perceber se existe a questão do racismo, porque, o surdo querendo ou não já é rejeitado. O negro tem essa questão também, ele passa por esse processo de rejeição. Então, o negro passa por rejeição, o surdo também passa. O intérprete em si, como profissional, seja ele branco, loiro ou negro e as minhas experiências e contatos que estou tendo com profissionais do todo o Brasil nesse período de pandemia, eu vejo, assim, que as minhas experiências são as mesmas independente se é branco. Então, por questões de dificuldades e barreiras e de desrespeito, pois, a falta de respeito que eu percebo que existe com o intérprete, existe comigo e com os outros. E, outra coisa, se não conseguimos identificar se tem ou não o racismo, é por questões que a gente já

luta dentro da comunidade surda. Essa dificuldade com o surdo. Então, pela questão da rejeição, eu sinto que não existiu, pelo trabalho com a comunidade surda. Então, eu não percebi em algum momento sobre o racismo comigo ou com algum dos alunos que trabalhei, porque ele também era negro. Então, as questões de preconceito que observei no meu trabalho, foi questão de olharem para a profissão de intérprete de Libras como algo de como estivesse ali somente repetindo, só fazendo gestos. E as pessoas não entendem a Libras, as dificuldades e as necessidades de estudos para a tradução e interpretação, para a preparação do trabalho. E, sobre a questão do racismo, eu não percebi. Mas, no ensino médio eu tive a oportunidade de ouvir algo de um professor. Que achei interessante a forma que ele falou. Era um professor de história, que me utilizou como exemplo na sala de aula. Mas, ele usou como algo positivo. Ele disse para os alunos: “- Olha só, como o nosso processo histórico de escravidão, o que isso tem influenciado nos cargos públicos. Olha só a única negra que temos na escola, é a Intérprete de Libras. Vocês já pararam para pensar sobre isso?”

O professor estava explicando sobre a escravidão e eu achei muito interessante me mostrar como exemplo, mas, não de uma forma pejorativa, como uma forma de mostrar para os próprios alunos a dificuldade que tem de um negro ocupar um cargo público. Cargos que são de importância. Então, eu achei bem legal. Achei muito interessante, porque, ele falou assim: “- Vocês já repararam que seus professores não são negros? Então, tem a intérprete.” Isso achei bem legal.

Mas, uma coisa que eu reparei é uma questão até particular e que inclusive, outra pessoa que tenho contato também já comentou. É a respeito da vestimenta dos intérpretes. Porque, o ser humano não olha o interior da pessoa. Muitas vezes eles olham o que está por fora. Assim, eu observei que alguns professores, voltam-se para os intérpretes com um olhar de indiferença, devido suas roupas, seria um olhar a quem. Pois, algumas pessoas dão valor aquilo que estamos mostrando, como a roupa.

Eu estou começando a trabalhar no ensino superior e eu fui para um local em que não conhecia o espaço. Ai, ao ir para esse local que é outra cidade da que moro, coloquei roupas mais legais para trabalhar e mais neutras, neh. Roupas que eu me apresentasse melhor. Ai, quando eu cheguei no local que era uma federal, porém, as pessoas eram super simples. E, eu comprei roupas, mas, não tive coragem de usá-las, porque o local era diferente daquele que eu imaginava. Então, eu tinha que me vestir no nível deles.

Eu percebi que em alguns espaços as pessoas davam mais valor para a imagem, eles olhavam diferente para os intérpretes. Isso foi algo de experiência que eu tive e que outras pessoas também comentaram comigo. Falando coisas do tipo: “- Ah, os intérpretes podiam andar mais arrumadinhos. Eles só andam de preto. Por que tem que ser somente de preto?”

Essa é uma crítica com todos os intérpretes, sendo eles branco, negro o comentário sempre é o mesmo. E, com relação as roupas, já ouvi comentários que “os intérpretes andam meio jogados, deixado de lado”.

Essa é uma questão que mexeu e ainda mexe muito comigo, uma experiência vivenciada por mim. Sobre as vestimentas dos intérpretes as pessoas questionam: “-Por que só ficam andando de preto?”

Eu simplesmente respondo que não precisa ser só de preto. E, querendo ou não parece que convencionou o preto. Mas, vamos supor que a pessoa é negra, ela vai ter que usar uma roupa de tom mais claro, um rosa ou azul, um vermelho, para o contraste com a pele e com o fundo, isso explica também.

Outra questão que perguntam: “- Por que vocês usam a roupa sempre do mesmo jeito? Ou, por que vocês não podem usar esmalte colorido?”

Então, a questão é a aparência, o modo de se apresentar, como cabelo, unha e etc...

Essas foram as únicas questões que tive, mas, que não relaciona com a cor. A única vez foi na aula que comentei da aula de história, porém, a questão estava mais relacionada com a aparência, com a apresentação mesmo, porque, parece que eles acham que o intérprete é um pouco a quem.

Pesquisadora (8:31 - 8:43) E, esse olhar que você relatou, ele soou para você como um preconceito ou só foi um olhar de indiferença?

Laudelina de Campos Melo (8:44 – 15:10) Então, aí é que está a dificuldade em responder. Porque, o olhar para a comunidade surda de forma geral, até para quem trabalha com surdos, é diferente. Eu sinto que é diferente. Eu não sinto, assim... como já trabalhei na área de tecnologia da informação, que é uma área onde todos olham com mais prestígio, e eu era analista de suporte. E, inclusive eu trabalhava com instituições federais, eu dava suporte para as instituições federais de todo o Brasil. Todos os problemas que tinha no sistema, de gestão

de eventos, de recursos administrativos. Então, a experiência que estou tendo nesse período, é assim... como eu tenho experiências em outras áreas, quando é área de tecnologia da informação, porque é uma área que quase ninguém tem conhecimento, e quando aparece alguém com conhecimento as pessoas ficam admiradas, falam: - Uauuu, nossa você é inteligente.

Agora em relação ao intérprete, é diferente. O intérprete atende a quem? Ao surdo. E, muitas vezes o que eu sinto, das pessoas é que elas não veem a gente como alguém que não acrescenta em nada. Porque, para os ouvintes, muitas vezes não tem valor. Por isso, que é difícil separar, se as vezes ali tem o preconceito por questão de raça. Eu não consigo separar, porque como que vou saber se aquilo não é por conta dessa questão da comunidade surda, dos surdos em si, do trabalho que eu vejo que as pessoas não valorizam. Infelizmente, não dão valor. Assim, infelizmente não tem valor. Eu não sinto que as pessoas tratam os intérpretes como pessoas de valor. Eu não sinto isso de forma geral. E, como eu tenho contato com outras pessoas, e o tratamento é geral mesmo.

Em diversos espaços do Brasil, inclusive em grupos que eu participo, é a mesma coisa. Então, eu não consigo separar se tem o racismo ou não tem. Pode ser que tenha, e que esteja junto. Dessa forma, não consigo ver essa separação, por causa dessa experiência que estou tendo, em grupos que participo e contatos com pessoas de diversos locais do Brasil. E, por ser pessoas brancas, fiquei pensando, se existe um momento de preconceito. Porque, na verdade o preconceito está aí. Eu convivo com o preconceito. Só que a questão é, será que é por questão da cor, é por questão do trabalho que eles não veem nenhum valor, porque não são eles que estão recebendo meu serviço, é o surdo. E o maior interessado no meu serviço é o surdo.

O ouvinte está ali, e muitas vezes colocam o intérprete só por obrigação. Por exemplo, num momento de trabalho, o contratante me passa o material para estudo antecipado, parece que está passando obrigado, como se não gostasse de compartilhar o conteúdo. Então, por já ter isso, e é algo que já tem um preconceito ali, ou seja, o preconceito que já vivemos em nosso trabalho, essa questão da cor fica difícil, pois, será que é por causa da cor ou é porque já está envolvido com o preconceito com o surdo, que muitas vezes as pessoas dizem que ele é incapaz. As pessoas pensam o seguinte: Assim, o intérprete está aqui para que? Está perdendo tempo, porque o surdo não da conta de nada, ele é incapaz, um deficiente, ele não tem inteligência. Então, será que é por isso que me tratam um pouco diferente? Então, é muito

difícil separar. Inclusive, até trabalhos em questões sociais mesmo, porque nós não temos apoio. Não temos apoio em trabalhos sociais com surdos. Inclusive de instituições que estão ali para prestar esse serviço. Então, tem instituições, vamos supor, para ajudar no desenvolvimento pessoal da pessoa, quando chega um deficiente o tratamento é diferente. Não é o mesmo tratamento para todos os tipos de deficiência.

Então, é bem difícil, porque as pessoas pensam o seguinte: tudo que é diferente e que não me agrega, eu rejeito. Não está me agregando em nada, eu rejeito. E eu saí de grupos que as pessoas tinham esse vocabulário. Elas falavam: Ande com pessoas que acrescenta, ande com pessoas que vai te ajudar a subir, ande com pessoas que vai agregar na sua vida, e se for alguém para se espelhar ande perto. Então, eu saí de grupos assim, por conta disso. Inclusive, eu pensei: se eu levar um surdo para esse grupo, que objetivo do grupo é ajudar pessoas? Sendo que a mente da pessoa é só andar com aqueles que agregam. E, se eu levar o surdo para esse grupo? Ele vai sofrer ainda mais.

Então, é uma situação complicada. Eu penso: E eu, o que tenho para acrescentar para ele? Porque as pessoas sempre procuram, algo em nós, o que tem a oferecer. Por mais que estejam na posição de ajudar, por exemplo, a partir do momento que eu entro numa instituição que é para prestar serviço comunitário, eu estou ali para servir, eu não estou ali para escolher ou para falar quem vai me agregar aqui, quem vai me dar mais, não existe isso.

Então, eu vim com isso na minha vida, e esse trabalho com a comunidade surda, e em tudo, todos os espaços que eu entro é assim. Em muitos espaços tem a rejeição, tem o preconceito, não gostar de apoiar ou outro, não gostam de compartilhar, não veem o intérprete como um profissional. Então, o preconceito está presente a todo instante, por isso, eu digo que é muito difícil separar se tem a questão racial envolvida, se é só a questão do surdo que é algo geral. É um tema que tem que pensar a todo instante. Eu não vou falar que nunca sofri nenhum tipo de preconceito. Ele está ali a todo instante. Agora uma parcela pode ser por causa da questão racial? Sim, pode ser. Eu não observei se é algo específico.

Pesquisadora (15:11 - 15:51) E, por exemplo, eu falei com você a respeito do código de ética, que fala a respeito da neutralidade em questão de roupa e tal...Dentro do código de ética, você vê que pode ser uma questão de padronizar todos os intérpretes? Porque nós somos diferentes, cada um tem a sua identidade, sua cultura, sua religião, então, dentro desse código de ética você acha que existe um pouco dessa regulação, para regular ou padronizar o TILS?

Laudelina de Campos Melo (15:52 – 15:57) De certa forma esse código é uma forma de padrão, neh.

Pesquisadora (15:58 – 16:18) Sim, mas essa neutralidade não é uma regra, certo? Assim, ela não está realmente imposta, nós que “pegamos” e daí nós seguimos o que todo mundo está seguindo. Você acha que tem essa questão?

Laudelina de Campos Melo (16:20 – 17:30) Creio que de certa forma sim. Tem essa questão do padronizar. Porque, tanto que, por exemplo, uma vez eu usei uma blusa branca para interpretar, pela minha cor eu posso usar uma blusa branca. Então, o que aconteceu, uma surda comentou em um vídeo. Porque tenho um vídeo de uma associação que interpretei como voluntária, e a surda foi lá e comentou dizendo que eu como intérprete não podia usar blusa branca. Nisso vemos que sim, eles querem colocar o intérprete numa caixinha. Eu pensei assim: Poxa, tipo assim, como assim? Ai um intérprete que era famoso que era amiga da diretora da associação respondeu: Não tem nenhum problema o tom da blusa ser branca, não tem que ser somente preta. E a surda tinha falado que eu deveria estar de blusa preta. Então, querendo ou não se isso não for bem falado ou bem explicado vai criar sim, essa questão de padrão, que deve se assim e pronto. Inclusive, esse comentário já mostra isso, como que a mente da pessoa já está cauterizada com essa questão, que o interprete tem que usar roupa preta.

Pesquisadora (17:40 – 18:23) Realmente, tem isso mesmo e a gente acaba por tomar aquilo para si, e se, por exemplo, eu quiser utilizar um brinco maior para poder fazer uma interpretação, porque eu gosto, não é uma regra, mas, eu não posso porque aquilo já é imposto que o intérprete não pode utilizar um brinco grande ou não pode usar uma unha pintada de vermelho porque aos olhos do que é padrão vai interferir na tradução ou interpretação, neh.

Laudelina de Campos Melo (18:24 – 20:09) Sim. Eu tive uma experiência que acho que é bacana. Foi no ensino médio, eu sempre ia com esmalte neutro, usava esmalte nude com frequência. Ai, uma surda falou comigo assim: - Por que você só usa esse esmalte, é muito feio. Eu não gosto. Aí, eu falei assim: - Eu expliquei para ela que tem o código de ética e que eu preciso respeitar. Aí, ela falou que não, que era feio e não gostava. E ela me mostrou um esmalte rosa. Aí, eu aproveitei, comecei a usar rosa. Toda vez que eu ia arrumadinha e com a unha bem feita, porque ela cobrava também a questão da roupa, e dependendo da roupa que estava ela criticava. Então, eu tinha que estar sempre bem arrumada e com a unha bem

feita. Então, a surda criticou o esmalte, sendo que eu estava seguindo a regra, porque ela desconhecia. E isso é uma coisa interessante, porque uma coisa é o surdo conhecer e o outro que não conhece? Então, ela gostava que eu ia mais arrumada, com a unha feita e quando eu cheguei a ir com a unha sem fazer ela criticou. Ela falou: - Nossa, sua unha está feia precisa fazer. Então, já aconteceu isso comigo.

Pesquisadora (20:10 – 21:25) Mas, também isso mostra a questão de um certo “padrão”, ou seja, o intérprete tem que estar sempre bem arrumado, bem visto, porque também nós estamos sempre expostos, neh. Então, existe essa questão também. Se você fosse sempre com a mesma roupa, calça preta e blusa preta, ela ia falar, como forma de um “padrão” que é dela. E, dentro do ambiente de trabalho, como você está atuando no ensino superior e você relatou sobre a situação no ensino médio. Com relação ao ensino superior você teve alguma questão que possa soar como um preconceito, quando você estava trabalhando em dupla, com alguém ou um professor direcionar para a pessoa que está atuando com você e te ignorar? Você já teve alguma questão sobre isso?

Laudelina de Campos Melo (21:26 – 24:13) Então, minha experiência no ensino superior foi uma situação atípica. Eu comecei a trabalhar uma semana antes da pandemia. E quando iniciou a pandemia a maior parte do meu trabalho está sendo online e a maioria das aulas estão sendo gravadas. Então, querendo ou não a gravação e essa questão do a distância, de vídeo, ela inibe muitos comportamentos. O comportamento que vou ter fora da câmera ou na frente dela com certeza vai ser diferente. Então, não teve essa situação com intérprete e inclusive nem teve tempo de conversar. Os professores sempre cumprimentavam a gente, falava bom dia ou boa tarde. E a gente fazia o nosso trabalho, fazia nosso revezamento, e só isso. Por e-mail, também a partir do momento em nos conhecem nós tratávamos bem. Mas, é uma situação totalmente diferente por conta da pandemia, por não ser possível e nem dar tempo para ver ou ter algum acontecimento naquele espaço. Mas, querendo ou não tenho a experiência da questão de roupa, de aparência, sim. Foi um comentário de um aluno. Toda vez que eu chegava mais arrumadinha, com roupa diferente...E no outro dia estava muito frio e coloquei uma blusa de frio, tudo neutro sem espanta nenhuma. Então, ele sempre comentava: - Nossa você está muito bonita, nossa gostei da sua roupa. Muito bem organizada. Outra vez que fui com uma blusa preta e que tinha uma telinha na frente e tinha uns desenhos de flores vazadas da cor da blusa, ele chegou até mais perto de mim e falou: - Nossa que bonita, com flores, muito bonito, gostei. Ele sempre falava comigo e não falava com a outra intérprete.

Isso foi uma coisa que percebi. E, isso aconteceu também no virtual, várias vezes. E mesmo no ensino virtual, eu percebi que aconteceu.

Pesquisadora (24:14 – 24:24) Entendi. Estou satisfeita com suas considerações. Acho que temos bastante material para ser analisado.

Laudelina de Campos Melo (24:25 – 26:57) Que pode gerar outras questões, eu acredito que sim. Eu comentei isso com você porque pode gerar outras pesquisas. Porque, será mesmo que tem essa questão? Neh. Em um local que trabalhei, por exemplo, tinha pessoas brancas, e a única da minha cor mais ou menos, mas, tinha o cabelo liso, rosto com traços finos. Então, eu cheguei lá e senti que teve um preconceito muito grande. Era numa loja, e eles olhavam para mim dos pés a cabeça e falou que eu não poderia trabalhar naquele local. E não pegaram meu currículo, não pegou, e falou que eu não fazia o perfil da loja. Eles nem conversaram comigo, não pegou meu currículo e não fez entrevista. Isso aconteceu em 2012. E passado tempo, uma funcionária de lá que me conheceu, me indicou para uma outra vaga, nessa mesma loja, era para uma vaga de assistente administrativo. Aí eu ficava no escritório. Eu senti preconceito com relação a tudo, porque sou negra, meu cabelo não é bom. Aí, já veio tudo aquilo na minha mente. Só que para uma outra vaga eu já fui, na mesma loja. Só que, chegando lá, o que eles fizeram comigo!? Quiseram mudar minha roupa, meu cabelo, falaram para eu ir no salão, fazer minha unha. Só que naquela época eu não tinha costume e nem tinha dinheiro para isso. Então, eles não aceitaram minhas roupas em hipótese alguma. Eles não aceitaram e começaram a fazer alguns bazares. A minha chefe usava a roupa uma vez só, tipo usava uma única vez e depois vendia para nós da loja. A loja era uma boutique e uma bermuda lá custava em torno de 400,00 reais, isso era no ano de 2012. Uma camiseta regata basiquinha que compramos por no máximo 40,00 reais, lá ela vendia por 150,00 reais. Então, era muito dinheiro, e eles forçaram muito para tentar me mudar, eles não aceitaram meu estilo. Então, nós Intérpretes de Libras estamos ali expostos para o público grande, estamos prestando o serviço para o surdo, nós focamos é no surdo. Porque ele é o maior interessado no nosso serviço, porém, o serviço é para todos. Porque eu interpreto para o professor, para os alunos e querendo ou não, o serviço é para todos, não só para o surdo. Só que o surdo é o maior interessado.

Pesquisadora (26:58 – 28:55) Essa questão é muito engraçada, porque, assim, como nós temos muito essa questão da padronização, do cabelo e tal..., eu nunca fui de colocar trança

neh, eu sempre tinha o desejo, e de certa forma eu não conhecia nenhum intérprete de Libras com tranças, e eu ficava com esse pensamento na minha cabeça. E, uma certa vez eu fui e perguntei à duas amigas intérpretes o que elas achavam de eu colocar as tranças. E, após minha pergunta, houve aquele silêncio, tipo assim, eu mostrei a foto e falei que estava doida para colocar, e simplesmente, cortaram a conversa e não me responderam. Naquele momento eu não pensei em nada. Mas, depois você vai refletindo de como que as pessoas tem um pré-conceito com relação ao cabelo também. Tipo: Você não pode utilizar porque talvez vai chamar a atenção ou você não vai conseguir prender o seu cabelo para poder estar num palco, numa palestra ou em determinado ambiente. Então, não que seja um preconceito, mas, que tem um julgamento por detrás disso, neh. Então, depois que fui ter conhecimento de intérpretes que usam turbantes no momento da interpretação mesmo, que pode ser devido sua religião, utilizam a sua identidade da forma que é mesmo. É que a gente pensa com relação a isso, então, a questão de roupa, o cabelo tudo realmente tem relação.

Laudelina de Campos Melo (28:58 – 32:31) Sim... Eu tento sempre ser eu. Querendo ou não eu mudei um pouco. Por exemplo, eu sempre usei brinco grande, sempre, aquelas argolas gigantes. Aí comecei a trabalhar como intérprete, e no início foi muito difícil, porque eu tive que me negar, por conta dos esmaltes que eu amo, esmalte colorido e os brincos grandes. Então, no início foi muito difícil para mim. Porque hoje eu já acostumei. Mas, com relação ao cabelo também, até a forma da gente... Já aconteceu comigo também essa questão do cabelo, de como amarrar ou como prender, isso já vi muitas críticas do surdo. Ver falas como, por exemplo: - Ah, não coloca o cabelo assim não, porque eu não gosto do cabelo assim. Eu não gosto que você amarra seu cabelo assim. Já vivenciei isso. Inclusive, no momento eu respirei fundo, e simplesmente quando eu queria ir com o cabelo daquela forma, sem atrapalhar na interpretação e no meu trabalho, eu ia. E eu colocava um coque no cabelo. E o surdo falava: - Não gosto de coque. Ele gostava que eu ia com o cabelo solto, com o arquinho, isso era da forma que eu tinha que estar. Ou com o cabelo solto e prender em cima, ou seja, escolhia a forma que eu deveria estar. Mas, o coque quando eu fazia, colocava-o mais em cima da cabeça, não gostava. Então, por isso que eu falo, eu já tive experiências muito fortes com relação a roupa. Inclusive na minha infância. Minha família não tinha condições de comprar. Na verdade, com 10 anos de idade eu comecei a trabalhar vendendo picolé e com 11 anos eu era babá, eu fazia faxina também. E era eu quem comprava minha mochila e meu caderno. Então, desde a minha infância era só eu, e também eu não tinha roupa. Uma vez eu ia numa

festa e a minha amiga queria muito que eu fosse, porém, falei que não tinha roupa para ir, era um show na praça de uma dupla sertaneja... nem lembro o nome. Aí eu falei, não tenho roupa. E ela falou: - usa a minha. Só que ela era muito magrinha e a roupa não serviu. Aí fomos para a casa de outra pessoa e a pessoa me emprestou uma roupa novinha para eu ir. Aí ela chegou na casa da avó dela e falo: - Olha Vó (detalhe que a família era toda branca). Eu cheguei lá, porque eu sempre andava mau arrumada, neh. Ela olhou para mim, e falou: - Bonita com a roupa dos outros (risos). E, isso porque eu era uma criança. Mas, aquilo me marcou. Hoje já estou curada, já. Mas, assim, me desprezou. E, eu lembro da imagem até hoje. Então, eu já tive muita experiência, com questões da imagem. Em alguns espaços que fui e até hoje, na realidade, várias pessoas julgam a gente pela roupa, igual você falou, pelo cabelo, como você coloca-o, como você usa um brinco. Tem muitas coisas e muito preconceito. É difícil você saber se é por causa da cor ou se (...) tá junto, se não está. Porque o preconceito está ali o tempo todo.

Pesquisadora (32:33 – 33:23) Está ali o tempo todo e muitas vezes a gente não consegue distinguir, neh. Eu tenho, realmente um sério problema (...) de distinguir, na verdade eu não conseguia. Hoje eu tenho mais estudo e mais conhecimento também para poder saber o que realmente é um preconceito é o que não é. E, aproveitando quero lhe fazer uma pergunta. Por exemplo, em relação a sinalização, você acha que você sinaliza diferente de um intérprete de Libras branco? Ou seja, você acha que existe a diferença na Libras devido sua identidade social mesmo, como negra?

Laudelina de Campos Melo (33:25 – 38:46) Eu vejo que a diferença existe de um intérprete para outro, mas, eu observo a vivência e os espaços que as pessoas estão inseridas, ou onde eu estou inserida. Qual é o contato dele, qual o contato, qual a formação. É totalmente diferente. Então, é o que eu observo nas pessoas que eu tenho contato. É questão de oportunidades e espaços e a formação também. A questão da cor (...), eu vejo intérpretes negros e penso: Meu Deus (com expressão de admiração). Eu Belo Horizonte tem alguns intérpretes negros, em Santa Catarina tem outros, que são ótimos. Já vi um intérprete negro trabalhando em uma live, que é um dos melhores intérpretes do Brasil. Ele usa tranças também. Então, existe a questão da sinalização e eu acho que são questões de oportunidades, contato com os surdos e a formação da pessoa. Além, da questão social porque cada um está em um nível e experiência também. Eu, querendo ou não, terminei o curso básico tem muito pouco tempo foi em 2018. A experiência profissional mesmo eu estou em processo. Porque tem pouco tempo que eu

terminei o curso básico. Só que nesse período todo, eu mergulhei, porque tudo que tive de oportunidades de ter contato com surdos, eu busquei. Por que eu amei realmente trabalhar com a Libras. Então, tudo que tem eu estou ali, e na oportunidade também que agora tenho um salário melhor eu estou investindo em mim. Porque antes eu não tinha condições de investir. Eu era bolsista do CELIB, eu não tinha nem emprego. Então, assim é algo que eu queria muito em poder fazer alguma coisa com a UFV, eu quero, se você até quiser participar (...). É essa a minha experiência, porque, no passado eu era marginalizada, eu não estava a margem da sociedade. Eu não tinha uma boa oportunidade de emprego. E a questão de acessos aos cursos, conseguir me profissionalizar, eu não tinha dinheiro para pagar. Então, através desse projeto, de possibilitar bolsas para a comunidade, eu tive acesso, eu aprendi uma nova língua que é a Libras. Através dela estou colaborando com a comunidade surda. Eu recebi, mas eu estou ofertando, porque ao mesmo tempo que eu recebo também oferto as pessoas. Então, acho que isso seria algo para ter mais projetos assim, mais oportunidades, porque, eu tive oportunidades. Eu sai da linha da marginalização e hoje estou tendo a oportunidade. Estou dando mais visibilidade para o surdo, para o negro, para a mulher. Então, eu vejo esse projeto como algo que precisa ser copiado e estendido. Porque as oportunidades são poucas. E, se não fosse esses apoios, porque minha vida foi toda de apoio, eu nunca tive condição. E, como te falei, minha família também não tinha condições. Eu comecei a trabalhar com 10 anos, e minha família não tinha condições de comprar roupas, cadernos, um lapís para mim. Eu vivi sempre assim, se tinha uma oportunidade eu agarrava, fazia um curso ali, outro aqui. Meu curso técnico foi bolsa de estudos também. Eu até trabalhei com seu irmão, no qual foi uma benção na minha vida e é até hoje. Então, precisa de mais coisas para tirar o negro e o pobre daquela situação miserável e começar a dar lugar para eles. Por conta disso, que tive oportunidades de trabalhar com outros setores, e os olhares são totalmente diferentes, do olhar que tenho pela comunidade surda. Isso por causa da minha experiência em vários espaços, porque eu trabalhei em vários locais. Eu gosto de coisas diferentes, então estou sempre buscando coisas diferentes. Por isso, me identifiquei com a Libras, porque me desafia, eu tenho que aprender todos os dias, porque eu nunca estou pronta, eu sempre tenho que estudar coisas novas. E eu não gosto de rotina, se eu for trabalhar todos os dias com coisas iguais, eu saio, não consigo continuar. Então, a Libras me desafia, porque é sempre uma disciplina nova, sempre um conteúdo novo. Eu vou sempre estar com pessoas novas.

Pesquisadora (38:47 – 38:54) Você sempre vai estar conhecendo pessoas e estar em

constante formação também, neh.

Laudelina de Campos Melo (38:55 – 39:29) Isso. Eu acho que é isso. É a gente começar a ocupar espaços e você já está a cada vez mais na posição de influência contato com mais pessoas. Acho que é isso, dar o exemplo. Eu tenho para mim que eu sou um exemplo, de oportunidades que me foram dadas e que eu soube aproveitar. Porque se não tivesse me apegado a essas oportunidades eu não teria desenvolvido e nem teria ido a lugar algum.

Pesquisadora (39:30 – 40:01) Sim, sim. Também penso dessa forma. Em que as oportunidades que me foram dadas eu consegui agarrar e hoje a gente está buscando sim pela formação e qualquer oportunidade que temos tem que agarrar sim. Principalmente, nesse tempo de pandemia que também estamos tendo a possibilidade de formação.

Laudelina de Campos Melo (40:02 – 40:18) Por exemplo, estou fazendo um curso em São Paulo que se não fosse a pandemia eu nem saberia que existiria. E que está me ajudando muito. Então, através da pandemia, por ter dado oportunidade para tantas pessoas de vários estados, o que aconteceu, eles vão manter o curso online depois.

Pesquisadora (40:19 – 40:38) Que bacana. Isso é muito bom. Mais alguma coisa que você queira complementar?

Laudelina de Campos Melo (40:39 – 43:42) Acho que os pontos mais fortes que eu experienciei, como te falei, a vida me colocou em espaços que eu fui percebendo as coisas. Nos espaços tem a questão do preconceito? Tem sim. Só que muitas vezes, inclusive estou vendo muitos vídeos patrocinados para mim, que são referentes a isso mesmo. Como eu converso? Como quer se apresentar? Então, é uma coisa que o marketing está em cima. E, eu acho, inclusive é uma questão interessante, é que cada um com sua identidade busca apresentar da sua melhor forma, e isso não tem que ser externo. Mas, nós somos julgados pelo externo, porque as pessoas não olham para o que estamos sentindo, o que estamos pensando. Só veem o que está ali diante dos olhos deles. E querendo ou não a gente muitas vezes, ou nos adaptamos para ficar melhor naquele espaço ou a gente as vezes continua criando alguns tipos de barreiras que podem deixar de existir e essa questão da capacitação para mim é tudo. Porque a partir do conhecimento vai fazer a gente subir. Sair da zona de coitadinho, eu não consigo, eu não posso, eu não vou. Para uma posição que eu vou estar levando o conhecimento para os outros. Então, a partir do momento que eu tenho conhecimento, eu não

sou coitadinho mais. Eu tenho conhecimento, que é a única coisa que não podem me tirar. E pensar: - Ah, você é negro, não vai trabalhar na minha loja, você não é nosso perfil. Preciso refletir diferente: - Ah, se não tenho o perfil da loja, irei procurar outro caminho, vou fazer um concurso, um processo seletivo e trabalhar em outra vaga. Então, ok não sou perfil. Se você for ver os preconceitos que eu sofri, me deram a oportunidade para escolher outros caminhos. Se não fosse isso e alguns preconceitos que sofri em alguns espaços eu teria ficado lá, porque quando a gente se acomoda a gente fica. E quando as coisas começam a incomodar a gente arruma um jeito de sair fora. Sempre assim. Então, tira a gente da zona de conforto.

Pesquisadora (43:43 – 44:49) Então é isso. Agradeço muito pela sua entrevista. Irei fazer as transcrições e assim que finalizar retorno para você. Muito obrigada.